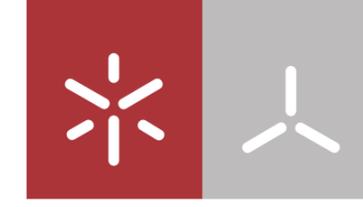


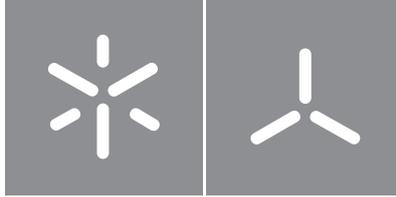


Francisca Manuel do Nascimento Guimarães

**Design, Feminismo e Cidade: Experiências
diurnas e noturnas de mulheres jovens em
espaços de lazer numa cidade portuguesa**

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design





Universidade do Minho

Escola de Arquitetura, Arte e Design

Francisca Manuel do Nascimento Guimarães

Design, Feminismo e Cidade: Experiências diurnas e noturnas de mulheres jovens em espaços de lazer numa cidade portuguesa

Dissertação de Mestrado

Mestrado de Design de Produto e Serviços
Design

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)

Professora Doutora Alison Burrows

Professora Doutora Paula Trigueiros

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-Compartilha Igual

CC BY-SA

<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Quero começar por agradecer às minhas orientadoras, Alison Burrows e Paula Trigueiros. Obrigada por todo o apoio e atenção que me deram. A minha experiência não teria sido a mesma sem vocês. Um imenso obrigado por me acompanharem nesta etapa, onde a minha aprendizagem foi gigante e por serem pessoas e professoras incríveis.

Obrigada aos meus colegas de curso, que desde o início me acolheram, acompanharam e ajudaram. Sem vocês, isto não seria o mesmo.

Quero agradecer aos meus pais e irmão, por me apoiarem e ajudarem a tornar-me na pessoa que sou hoje. Por sempre me ensinarem a lutar por aquilo que acredito. Vocês ajudaram-me a ser a pessoa que sou. Obrigada do fundo do coração.

À minha família, agradeço pela ajuda e apoio que me dão e deram desde de sempre. Muito obrigada.

Aos meus amigos, obrigada por estarem sempre presentes. Obrigada por me apoiarem, por me ouvirem, pela preocupação e pelos bons momentos que partilhamos.

Sem nenhum de vocês, eu não estaria aqui hoje! Obrigada por tudo!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

Esta dissertação analisa as experiências nos espaços de lazer de mulheres jovens, num contexto português, com o intuito de se perceber qual é o papel do design e como este pode agir sobre as experiências. Os espaços de lazer têm o objetivo de proporcionar um espaço onde as pessoas podem realizar atividades ao ar livre, estejam acompanhadas ou sozinhas, oferecendo um espaço que idealmente se adequa a todos os utilizadores. Porém, esta investigação revela aspetos negativos sobre o uso destes espaços por parte de mulheres, que por sua vez influenciam as suas decisões e o seu quotidiano. A revisão de literatura indica que os espaços de lazer, tal como outros serviços e produtos, são projetados para o utilizador padrão, que é o homem dito saudável. Isto faz com que todos aqueles que não se inserem neste padrão sejam frequentemente ignorados como utilizadores. Esta dissertação contempla uma pesquisa de campo qualitativa realizada com dez mulheres jovens que vivem na cidade de Vila Nova de Gaia, em Portugal, para explorar as suas experiências de espaços de lazer de dia e de noite. Os métodos incluíram Sondas Culturais e mais tarde, para complementar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelam que tanto fatores pessoais como elementos ambientais e da tarefa tinham efeitos nas experiências das participantes, variando individualmente e conforme seja dia ou noite. A par disto, os resultados traduzem uma realidade familiar para as mulheres: uma sensação geral de insegurança (por vezes inconsciente) em espaços públicos. E é este aparente lugar-comum que é particularmente interessante realçar. Embora as circunstâncias que contribuem para esta sensação possam ter soluções físicas simples à superfície, a verdade é que este é um problema social complexo e enraizado que persiste historicamente. Estes indícios sugerem a necessidade de se estudar formas efetivas de intervir neste âmbito, sendo que o Design nas suas vertentes ativista e crítica pode oferecer ferramentas para promover a consciencialização e empatia pelas experiências das mulheres. Com isto, fazem-se quatro propostas conceptuais, inspiradas em projetos existentes de Design Ativista e Design Crítico. Neste trabalho defende-se que, pela natureza multifacetada e sensível de problemas sociais como este, o Design deve procurar desafiar ativamente o status quo para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: Equidade de Género, Inclusão, Design Ativista, Design Crítico, Sondas Culturais.

ABSTRACT

This dissertation looks at the experiences of young women in leisure spaces, in a Portuguese context, in order to understand the role of design and how it can intervene in these experiences. Leisure spaces aim to provide a space where people can perform outdoor activities, whether accompanied or alone, by offering a space that ideally suits all users. However, this research reveals negative aspects about the use of these spaces by women, which in turn influence their decisions and their daily lives. The literature review indicates that leisure spaces, like other services and products, are designed for the standard user, which is able-bodied men. This means that all those who do not fit into this pattern are frequently overlooked. This dissertation comprises a qualitative study with ten young women who live in the city of Vila Nova de Gaia, in Portugal, which aimed to explore their experiences of leisure spaces during the day and at night. The methods included Cultural Probes and later, as a supplement, semi-structured interviews were carried out. The results showed that personal factors as well as environmental and task-related elements affected the participants' experiences, varying from person to person and depending on whether it was day or night. In addition, the results reflect a familiar reality for women: a general feeling of insecurity (sometimes unconscious) in public spaces. And it is this apparent commonplace that is particularly interesting to emphasize. While the circumstances that contribute to this feeling may have simple physical solutions on the surface, the truth is that this is a complex and deep-rooted social problem that has persisted over time. These signs suggest the need to study effective ways to intervene in this area, and Design in its activist and critical forms can offer tools to promote awareness and empathy for women's experiences. With this, four conceptual proposals are put forward, inspired by existing Design Activism and Critical Design projects. This work argues that, due to the multifaceted and sensitive nature of social problems like this one, Design should seek to actively challenge the status quo for a more inclusive and equitable society.

Keywords: Gender Equity, Inclusion, Design Activism, Critical Design, Cultural Probes.

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------------------|-----|
| 1. Introdução | 11 |
| 1.1. Motivação de Pesquisa | 11 |
| 1.2. Enquadramento da Problemática | 12 |
| 1.3. Plano de Investigação | 14 |
| 1.3.1. Objetivos | 14 |
| 1.3.2. Desenho da Investigação | 14 |
| 1.3.3. Contexto de estudo: Vila Nova de Gaia | 16 |
| 1.4. Estrutura da dissertação | 17 |
| 2. Revisão de Literatura | 18 |
| 2.1. Feminismo | 18 |
| 2.1.1. Sociedade Patriarcal | 18 |
| 2.1.2. História do Feminismo | 18 |
| 2.1.3. Desigualdades de Género | 24 |
| 2.2. Design e as mulheres | 32 |
| 2.2.1. A cidade | 32 |
| 2.2.2. Produtos e Serviços | 40 |
| 2.2.3. Design ativista e crítico | 47 |
| 3. Considerações Metodológicas | 52 |
| 3.1. Design Centrado no Utilizador | 52 |
| 3.2. Sondagens Culturais | 54 |
| 3.3. A Entrevista | 55 |
| 3.4. Storyboards | 56 |
| 4. Trabalho de Campo | 59 |
| 4.1. Método | 59 |
| 4.1.1. Seleção e recrutamento de participantes | 59 |
| 4.1.2. Recolha de dados | 60 |
| 4.1.3. Análise de dados | 66 |
| 4.2. Resultados | 67 |
| 4.2.1. Caracterização de participantes | 69 |
| 4.2.2. Fatores Pessoais | 69 |
| 4.2.3. Ambiente | 74 |
| 4.2.4. Tarefa | 84 |
| 4.3. Discussão | 99 |
| 4.3.1. Fatores Pessoais, Ambiente e Tarefas | 99 |
| 4.3.2. Estratégias e implicações do Design | 102 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3.3. Reflexões sobre o estudo | 103 |
| 5. Design em Ação | 104 |
| 5.1. Proposta conceptual 1: Aplicação de telemóvel sobre os espaços de lazer | 104 |
| 5.2. Proposta conceptual 2: Folheto irónico de instruções do uso de espaços de lazer para mulheres | 106 |
| 5.3. Proposta conceptual 3: Posters de provocação e protesto | 108 |
| 5.4. Proposta conceptual 4: Storyboard de design crítico | 110 |
| 5.5. Discussão | 111 |
| 6. Considerações Finais | 112 |
| 6.1. Conclusões | 112 |
| 6.2. Cumprimento de Objetivos | 113 |
| 6.3. Limitações | 114 |
| 6.4. Recomendações para trabalho futuro | 114 |
| Anexo A | 122 |
| Anexo B | 125 |
| Anexo C | 128 |
| Anexo D | 132 |
| Anexo F | 136 |
| Anexo H | 139 |
| Anexo I | 142 |
| Anexo J | 145 |
| Anexo K | 156 |
| Anexo L | 158 |
| Anexo M | 163 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1. Representação do modelo de Design Centrado no Humano com a identificação a verde das etapas abordadas nesta investigação (Interpretação da autora). | 15 |
| Figura 2. Desenho da Investigação com as várias etapas (realizado pela autora). | 16 |
| Figura 3. Instruções da Sonda Cultural, versão portuguesa (pág. 1). | 62 |
| Figura 4. Instruções da Sonda Cultural, versão portuguesa (pág. 2). | 63 |
| Figura 5. Instruções da Sonda Cultural, versão portuguesa (pág. 3). | 64 |
| Figura 6. Mapa Temático. Temas à priori. | 68 |
| Figura 7. Fotos do Auto Registo da participante Emília (chegada ao local). | 86 |
| Figura 8. Fotos Auto Registo da participante Emília (durante a visita). | 86 |
| Figura 9. Fotos do Auto Registo da participante Emília (saída do local). | 87 |
| Figura 10. Fotos do Auto Registo da participante Alda (chegada ao local). | 92 |
| Figura 11. Fotos do Auto Registo da participante Alda (durante a visita). | 92 |
| Figura 12. Fotos do Auto Registo da participante Alda (durante a visita). | 93 |
| Figura 13. Fotos do Auto Registo da participante Alda (saída do local). | 93 |
| Figura 14. Imagem da aplicação Recycle!. Fonte: App Store, Recycle!. | 104 |
| Figura 15. Imagem da aplicação Recycle! Fonte: App Store, Recycle!. | 104 |
| Figura 16. Imagem da aplicação Recycle!. Fonte: App Store, Recycle!. | 105 |
| Figura 17. Imagem da aplicação Recycle!. Fonte: App Store, Recycle!. | 105 |
| Figura 18. Ideia Conceptual 1 – Aplicação de telemóvel (1). | 106 |
| Figura 20. Instruções absurdas. Fonte: Elite Readers, Reddit. | 106 |
| Figura 19. Ideia Conceptual – Aplicação de telemóvel (2). | 106 |
| Figura 21. Instruções absurdas. Fonte: Elite Readers, Reddit. | 107 |
| Figura 23. Instruções absurdas. Fonte: Buzz Feed, jayberent, via instagram. | 107 |
| Figura 24. Ideia Conceptual 2 - Folheto Irónico. | 107 |
| Figura 22. Instruções absurdas. Fonte: Elite Readers, Reddit. | 107 |
| Figura 26. The Black Panther Party Poster. Fonte: Shillington. | 108 |
| Figura 25. The raised fist. Fonte: Shillington. | 108 |
| Figura 28. Ideia conceptual 3 - Poster 1. | 109 |
| Figura 27. For all Womankind. Fonte: Shillington. | 109 |
| Figura 29. Ideia conceptual 3 - Poster 2. | 109 |
| Figura 30. Ideia conceptual 3 - Poster 3. | 110 |
| Figura 32. Storyboard. Fonte: Chelsea Hostetter, Austin Center for Design. | 110 |
| Figura 31. Ideia conceptual 3 - Poster 4. | 110 |
| Figura 33. Ideia Conceptual 4 - Storyboard. | 111 |
| Figura 34. Modelo do Design centrado no utilizador, com sugestões para trabalhos futuros destacados a verde. (adaptação da autora) | 114 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1. Descrição dos elementos inseridos na Sonda Cultural e cada função respetivamente. | 65 |
| Tabela 2. Características demográficas das participantes. | 69 |

1. Introdução

1.1. Motivação de Pesquisa

For the Women who persist: keep on being bloody difficult.
(Perez, 2019)

Nos últimos anos, a violência contra as mulheres e as desigualdades têm aumentado. Os dois anos de pandemia trouxeram à superfície bastantes casos chocantes de situações de violência e desigualdade sobre mulheres pelo mundo. Mesmo antes da pandemia, estes casos também aconteciam com bastante frequência. O caso de Sarah Everard de trinta e três anos, no Reino Unido chocou o país e o mundo. Sarah estava a deslocar-se de volta a casa, na noite de dia três de março de 2021, quando desapareceu. Após uma semana, foi encontrada morta na floresta em Kent, no sudeste de Inglaterra. O autor do crime é um oficial da Polícia Metropolitana de Londres e foi acusado de sequestro e assassinato de Sarah Everard (BBC News Brasil, 2021).

O site brasileiro Isto É, em junho de 2021, escreveu sobre como a pandemia estava a abrandar na Europa, mas os casos de feminicídios aumentaram (AFP, 2021). Com o regresso a um novo tipo de normalidade, feito por etapas, fez com que os assassinatos de mulheres ressurgissem, depois de “uma calma enganosa durante os confinamentos forçados pela pandemia” (citado em AFP). Muitos destes crimes foram virais em jornais e noticiários de toda a Europa. As estatísticas oficiais do ano 2021, de associações por exemplo, são aterrorizantes (AFP, 2021).

O ano de 2021 para os países Inglaterra e País de Gales está a ter recordes nos números de violações registadas, com mais de 60 mil casos, este sendo o maior número de sempre. A regularidade dos abusos sexuais aumentou em 8% e a violência doméstica subiu 6% (Observador, 2021).

Em Portugal, a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), no ano de 2020, mostra no relatório anual que foram feitos 66.408 atendimentos em vários serviços, sendo estes Gabinetes de Apoio à Vítima, Equipas Móveis de Apoio à Vítima, Polos de Atendimento em Itinerância, Sistema Integrado de Apoio à Distância, Sub-Redes Especializadas, Casas de Abrigo e Linha Internet Segura. Deste número, 19.236 foram crimes contra pessoas, ou seja, 94% do número total, com mais recorrência em crimes de Violência Doméstica, 72,6% do total. No relatório anual, o número médio de vítimas mulheres é o maior, que está assinalado em 8.720 por ano, 167 por semana e 24 por dia. As idades destas vítimas mulheres estavam compreendidas entre os 25 e os 54 anos. As estatísticas da APAV demonstram que 13.133 dos autores dos crimes, aproximadamente 65%, eram do sexo masculino. As relações pessoais entre as vítimas e os autores era maioritariamente relações de intimidade, ou seja, estes tinham um relacionamento amoroso, sendo casados, companheiros ou estavam separados, sendo ex-cônjuge, ex-companheiro, ex-namorado/namorada e isto dá um total de 44% de relações estabelecidas. No ano de 2020, a tipologia de vitimação era continuada com 52%, com duração entre 2 e 6 anos, sendo 26,8% sobre as restantes. Os locais onde os crimes foram cometidos mais referenciados foram a residência comum com 54,1%, em segundo a residência da própria vítima (16%) e o lugar/via pública com 10,6% (Estatísticas_APAV_Relatório_Anual_2020.pdf, 2020). Mulheres contra a Violência – AMCV – auxiliou

136 mulheres e raparigas que foram vítimas de violência sexual (Agência Lusa, 2019).

Sara Cosme Pinto (2021) escreveu no Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que a desvalorização da violência machista é traduzida em agressões e continua a ser algo que tem um impacto transversal em milhões de mulheres, incluindo raparigas e meninas, no mundo. Neste artigo, Sara demonstra resultados de pesquisa de notícias que foram publicadas no mês de novembro: “Mulher violada por dois homens em Santa Maria da Feira”, “Dentista desaparecida após sair do trabalho é encontrada morta”, “Pobreza no Afeganistão leva famílias a vender meninas para casamentos forçados”, “PJ detém homem de 30 anos por violação de adolescente”, entre muitas outras. Para além das notícias, Cosme Pinto divulgou números de organizações como as Nações Unidas, OMS, Comissão Europeia e Instituto Europeu para a Igualdade de Género, que dizem que “1 em cada 3 mulheres em todo mundo é vítima de agressões físicas, psicológicas e sexuais, pelo simples facto de ser mulher”. Além destes números, a autora fala sobre a estimativa de quinze milhões de meninas e raparigas, por ano, são forçadas a casar-se, ou seja, vinte e oito por minuto. E, através destas organizações, sabe-se que próximo de 80% de vítimas de tráfico humano são mulheres e meninas, que mais tarde, três em quatro das vítimas são exploradas sexualmente. Mais números são expostos neste artigo sobre outros crimes em que as mulheres, raparigas e meninas são vítimas.

Relacionando o relatório anual de 2020 da APAV e a pesquisa feita por Sara Cosme Pinto, globalmente cerca de oitenta e sete mil mulheres são mortas por ano e mais de metade deste número, os homens são os autores dos crimes, sendo que tiveram ou tinham relação de intimidade com as vítimas (Cosme Pinto, 2021; Estatísticas_APAV_Relatorio_Anual_2020.pdf, 2020).

De acordo com SIC Notícias (2021), Portugal encontra-se na quinta posição dos países da União Europeia com maior repercussão da pandemia no mercado de trabalho, onde as mulheres foram as mais afetadas. A pesquisa que está a ser realizada pela APAV já constatou que a pandemia teve influência no aumento de casos de violência doméstica, visto que esta organização teve mais chamadas de apoio. Para além da violência doméstica ter estado ainda mais evidente com a pandemia, houve outro problema para as mulheres no mercado de trabalho. Os dados revelados pelo Instituto Europeu da Igualdade de Género divulgaram que as mulheres tiveram mais limitações de horários, mais horas de trabalho não remuneradas, entre outros. As mulheres também dispensam mais do seu tempo, ou seja, do seu trabalho para assistir pessoas dependentes. Porém, as mulheres têm mais habilitações literárias, mas os homens têm uma taxa de emprego maior.

1.2. Enquadramento da Problemática

O Feminismo é visto como um tema contraditório, porque apesar de já existirem bastantes vitórias no combate à desigualdade de género, este ainda é um problema emergente. A história do Feminismo está dividida em três períodos, segundo Barker (2004). O primeiro período é contextualizado pelo Movimento Sufragista, em que se conquistaram direitos fundamentais para as mulheres. O segundo é definido pela década de 1960, onde se levantaram e reivindicaram questões sociais e culturais. O terceiro período é estabelecido pela preocupação do sofrimento a que as mulheres são submetidas por causa do machismo. No Design, estas preocupações começam a ser articuladas de forma mais intencional há cerca de uma década atrás (S. Bardzell, 2010).

Mais recentemente, o livro *Invisible Women* (Perez, 2019) veio a ilustrar de forma sistemática e irrefutável que a sociedade continua a desvalorizar as necessidades e circunstâncias específicas das mulheres, porque o chamado “homem médio” é o padrão fundamental. Perez propõe o termo *data gender gap* para descrever a causa da grande disparidade na compreensão das necessidades das mulheres quando comparadas com as dos homens. A autora enumera vários casos pertinentes, alguns ligados diretamente à vivência do espaço urbano. Por exemplo na cidade de Karlskoga, na Suécia em 2011, o governo teve a iniciativa de mudar o horário da limpeza de neve, isto porque, a limpeza começava pelas ruas com mais tráfego e acabavam na limpeza dos passeios e ciclovias. O problema identificado foi que este horário estava a prejudicar mais as mulheres do que os homens, porque de acordo com pesquisas, havia mais mulheres a andar a pé e a utilizar os transportes públicos. Com este horário, a limpeza de neve resultava em mais acidentes pedestres, acabando por afetar a economia. Assim, percebeu-se que algo que supostamente era neutro em questão de género, no fundo acabava por ser o contrário. Por isso, esta iniciativa veio a beneficiar todos, porque ao priorizar os pedestres, a cidade poupou mais dinheiro, assim não haviam tantos acidentes nos passeios e ciclovias, logo as pessoas não iam ao hospital e não faltavam ao seu trabalho para recuperar de lesões. Outro exemplo é o serviço de transportes públicos em Londres. Este fornece um serviço de transportes radial, isto é, apenas atua no centro da cidade, fazendo com que outros locais não tenham transportes. Ou o exemplo de Chicago, onde este serviço obriga as pessoas a pagar todas as conexões de transportes que efetuam. De acordo com algumas pesquisas (citadas em *Invisible Women*), percebemos que as mulheres são mais pobres e trabalham mais horas durante o dia devido ao trabalho doméstico, sendo este não remunerado. Assim, entendemos que estes dois exemplos não são adequados às rotinas das mulheres, dado que este serviço é utilizado para se deslocarem com familiares, para o emprego ou para realizarem tarefas domésticas.

As propostas da Dr. Ellie Cosgrave (2019) e de Charlotte Webb (2019) tentam demonstrar onde as necessidades das minorias e das mulheres são mais precisas, dando exemplos de mudanças desejáveis. Cosgrave argumenta que, devido aos assédios sexuais e discriminação que as mulheres enfrentam todos os dias, as cidades não são idealizadas para elas. A Cidade Feminista é contra a violência e o assédio. Esta sugestão também é um espaço com oportunidades iguais, seja qual for o género, a etnia, religião, sexualidade, aparência física, entre outras. Webb, por sua vez, afirma que a Internet é a base de todos os serviços da atualidade. A Internet tolera discursos de ódio e também discursos sexistas. A Internet Feminista é uma internet que não discrimina ou exclui alguém. Uma internet segura para todos, criada por pessoas todas diferentes.

Numa escala menor, surgem também várias iniciativas de design orientadas para mulheres. Através de Eduarda Terra (2020), percebemos que as empresas que utilizam a tecnologia para entender as necessidades das mulheres são denominadas por Femtech. Este mercado é resultado das mudanças culturais que a sociedade sofreu, isto porque o crescimento da mulher na economia forçou uma transformação que é conhecida pelo empoderamento feminino. Aqui, surgem projetos que respondem às diferentes necessidades que as mulheres podem ter em diversas áreas e ao longo da vida, como na saúde íntima (Almeida et al., 2016), na maternidade (Balaam et al., 2015), e na menopausa (Bardzell et al., 2019).

Apesar do mercado Femtech já estar em ação, o design que inclui e contempla especificamente as mulheres continua a ter algumas limitações e a enfrentar uma resistência significativa (Sharma, 2016). A Cidade Feminista (Cosgrave & TEDx Talks, 2019) e a Internet Feminista (Webb & TEDx Talks, 2019) não são universalmente aceites pela sociedade atual. Estas duas propostas necessitam demonstrar ser uma ajuda para alcançar inclusividade nas sociedades. Já o mercado Femtech (Terra, 2020) necessita de divulgação, tanto sobre o que é, como os produtos e serviços que oferece, especialmente nas instituições ligadas à saúde. Com isto, percebe-se que o Design tem um papel importante na identificação de oportunidades de inovação, mas também no desenvolvimento de soluções apropriadas e desejáveis para as mulheres.

Assim, este trabalho pretende demonstrar como o Feminismo pode ser ferramenta no Design de Produto e Serviços, para responder a várias necessidades que não têm tido resposta. Esta dissertação pretende estimular um pensamento mais equitativo para tornar a sociedade mais inclusiva.

1.3.Plano de Investigação

1.3.1.Objetivos

O objetivo desta investigação é estudar experiências das mulheres jovens no contexto urbano numa lente feminista, de forma a perspetivar intervenções de design mais inclusivas e sensíveis. A fim de atingir este objetivo geral, o trabalho foi guiado pelos seguintes objetivos específicos:

- Compreender as nuances da experiência diurna e noturna por mulheres jovens, em contextos urbanos portugueses.
- Categorizar os fatores dos espaços de lazer, que influenciam a experiência das mulheres.
- Explorar a aplicação de conceitos informados pelo design crítico e ativista em propostas concetuais de intervenção, visando mudanças de mentalidades e geração de empatia.

1.3.2.Desenho da Investigação

Desenhou-se uma investigação qualitativa que permitisse compreender melhor o fenómeno estudado, através da análise da experiência e da perceção das participantes. Consciente de que, embora a pesquisa qualitativa seja valorizada, ainda existe apreensão na avaliação da qualidade das investigações qualitativas (Kornbluh, 2015), este desenho da investigação foi informado por recomendações de boas práticas para investigação qualitativa (Tong et al., 2007). Esta investigação tem dois propósitos principais: o propósito exploratório, porque explora um assunto de maneira a criar novas visões sobre o mesmo (Santos, 2018); e o propósito descritivo que descreve eventos ou situações, retratando o perfil de maneira correta (Santos, 2018). Pretendeu-se trabalhar a partir de um paradigma socio-crítico, isto é, a investigação ambiciona promover a relação entre os indivíduos e a sociedade, para contribuir para a justiça social (Maestrovirtuale, sem data).

A investigação inicia-se com uma revisão crítica da literatura relevante. Para contextualizar o Movimento Feminista foi introduzida a pesquisa histórica, que ajuda na compreensão dos acontecimentos passados, para melhor entendimento de decisões, ações e reflexões aplicadas no presente e futuro.

Este método, através da recolha de fontes secundárias de indivíduos, documentos e artefactos, interpreta os processos de transformação de culturas. O trabalho de campo proposto recorre a métodos qualitativos que permitam auscultar as experiências e vivências das mulheres no contexto urbano, especificamente sondas culturais e entrevistas semiestruturadas. Estes métodos são complementares, sendo que a aplicação da entrevista após a coleta e análise preliminar da sonda cultural permite aprofundar a compreensão das respostas dadas e explorar temas pertinentes relacionados. Estes métodos incorporam as recomendações de Maguire (2001) para a promoção do Design Centrado no Humano. A Figura 1 ilustra o modelo de Design Centrado no Humano (ISO 9241-210, 2019), sendo realçado a verde as etapas que são exploradas nesta investigação. A Figura 2 representa o desenho de investigação com todas as etapas até ao final da pesquisa.

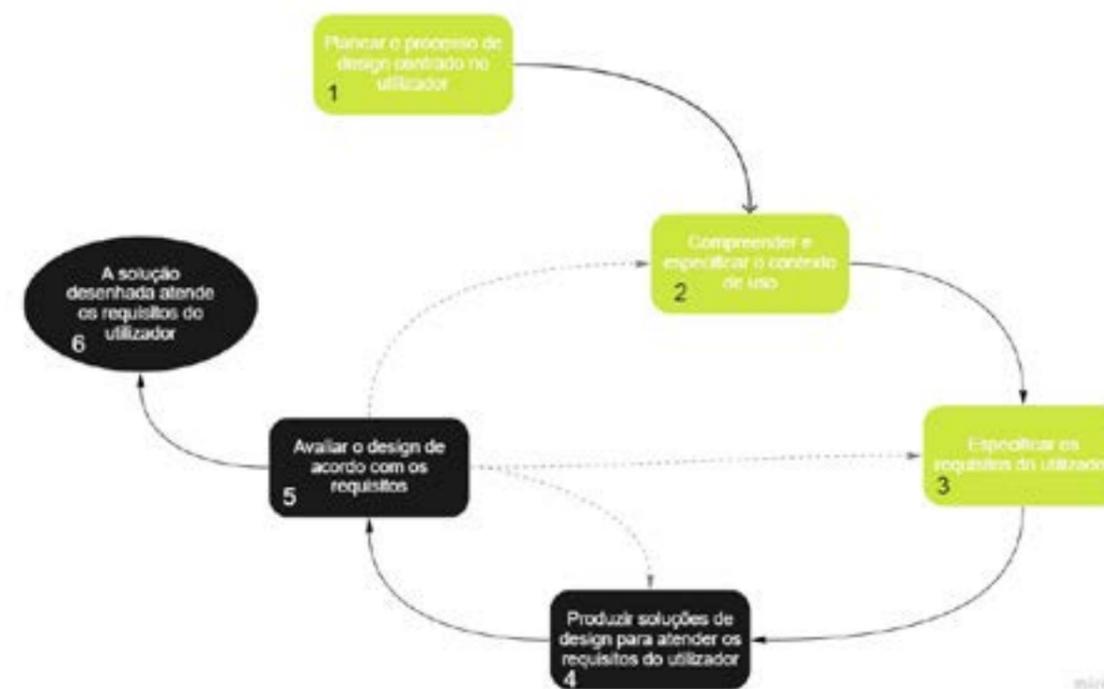


Figura 1. Representação do modelo de Design Centrado no Humano com a identificação a verde das etapas abordadas nesta investigação (Interpretação da autora).



Figura 2. Desenho da Investigação com as várias etapas (realizado pela autora).

1.3.3. Contexto de estudo: Vila Nova de Gaia

A cidade de Vila Nova de Gaia encontra-se na margem sul do Rio Douro, tendo do outro lado do rio as cidades do Porto e Gondomar. Desde o seu início, no século XIII, que não sofre alterações de área, ocupando quase sempre o mesmo espaço físico, sendo este município o maior do Grande Porto (NUT III). No século XX, o município de Vila Nova de Gaia alterou bastante a sua área urbana com a Avenida da República, mudando o centro nevrálgico para a cota alta, onde foi construída a Câmara Municipal. Este edifício foi desenhado em 1916, pelo arquiteto gaiense Oliveira Ferreira. Nos dias de hoje, a cidade de Vila Nova de Gaia é conhecida pelas empresas de vinhos do Porto e do Douro, indústria automóvel, vidreira e de componentes eletrónicos. Também é conhecida pelos seus artistas músicos, pintores, escultores e arquitetos e pelas suas atividades turísticas que recebem por ano milhares de visitantes (Solar Condes de Resende, sem data). No município de Vila Nova de Gaia, a população é 304.149 no total, sendo 144.141 homens e 160.008 mulheres (INE, 2021).

No ano de 2018, foi realizado um estudo em três escolas de Vila Nova de Gaia, que não foram identificadas. Este estudo estabeleceu que quase metade dos jovens gaienses pensam que é normal ter controlo sobre os seus namorados/as (Global Media Group, 2018). Nestes dados, o que se percebeu foi que os rapazes acham a violência aceitável no namoro, mais do que as raparigas. Esta situação de violência foi três vezes maior nos rapazes em algumas situações. No total, 40% dos participantes acham normal controlar a outra pessoa da relação. Esta situação de controlo pode notar-se em proibir a outra pessoa de vestir algo, da amizade ou companhia do companheiro. Para além destes dados, o estudo revelou outros números como 28% de respostas acham que perseguição não é uma forma de violência, sendo 35% rapazes e 9% raparigas a considerar isto, a possibilidade de usar redes sociais sem permissão do companheiro é considerado um comportamento normal, com 44% rapazes e 33% raparigas. Neste estudo, entre estes tópicos descritos acima, também foram mencionados a violência sexual, violência por redes sociais, a violência psicológica, com 26%, 25% e 15% respetivamente. Apenas 6% dos participantes acham aceitável a violência física no namoro (Global Media Group, 2018).

1.4. Estrutura da dissertação

Esta dissertação tem cinco capítulos que a compõem. Após o capítulo anterior, é o **Capítulo 2 – Revisão de Literatura**, onde se encontra análise de vários artigos, livros e outros, importantes para a concretização da investigação. Este capítulo está dividido em duas secções: a primeira descreve o Feminismo, que para melhor compreensão são explorados assuntos como a Sociedade Patriarcal, a História do Feminismo e as Desigualdades de Género; a segunda secção trata de Design e as mulheres, que relaciona a cidade com aspetos deste tipo de design e por isso, aborda assuntos como A Cidade, também aborda Design de Produtos e Serviços. **O Capítulo 3 – Considerações metodológicas** aborda métodos de design relevantes para as ideias conceptuais de design. **O Capítulo 4 – Trabalho de campo** é a descrição do trabalho empírico realizado para concretizar os objetivos estipulados da dissertação. Este contém todas as etapas de preparação e todos os materiais usados para a realização da recolha de dados, o processo e análise dos mesmos, como também a exposição de resultados obtidos. Após isto, decorre a discussão, que relaciona aspetos do capítulo de literatura com os resultados, mais especificamente a experiência das participantes sobre os espaços de lazer. **O Capítulo 5 – Ideias conceptuais de design** são expostas quatro ideias que podem ser produzidas, conforme o que foi mencionado pelas participantes. **O Capítulo 6 – Conclusão** refere sobre as conclusões retiradas na investigação. Este apresenta as contribuições essenciais, explica os objetivos e como estes foram abordados, as limitações que ocorreram e futuras recomendações para o trabalho.

2. Revisão de Literatura

Este capítulo é uma revisão crítica da literatura relevante à temática da investigação e está dividido em duas secções principais. A primeira secção incide sobre o Feminismo, onde se especifica o que é Movimento Feminista, o porquê de este existir, a sua história e as desigualdades de género existentes ainda nos dias de hoje. A segunda secção é sobre a relação do Design e as mulheres, nomeadamente à escala da cidade, do produto e dos serviços, mas também nas suas vertentes ativistas e críticas.

2.1. Feminismo

2.1.1. Sociedade Patriarcal

A origem do Patriarquismo vem do conceito de família, que foi formado na Roma Antiga, tornando este a base social da humanidade. Uma família romana era constituída pelo líder, o homem, sendo a autoridade máxima da família. O homem tinha o poder sobre a vida e a morte da mulher e filhos (Moya, 2019).

De acordo com Isabela Moya (2019), Joan Scott (citado em Moya, 2019) estuda a história das mulheres através da perspectiva de género. Esta historiadora explica que o patriarcado é uma organização social, que vai para além do seio da família. O patriarcado é caracterizado pela supremacia masculina, pela desvalorização da identidade feminina e atribuição da procriação como a principal função da mulher. Um dos setores da sociedade onde o machismo é muitas vezes debatido é no ambiente familiar. Isto porque, tanto nas sociedades ocidentais, como nas sociedades orientais, a figura paternal/pai/homem é vista numa posição superior. Aos homens é atribuído o papel de sustentar a família, enquanto o papel da mulher é ser submissa às vontades do homem. Apesar disto ainda acontecer, também existem famílias que já não se regem pelas ideias da sociedade patriarcal, voltada para a superioridade do homem.

Com o conhecimento que temos sobre o privilégio do homem sobre a mulher, muitas atitudes machistas não são transmitidas de maneira hierárquica (Moya, 2019). Por exemplo, a ideia de que as mulheres têm funções distintas das dos homens sendo algo natural, com o pensamento “diferente não é pior”. Outro exemplo, é a ideia de que nos ambientes familiares o homem conserta a casa – mudar uma lâmpada – e a mulher limpa e organiza a casa. A função que a mulher desempenha numa casa com ideias machistas é desigual. Esta tem de cuidar da casa, cuidar dos filhos, como também educá-los. Isto faz com que o progresso que as mulheres obtêm na sua carreira profissional, não seja o mesmo que a dos homens, porque não têm tanta disponibilidade para a sua profissão (Moya, 2019).

2.1.2. História do Feminismo

Na república clássica, Platão defendeu que para governar e defender a Grécia Antiga, as mulheres tinham capacidades iguais às dos homens. Nem todos os que faziam parte da sociedade concordavam com esta afirmação (History Editors, 2019; Lefkowitz & Fant, 2016; Livy et al., 2002). Após a derrota romana por Aníbal, na Batalha de Canas (216 a. C.), foi aprovada uma nova lei, com o nome de Lei *Oppiana*. Devido às guerras com Cartago, muitas mulheres, esposas e filhas enriqueceram com a morte dos homens na guerra, herdando assim dinheiro e terrenos. O objetivo desta lei era pagar os custos das guerras, através do dinheiro herdado pelas mulheres. Assim, a Lei *Oppiana* foi aprovada, limitando a quantidade de ouro que podia estar em posse de uma mulher e exigiam que todos os fundos na tutela

das mulheres fossem depositados no Estado. Para além disto, as mulheres foram proibidas de usar vestidos com detalhes roxos, sendo esta a cor de luto, como também não podiam andar de carruagem em Roma ou em cidades próximas (Lefkowitz & Fant, 2016; Livy et al., 2002). As mulheres depois desta lei ser aprovada realizaram um protesto contra a mesma (History Editors, 2019; Lefkowitz & Fant, 2016; Livy et al., 2002).

Quando se fala nas fases ou ondas do feminismo moderno, é habitual falar-se de três apenas. Porém, existe uma concordância insuficiente sobre como identificar estas três ondas ou o que desempenhar dos movimentos das mulheres antes do final do século XIX (Rampton, 2015).

Segundo Chris Baker (2004), a história do Feminismo está dividida em três períodos. O primeiro período é assinalado pelo Movimento Sufragista, que tenta avultar os direitos políticos e de propriedade das mulheres, quando reclama o direito de voto, no processo democrático, levantando assim, questões de escravatura. O segundo período foi iniciado na década de 1960, quando instavam demandas sociais e culturais, como por exemplo a violência doméstica, a representação das mulheres e o direito ao aborto. Este período foi sinónimo de imensas mudanças culturais e legislativas, tonando-se um momento importante na história das mulheres. O terceiro período apresenta uma preocupação teórico-prática – porque é que as mulheres sofrem com o machismo ainda nos dias de hoje, sendo que houve avanços políticos e legislativos? -, esta é essencial para o processo de compreensão sobre o Machismo estabelecido nas várias relações sociais, na compreensão do conceito da mulher, o seu lugar na cultura e também os benefícios de um movimento que une todas as pessoas que não têm os mesmos direitos e possibilidades que os homens, sobretudo brancos e heterossexuais.

No século XIX, a revolta que Abigail Adams avisou que ia acontecer, primeira-dama do presidente John Adams, acabou por se realizar. Isto aconteceu, porque não atentaram sobre o acesso à educação, à propriedade e ao voto crítico para chegar à igualdade das mulheres. Esta revolta iniciou-se após os apelos para uma maior liberdade das mulheres e culminaram com vozes que exigiam a abolição da escravatura (History Editors, 2019).

Conforme Martha Rampton (2015), a primeira onda do feminismo sucedeu no final do século XIX e no início do século XX. Isto deveu-se ao manifesto do industrialismo urbano e a uma política liberal, como também socialista. A finalidade da primeira onda foi a abertura de novas oportunidades para as mulheres, com o intuito no sufrágio. O início oficial desta onda foi na Convenção de Seneca Falls nos EUA, no ano de 1848, com a união de homens e mulheres, tudo pela igualdade de género. Com o novo movimento, foi concebido a sua ideologia e estratégias políticas a partir da Declaração de Seneca Falls, escrito por Elizabeth Cady Stanton, falecida no ano 1902. Nos primeiros tempos, o feminismo estava relacionado com outros movimentos, como o de temperança e o abolicionista. Várias discussões sobre assuntos como o voto e a participação da mulher na política, fez com que houvesse uma análise sobre as desigualdades de como os géneros eram considerados.

Através da argumentação de Frederick Douglass (citado em History Editors), muitas pessoas foram influenciadas, porque este disse que não aceitaria o direito de votar, como um homem de cor, se as mulheres não tivessem o mesmo direito. Após este direito ser reivindicado, o movimento sufragista feminino ganhou força e comandou a maioria do feminismo por décadas. Com a Grande Depressão,

muitas mulheres entraram no mercado de trabalho, com o motivo de desemprego dos homens das suas famílias. Estas mulheres foram forçadas a obterem empregos considerados “trabalho feminino”, muito mal pagos, mas estáveis, como por exemplo o trabalho doméstico, o de ensino e o de secretária. Para além disto, no decorrer da Segunda Guerra Mundial, as mulheres participaram nas forças armadas ou em empregos que antes eram exclusivos aos homens. Devido ao Movimento pelos Direitos Civis, as mulheres pretendiam uma maior participação no seu local de trabalho, com um salário igual. Para confrontar esta questão dos salários, o *Equal Pay Act*, de 1963, foi realizado como esforço para combater este problema (History Editors, 2019).

A coleção *History of Woman Suffrage* (citada em Toribio Leão) é uma obra constituída por seis volumes publicados entre 1881 e 1922, onde relatam as conquistas das sufragistas, como por exemplo *Declaration of Sentiments*, em 1848, assinado por trinta e dois homens e sessenta e oito mulheres. Esta declaração defende a igualdade de géneros e também o direito à liberdade e à vida. A declaração apresenta diversos problemas como os factos sobre as mulheres serem oprimidas pela sociedade da época – na educação, nas condições salariais e no trabalho. O Movimento Sufragista assinala uma grande força em Inglaterra e no Estados Unidos da América, pelas personalidades de Elizabeth Candy Staton, Susan B. Anthony e Matilda Joslyn Gage (Toribio Leão, 2019).

A filósofa Simone de Beauvoir (1949, citada em Toribio Leão) escreveu o livro *Segundo Sexo*, em que expõe várias questões sociais e de carácter feminista. A autora interroga o papel da mulher, ao refletir sobre o conceito de ser humano equiparado ao conceito do homem. Beauvoir também reflete sobre a solidariedade entre mulheres, fazendo com que esta obra seja considerada uma das principais feministas. Simone De Beauvoir, também escreve que a humanidade é apenas masculina e homem, definindo a mulher não como uma pessoa própria, mas relativa ao homem. A mulher não é vista como um ser autónomo. O homem é o sujeito, ele é absoluto, já a mulher é o outro (Toribio Leão, 2019).

Na década de 1960 até à de 1990, começou a segunda onda do feminismo nos Estados Unidos da América, que se desenvolveu a partir dos movimentos antiguerra, dos direitos civis e no aumento de uma autoconsciência da diversidade das minorias no mundo (Rampton, 2015). Com o crescimento da política Nova Esquerda, ao mesmo tempo a segunda onda tornava-se cada vez mais radical. Posto isto, nesta etapa, manifestaram-se questões sobre a sexualidade e direitos reprodutivos, simultaneamente a atividade do movimento estava orientada para a aceitação da Emenda da Igualdade de Direitos à Constituição, que preservava a igualdade social entre os géneros. A segunda onda do feminismo também é caracterizada por ser mais teórica, sendo baseada na coligação da teoria psicanalítica e o neomarxismo, como também introduziu uma relação da subjugação das mulheres a juízos mais extensos sobre o patriarcado, o capitalismo, heterossexualidade normativa e o papel da mulher na sociedade. Neste momento, o sexo e género são distintos, ou seja, o sexo é biológico e o género é uma produção social, que vai variando de cultura para cultura e ao longo do tempo (Rampton, 2015).

A obra *The Feminine Mystique* de Betty Friedan (1971, citada em Toribio Leão), demonstra o sentimento de angústia das mulheres que são donas de casa, que acabam por se sentir incompletas. Este livro acabou por se destacar, por interrogar as mulheres sobre os seus sentimentos, sendo que muitos dos fundamentos foram escritos por homens na maioria e discutiam o papel da mulher sem integrar as

mesmas nas discussões. O entendimento do processo sobre o Feminismo inclui autoconhecimento, a procura por uma identidade e perceção de si mesma. Esta procura de identidade passou pela independência da mulher, o direito a ela própria, lutando pelo seu espaço de ser e de existir. Friedan explica que o problema de identidade na mulher era algo novo. “As feministas foram pioneiras na própria vanguarda da evolução feminina. Estas precisavam de provar que a mulher era humana e precisavam despedaçar, com violência se necessário, a estatueta de porcelana que representava a mulher ideal do século passado. Para além disto, precisavam de provar que ela não era um espelho vazio, passivo, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objeto a ser usado, incapaz de interferir no próprio destino, antes de começar a combater pelo direito de igualdade com o homem.” (citada em Toribio Leão). Desta forma, as mulheres tiveram uma conquista de identidade quando aconteceu esta independência do homem (Toribio Leão, 2019). Betty Friedan, cofundadora da Organização Nacional para Mulheres, na mesma obra, argumenta que as mulheres continuam responsáveis por tarefas domésticas precárias e pelos cuidados dos filhos (History Editors, 2019).

Conforme History Editors (2019), no ano de 1972, foi aprovado pelo Congresso dos EUA, a Emenda da Igualdade de Direitos, que pretendia a igualdade legal e proibia preconceito com base no sexo. Por causa de uma reação conservadora, esta Emenda não foi implementada por um número suficiente de estados e por isso não se tornou lei.

O ano de 1975 foi identificado, pelas Nações Unidas, como o Ano das Mulheres e, assim, as mulheres islandesas resolveram tomar iniciativas (Perez, 2019). Na Islândia, o dia 24 de outubro do mesmo ano ficou famoso como *The Long Friday*, isto porque foi organizado uma delegação, com integrantes das cinco maiores organizações de mulheres. Esta delegação chegou a uma ideia de fazer greve e, então, no dia 24 de outubro as mulheres islandesas fizeram a menor carga de trabalho, tanto o da sua profissão, como o trabalho doméstico. Toda esta situação fez com que muitos locais trabalhassem com a capacidade reduzida, como por exemplo fábricas, escolas e creches. A afluência da participação na greve das mulheres islandesas foi de 90% e no rali, que aconteceu no centro da cidade de Reykjavík, foram 25 mil mulheres. Como consequência desta greve, no ano de 1976, a Islândia aplicou o Ato de Igualdade de Género, que criminalizava a discriminação sexual nos locais de trabalho e escolas. Outra consequência desta greve, é que, nos dias de hoje, a Islândia possui “o parlamento mais igualitário do género no mundo, sem um sistema de cota” (citado em Invisible Women) e foi considerado pelo *World Economic Forum's Global Gender Gap Index*, por oito anos seguidos, o topo. Para além disto, a Islândia, também foi apontada pelo *The Economist*, como “o melhor país para as mulheres trabalharem” (Perez, 2019).

De acordo com Rampton (2015), a primeira onda de feminismo, no geral, foi fomentada por mulheres que faziam parte da classe média, de países ocidentais, cis género e brancas. Já a segunda onda cativou mulheres de cor e de países em desenvolvimento, tentando conquistar irmandade e solidariedade, afirmando “A luta das mulheres é a luta de classes” (citado em Rampton). Nesta altura, houve feministas que relacionaram a discriminação de etnias, classe e género, afirmando as mulheres como uma classe social. A maioria dos objetivos da segunda onda feminista foram obtidos, como posições de liderança para as mulheres em diferentes áreas - ensino superior, negócios e política -, a aprovação do

direito ao aborto, acessibilidade a métodos contraceptivos – a pílula – para um controlo próprio do corpo das mulheres, a manifestação e recetividade na sexualidade feminina, uma maior sensibilização sobre a definição e a carência dos direitos das mulheres, mesmo não tendo sido conseguidos por completo, e a realização de um campo de estudo académico sobre o feminismo, género e sexualidade. Para além destes, também houve um acesso maior à educação, houve a necessidade de proteger as mulheres, vítimas de agressões, via organizações e legislações – NOW E AAUW - e o início de uma indústria de livros publicados sobre a história das mulheres e sobre o feminismo. A estes objetivos, também temos o começo de discussões públicas sobre o direito de mulheres, palestras sociais populares sobre a contenção das mulheres, a persistência para a reforma e uma reprovação ao patriarcado (Rampton, 2015).

Na metade da década de 1990 foi quando começou a terceira onda do feminismo, sendo acompanhada pelos pensamentos pós-coloniais e pós-modernos (Rampton, 2015). Nesta terceira onda, ocorreram muitas mudanças de pensamentos, como a noção de “feminilidade universal”, do corpo, do género, da sexualidade e da heteronormatividade. Um pensamento que foi readotado da segunda onda para a terceira, foi a utilização do batom, do salto alto e decotes mais profundos, que eram identificados como opressão masculina nas duas primeiras ondas feministas. Uma grande maioria de pessoas que estão integradas na terceira onda do feminismo recusam o termo “feministas”, por julgarem ser uma palavra limitadora e exclusiva. Assim, foi criado o termo *grrls*, definição de *girls*, que é associado a um feminismo mais global, multicultural e evita simplicidade e artificialidade em respostas e categorias de identidade, género e sexualidade. A introdução de uma política transversal fez com que diferenças, como etnia, classe, orientação sexual, entre outras é algo que é festejado e caracterizado como diligente, oportunistas e temporárias. Para rebelar contra uma cultura sexista, as *grrls*, da terceira onda feminista, estabeleceram uma beleza feminina como sujeitos e não como objetos de uma sociedade patriarcal, como também reverteram palavras depreciativas que as levavam a vitimizar-se, como “pegas” e “cabras”. As mulheres e os homens que fazem parte da terceira onda do feminismo pensam que os géneros alcançaram equiparação ou que a sociedade está a levar um caminho para esta situação se concretizar, mesmo estando preocupados com a igualdade. Apesar desta onda apoiar a igualdade de direitos de género, muitas das dificuldades acabam por ser individuais, porque o pensamento destes integrantes é “Não precisamos mais do feminismo” (Rampton, 2015).

No século XXI, já na década de 2010, houve uma grande atenção a vários casos relevantes de violência sexual e sobre a cultura de violação. Estes casos tornaram-se importantes, pela consciencialização do trabalho que se precisa de fazer, para eliminar misoginia e assegurar os direitos de igualdade para as mulheres. O movimento #MeToo foi concebido em 2006, pela ativista Tarana Burke, para dar apoio às mulheres africanas. Em 2017, este movimento alcançou uma grande visibilidade, quando a atriz Alyssa Milano promoveu o hashtag e convidou todas as mulheres a partilharem os relatos de abuso sexual, como também psicológicos, para ajudar a divulgar este tipo de problemas que as mulheres sofrem frequentemente. Neste mesmo ano, o movimento fez com que se denunciasses os vários casos de abuso sexual cometidos pelo ex-produtor de cinema, Harvey Weinstein a várias atrizes, como também o abuso sexual cometido pelo comediante Louis C. K. Na mesma altura, outras mulheres acusaram outros homens poderosos do mesmo crime, como o ex-presidente dos EUA, Donald Trump. O movimento #MeToo

destacou a dificuldade que existe de discutir o assédio sexual como violência física e/ou moral. Simultaneamente, um grupo de mulheres – produtoras, executivas, artistas, entre outras -, como resposta à gravidade do abuso sexual e/ou psicológico dos homens, em situação de autoridade, organizaram-se e formaram o movimento Time's Up. Este movimento fornecia serviços de apoio a mulheres vítimas de injustiças de género. Acabou por ganhar visibilidade ao explorar esta realidade da indústria cinematográfica (History Editors, 2019; Toribio Leão, 2019).

De acordo com Martha Rampton (2015), a quarta onda feminista está a começar, porque maioritariamente mulheres, mas homens também, entendem a terceira onda como algo demasiado positivo. Neste momento, as demandas que existiam num momento inicial do movimento estão a ter mais diligências, em termos internacionais e nacionais em vários países, sobre o abuso e violação sexual, violência contra as mulheres, a desigualdade na remuneração, o *slutshaming*, a ideia de um tipo de corpo da mulher e a pressão simultânea, como também a representação fraca que as mulheres têm, como por exemplo na política e nos negócios. Os elementos da quarta onda não aceitam a palavra “feminismo”, por causa de implicações de radicalismo do passado e pela exclusividade que a palavra exprime de ser um movimento apenas para mulheres. Adichie (2014, citado em Toribio Leão), argumenta o motivo de espanto ou até mesmo medo para muitas pessoas, que a palavra Feminismo causa. A autora explica que se as pessoas entendessem o significado de ser feminista, mais pessoas aderiam à causa, mas um dos primeiros problemas é o estigma existente que é associado à palavra Feminismo ou Feminista. Estes problemas foram adquiridos pelas pressões sociais e políticas que desacreditam o que é o Feminismo (Toribio Leão, 2019).

De acordo com o Dicionário Priberam, o Feminismo é um “movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem.” (Dicionário Online Priberam de Português, sem data).

No livro Raízes da Intolerância, o autor João Angelo Fantini (2014, citado em Toribio Leão) escreve que o Machismo valoriza as características físicas e culturais do sexo masculino, rebaixando as características do sexo feminino, ou seja, a superioridade do homem sobre a mulher (Toribio Leão, 2019).

Kate Bolick, no livro Solteirona. O Direito de Escolher a Própria Vida (2016, citado em Toribio Leão), questiona os leitores se as mulheres já são gente. Em geral, a resposta acaba por ser negativa. Assim percebemos, que o Machismo não restringe as mulheres apenas, mas sim todos aqueles que não fazem parte da normatividade delineada pela sociedade patriarcal. O conceito de Normativo não representa o normal, mas sim o que é considerado “normal” na sociedade. Deste modo, o movimento feminista não se resume apenas à igualdade de géneros, como também à luta contra a discriminação por causa da cor de pele, da sexualidade, entre outras características (Toribio Leão, 2019).

Márcia Tiburi (citada em Toribio Leão) explica que o Feminismo pretende a igualdade de géneros e de outros grupos que são marginalizados pela sociedade. De acordo com esta autora, o Patriarcado é uma ideologia de género, que não aceita mudança, não permite a liberdade de expressão das minorias ou de outro grupo que não seja considerado um padrão da sociedade em que se insere. O Patriarcado desenha a sociedade de uma forma autoritária, que está inserido nas relações sociais, de maneira a que é confundido com normatividade. As pessoas que são privilegiadas pela sociedade, não conseguem

reconhecer esse privilégio, principalmente com as desigualdades raciais (Toribio Leão, 2019).

No livro *Invisible Women* (2019), Carolina Criado Perez explica que as vidas dos homens representam a humanidade no geral. A imagem das mulheres é inexistente na história do passado e presente, sendo que continua assim no futuro. As mulheres representam a outra metade da humanidade encontrando sempre silêncio, isto é retratado nas artes, como na cinematografia, na literatura, no design e entre outros, como também noutros temas, como na ciência, na economia, no planeamento de cidades e assim por diante. Este silêncio nos diferentes assuntos representam uma lacuna de género, que afetam a vida de uma mulher no seu quotidiano, isto é, as experiências vão desde a temperatura ambiente e a altura das prateleiras, de acordo com o corpo do homem, que são experiências que afetam, mas não matam. Já os acidentes de carros, por causa do seu design ou um ataque cardíaco mal diagnosticado, porque os sintomas não representam os mesmos do que os dos homens, acabam por matar. Esta lacuna de género acontece porque é o resultado de um pensamento que vêm desde o milénio, por isso acaba por não ser algo pensado deliberadamente ou por malícia.

Segundo Emerson Machado (2021), existem várias pessoas que defendem vários tipos de feminismo. Cada vertente do feminismo tem os seus próprios objetivos e singularidades. Alguns exemplos destas vertentes são: feminismo interseccional, feminismo negro, feminismo cristão, como também o feminismo radical, o feminismo marxista, o feminismo liberal, feminismo lésbico, o feminismo libertário e o transfeminismo. Já Calás e Smircich (citados em Cerchiaro) afirmam a teoria feminista, que é categorizada em sete tipos de abordagens, como liberal, radical, psicanalítica, marxista, socialista, pós-moderna e multicultural. Cada uma destas categorias disponibilizam diferentes soluções com o foco na desigualdade de género, ou seja, compreendem de formas diferentes os problemas, assim promovendo intervenções como resolução (Cerchiaro et al., 2009).

2.1.3. Desigualdades de Género

Como já se referiu acima, uma metade da humanidade apenas obtém silêncio em muitas áreas, ou seja, esta metade é discriminada e acaba por ser esquecida. Este silêncio provoca muitos problemas, sendo um deles a abordagem *Male-unless-otherwise-indicated*, isto é, masculino até ser indicado contrário. Esta abordagem afetou todas as variedades de etnografia, como por exemplo as pinturas nas cavernas sobre os jogos animais, que foram assumidas como se um homem da altura as tivesse realizado. Porém, houve uma última análise às impressões digitais encontradas em pinturas localizadas em França e em Espanha, que indicam terem sido realizadas por mulheres. Entre este exemplo existem outros, como o caso das ossadas de *Birka Warrior* do século X, que por mais de uma década foram assumidas como um esqueleto de um homem Viking, mas com um teste de ADN realizado em 2017, comprovou-se que era um esqueleto de uma mulher (Perez, 2019).

No geral, a meritocracia não é um método de como imensas situações deviam usar para funcionar, mas sim como funciona atualmente. Uma pesquisa (2002, citada em Perez), realizada em firmas dos EUA, constatou que 95% das avaliações usadas eram sobre o rendimento. Outras empresas fundamentaram-se num plano de mérito pago. Devido a poucas provas e dados, não se sabe se a meritocracia resulta. O que se veio a comprovar, com vários estudos, é que homens brancos têm mais recompensas,

como bônus de desempenho ou aumento de salários, numa taxa mais elevada em relação a mulheres e minorias étnicas com exatamente o mesmo desempenho. Um outro exemplo, onde reparamos que o mito da meritocracia não funciona é nas instituições académicas, isto tudo em base nos vários dados existentes. O pensamento é de que os homens e mulheres, nestas instituições, atuam no mesmo grau. Nas instituições académicas, apesar das mulheres e as suas investigações serem publicadas, encontram o problema da citação. As citações são usadas como medida sobre a importância da investigação, que por sua vez permite progresso no nível profissional. Muitos estudos demonstram que, maioritariamente e sistematicamente, os homens são citados muitas mais vezes que as mulheres. A lacuna de género nas publicações existente é consequência de mulheres citarem outras mulheres mais do que os homens, como também, o facto dos homens se autocitarem 70% mais do que as mulheres. Um outro problema corrente é mulheres serem citadas como homens. Isto acontece dez vezes mais do que o contrário. Este último problema pode estar relacionado com as descobertas de várias investigações, que afirmam que isto pode acontecer devido à associação de “grande qualidade científica” ao homem. Com isto, podemos relacionar a esta descoberta uma outra das universidades americanas, onde a aparência tem impacto numa mulher cientista, isto é, quanto mais forem ao encontro do estereótipo feminino, muito provavelmente não serão consideradas cientistas (Perez, 2019). A este tipo de julgamento dá-se o nome de *Brilliance Bias* e Perez (2019) admite que este é mais influente que a própria realidade. Para além destas dificuldades, através de estudos realizados, percebemos que dissertações ou outro tipo de trabalhos de investigação, acabam por ser melhor aceites e avaliados quando, tanto o autor e o revisor não se encontram identificados. O impacto das investigações destas instituições académicas são uma grande influência nas políticas que são adotadas no governo, nas práticas médicas e na legislação de saúde ocupacional, ou seja, têm um grande efeito na vida diária das pessoas (Perez, 2019).

Em média, uma mulher que seja dona de um negócio recebe menos de metade de investimentos do que um homem, mesmo quando as mulheres conseguem ter o dobro de produção do que a receita e têm uma execução melhor na duração, isto conforme o estudo publicado (2018, citado em Perez), pelo *Boston Consulting Group*. “Geram mais de 10% em receita acumulativa num período de cinco anos”, isto foi concluído pelo *BI Norwegian Business School*. Números estudos declaram que quanto mais diversificada for a liderança de uma empresa, mais inovadora será. Tania Boler (citada em Perez) diz que quando se fala na indústria de eletrónica, a inovação tem falhado para as mulheres, isto é consequência de uma falta de investimento. Na indústria da computação profissional nos EUA, as mulheres ocupam 26% dos empregos, sendo que elas ocupam 57% dos empregos nos EUA. No Reino Unido, acontece que as mulheres ocupam 14% dos empregos STEM (Perez, 2019).

Como explica Diane Coyle, professora de economia na Universidade de Manchester, “a formulação do valor oficial do PIB de um país é um processo inerente subjetivo” (citada em Perez). Como se sabe, o PIB – produto interno bruto - é a medida padrão de economia utilizada pelos países. “Muitas pessoas pensam que (o PIB) é uma coisa real. Existem muitos bens e serviços que o PIB simplesmente não contabiliza. Mas houve um aspeto importante da produção que foi excluído do que veio a ser a ‘Convenção Internacional’ sobre como se pensa e mede a economia”, sendo que o excluído desta medida trata sobre a cooperação do trabalho doméstico não remunerado, ou seja, cozinhar, limpar e cuidar dos

filhos. Esta exclusão é, muito provavelmente, a maior lacuna de dados de género. O trabalho assistencial não remunerado é estimado ser 50% do PIB nos países mais ricos e 80% do PIB nos mais pobres. No ano de 2012, os cortes ajudaram para o aumento do desemprego feminino, isto é, aumentou 20% para 1.13 milhões, sendo este o maior número em 25 anos. Porém, o desemprego masculino manteve-se quase na mesma posição desde o fim da recessão em 2009. O Grupo de Orçamento da Mulher (WBG), com uma análise, concluiu que as mudanças nos impostos e os benefícios que acontecem desde 2010 afetaram duas vezes mais o rendimento das mulheres do que o dos homens, até ao ano de 2020. A economia dos EUA poderia ter produzido 512,6 bilhões de dólares a mais no rendimento, caso as mulheres tivessem tido um ordenado com um salário equivalente ao do homem em 2016, isto de acordo com o Instituto de Investigação de Políticas de Mulheres. Ou seja, isto, nos EUA, é 2,8% do PIB de 2016 e representa “aproximadamente 16 vezes o que os governos federais e estaduais gastaram no ano fiscal de 2015 em Assistência Temporária a Famílias Carentes”. O Grupo de Orçamento da Mulher observou que ao investir 2% do PIB em serviços de assistência pública nos países como o Reino Unido, Alemanha e Austrália, que se ia desenvolver empregos, tanto quanto se investissem na indústria de construção. O bônus disto é que também desenvolviam quatro vezes mais empregos para as mulheres. Segundo um estudo, as creches consistentes têm a probabilidade de ajudar as mães duas vezes a manter os seus empregos e outro estudo concluiu que os programas pré-escolares, que sejam financiados pelo governo, podem aumentar a taxa de emprego de mães a 10%. O que se pode compreender disto é que o trabalho não remunerado que as mulheres realizam é algo do qual a sociedade necessita e beneficia (Perez, 2019).

Segundo Perez (2019), atualmente determina-se a pobreza de género a partir de uma avaliação de pobreza relativa ao domicílio, onde o controlo dos recursos é do homem da família, em oposição a um domicílio que seja controlado pela mulher. Nos dias de hoje temos sistemas tributários que têm um preconceito de género oculto, como o americano e o argentino. O sistema tributário americano, relativamente aos casais, acaba por penalizar as mulheres que têm um trabalho remunerado, isto é acompanhado de vários estudos que afirmam que as mulheres são incentivadas a não ter um emprego remunerado devido à ação conjunta e acaba por ser mau para o PIB. O sistema tributário argentino proporciona um abatimento quase de quatro vezes mais a todos os que são funcionários, do que aqueles que trabalham por conta própria. Isto implica às mulheres, que são mais prováveis de trabalhar por conta própria numa economia informal, um desconto menor do que o dos homens. Todas estas vantagens que os homens têm são às custas das mulheres, isto porque as mulheres acabam por ocupar os espaços de serviços, que é resultado do seu trabalho de cuidados não remunerado. Estes benefícios podemos ver no exemplo do Reino Unido, que de acordo com o Grupo de Orçamento da Mulher em 2017, paralelamente às medidas de austeridade que tinham um impacto enorme nas mulheres, os homens eram beneficiados com os descontos fiscais e teve como consequência um custo de 44 bilhões de libras até ao ano de 2020 às finanças. Podemos deduzir que, os sistemas tributários, com os impactos que têm de género, foram elaborados em base de dados não desagregados por sexo e pelo pensamento padrão masculino. Simultaneamente, pode-se ver que os sistemas tributários não encontram solução para a pobreza de género e ainda ajudam a impulsar (Perez, 2019).

Universalmente, o trabalho não remunerado é feito por mulheres, concretamente 75%. Isto significa que as mulheres suportam entre três a seis horas por dia, enquanto os homens suportam, em média, trinta minutos a duas horas, deste tipo de trabalho (Perez, 2019). Deste trabalho não remunerado, 61% é trabalho doméstico. Em Portugal, esta realidade está demonstrada na vida das mulheres por mais 90 minutos de trabalho do que os homens portugueses. Como consequência, este trabalho, que é extra na vida das mulheres, traz problemas de saúde e até pode levar à morte. Por exemplo, as mulheres com menos de 50 anos têm piores sequelas após uma cirurgia ao coração. Isto é afirmado pela investigadora Colleen Norris e o estudo que realizou (2016, citada em Perez). Para além de doenças físicas, estudos demonstram que doenças mentais e as horas extra que as mulheres realizam estão relacionadas com outro tipo de doenças, como é visto num estudo sueco. Uma investigação realizada nos EUA (2016, citada em Perez), acerca do impacto que o trabalho de longas horas, um período de 32 horas, relatou uma discrepância idêntica de géneros. Isto é, trabalhar entre as 41 horas a 50 horas, por semana reduz a contração de doenças cardíacas, doenças crónicas de pulmões e depressões para os homens. A mesma situação nas mulheres aumenta a probabilidade de doenças cardíacas e cancros, sendo que o risco aumenta se as mulheres trabalharem mais de 40 horas por semana. Caso as mulheres trabalhem em média 60 horas por semana, estes riscos aumentam para o triplo (Perez, 2019).

Segundo *University and College Union (UCU)* e *Higher Education Statistics Agency*, situados no Reino Unido, a primeira instituição desagrega os dados recolhidos do sexo, já a segunda afirma que as mulheres estão sob contratos com uma duração mais curta e em circunstâncias fixas, em comparação com os homens (Perez, 2019). Isto também se pode ver em estatísticas da Alemanha e outros países na Europa. Para além disto, globalmente, as mulheres fazem a maior parte do trabalho de cuidados que não é remunerado, principalmente o cuidado de crianças, o que resulta em horários irregulares. No Reino Unido, 75% das famílias de baixo e médio rendimento, estão empregadas em trabalhos com horários anormais e irregulares. Isto é difícil, porque estabelecimentos de cuidados de crianças apenas se encontram disponíveis no horário das oito horas da manhã até às dezoito horas da tarde (Perez, 2019).

A organização *Health and Safety Executive (HSE)* (2017, citada em Perez), explica através de um relatório, que as mulheres tinham 53% mais stress que os homens. Esta situação é mais representada nas idades entre os 35 e os 44 anos, ou seja, nos homens os casos são de 1.270 por 100.000, quando nas mulheres é de 2.250 por 100.000. O seu resultado advém nos ramos onde as mulheres trabalham, como na indústria do serviço público (Perez, 2019).

Devido ao trabalho não remunerado, as mulheres realizam trabalhos que são inferiores às suas capacidades, porque estes fornecem horários flexíveis, mas não pagam o que requerem (Perez, 2019). Podemos ver isto quando analisamos 50 anos de dados retirados dos censos nos EUA (citados em Perez), que provam que ao acrescentar as mulheres a uma indústria de números altos, faz com que os ordenados diminuam, como a perda de prestígio, sendo consequência as mulheres ficarem mais pobres. No relatório que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) (citado em Perez) observou que existe uma lacuna de dados de género, em relação aos pagamentos sem horas remuneradas, que acaba por ser significativamente mais elevada em países onde as mulheres tiram uma grande parte do seu tempo a trabalhar em cuidados. No futuro destas mulheres, o que acontece é

o extremo de pobreza em idade idosa. Este problema só será resolvido quando os governos destes países adotarem políticas que permitem as mulheres um trabalho remunerado, começando com uma licença de maternidade com boas condições. A licença de maternidade tem um efeito positivo na participação das mulheres no mercado de trabalho remunerado. Quando falamos de licenças de maternidade, temos de falar também das de paternidade. Com uma licença de paternidade, que seja bem paga, o impacto é bastante positivo na vida profissional das mulheres. Um estudo realizado na Suécia, afirma que os ganhos de uma mãe aumentam por média 7%, pelos meses que o pai tira de licença (Perez, 2019).

Conforme Perez (2019), tanto num trabalho precário, como noutro tipo de trabalho, as mulheres têm experiências de assédio sexual. O movimento #MeToo ajuda a que estes acontecimentos não sejam desvalorizados em relação à realidade das indústrias. Com estatísticas, as Nações Unidas (citadas em Perez) conseguem estimar que mais de 50% das mulheres que trabalham em países da União Europeia, já experienciaram assédio sexual. Na China, a estimativa sobe para mais de 80%. Quando os espaços de trabalho são predominantemente homens ou o líder é um homem, estes acabam por ser os piores sobre o assédio sexual. Uma investigação de *Trades Union Congress (TUC)* (2016, citada em Perez), constatou que, na manufatura 69% e no lazer e hospitalização 67%, das mulheres “reportaram experiências em formas de assédio sexual”, isto comparando com 52% de média. Do mesmo modo, nos EUA, um estudo (2011, citado em Perez) realizado constatou que uma das maiores taxas de assédio sexual era na indústria de construção, sendo que as indústrias de transportes e utilidades se encontravam em segundo. Entre estas indústrias, conforme várias pesquisas afirmam, as enfermeiras estão sujeitas a “mais atos de violência que polícias ou guardas prisionais”. Um outro estudo, realizado nos EUA, mais recente, também afirma que os “trabalhadores de saúde requerem folgas dado à violência, quatro vezes mais do que outros” (Perez, 2019).

Como forma de combater a discriminação oculta no espaço de trabalho, como também no dia-a-dia, muitas empresas encontram soluções valiosas (Perez, 2019). Tal como Campbell Soup, que disponibiliza atividades extracurriculares e programas de férias aos filhos dos seus funcionários. A Google garante, durante três meses, refeições que transporta até aos seus funcionários após o nascimento de um filho, também fornece consultas pediátricas e inclui outras soluções como uma lavandaria dentro do perímetro da empresa para facilitar os trabalhos domésticos. Para além destas duas empresas, a Sony Ericsson e a Evernote pagam para que os trabalhos domésticos sejam feitos aos seus funcionários. Outros locais de trabalho nos EUA, disponibilizam espaço estritamente para mães retirarem leite, já American Express paga o envio de leite das suas funcionárias para casa, caso estas estejam no emprego. Também é explicado que existe uma mudança radical a ser cometida na cultura do trabalho remunerado. Como é demonstrado com vários estudos e dados, o funcionamento das empresas não seria o mesmo, sem que o trabalho “invisível”, ou seja, não remunerado fosse feito. Concluindo assim, que as mulheres não foram incluídas na projeção do trabalho tradicional (Perez, 2019).

Segundo Perez (2019), com a evolução dos tempos, as condições de emprego dos trabalhadores têm sido seguras. Mesmo com isto, os acidentes graves nas mulheres têm aumentado, enquanto nos homens têm diminuído. A razão disto é a lacuna de dados de género existente nas indústrias que são dominadas pelos homens. Carolina (2019) afirma que mulheres que trabalham nas áreas de cuidado e

de limpezas são capazes de suportar uma carga maior numa só vez, do que homens que trabalham nas obras e nas minas. E, ainda assim, quando estas mulheres voltam para casa, não vão para descansar, mas sim para fazerem trabalho doméstico não remunerado. Com a lacuna de dados de género que existe na área de saúde ocupacional, acaba por se pensar que os homens morrem mais do que as mulheres no trabalho. Esta lacuna pode observar-se nos estudos que demonstram que, 8.000 pessoas morrem com cancro todos os anos, devido ao seu trabalho, sendo que estes estudos são realizados a homens. Nas últimas cinco décadas, o que observamos é que o cancro da mama tem tido um aumento significativo (Perez, 2019).

Os sistemas de imunidade e de hormonas são diferentes em ambos os sexos, isto significa que umas coisas podem fazer bem aos homens e às mulheres não, como por exemplo a absorção de químicos (Perez, 2019). Isto advém da resolução do “Homem de Referência”, pois os níveis de radiação que estão estipulados em muitos químicos, apenas são seguros para os homens. Um exemplo que temos é sobre os trabalhadores dos salões de unhas, que são principalmente mulheres, onde os produtos que são utilizados todos os dias, possuem muitos químicos nocivos ao corpo de uma mulher. Os relatórios sobre os perigos dos EDC – *Endocrine Disrupting Chemicals* (Químicos Disruptivos Endócrinos) -, realizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela União Europeia e a Sociedade Endócrina (citados em Perez) demonstram que a taxa aumentou sobre o cancro da mama nos países já industrializados. Em várias partes do mundo, estes químicos foram regulados, por exemplo, no Canadá foram nos artigos de crianças, mas na indústria de cosmética não existe regulamentação. A partir de 2015, na União Europeia, estes químicos, para ser produzidos têm de ter um objetivo específico, mas se forem importados já são permitidos. Outro exemplo são os EUA, que não apresentam nenhuma lei que obrigue as empresas de produtos de limpeza a inserir os rótulos nas embalagens, sendo que até os produtos de limpeza considerados “verdes” contêm EDC. Para as mulheres americanas isto não é bom sinal, visto que 70% fazem a limpeza em casa e 89% trabalha na área de limpezas em hotéis e casas privadas e a maioria das mulheres que estão inseridas nestas duas percentagens fazem parte de minorias étnicas. Até em produtos de higiene feminina, como nos pensos higiénicos da marca Always se encontram produtos químicos nocivos à saúde de uma mulher (Perez, 2019).

Desde o início dos tempos, que sempre se presumiu que as únicas diferenças entre os corpos femininos e masculinos não eram mais do que o tamanho e função do sistema reprodutivo (Perez, 2019). Portanto, durante muitos anos, a educação médica focou-se na “norma” masculina e deixou tudo o que se encontrava fora desta norma de fora. Este problema pode-se ver numa análise (2008, citada em Perez), que avaliou livros que foram recomendados por várias universidades europeias, americanas e canadianas revelando que num total 16.329 imagens, o corpo masculino é representado três vezes mais do que um corpo feminino, quando se fala em partes neutras do corpo humano. Um outro estudo (2008, citado em Perez), avaliou outros livros que foram recomendados por universidades de medicina na Holanda e revelaram que informações que são diferentes para os sexos eram inexistentes, mesmo quando estas já tinham sido definidas, como por exemplo na depressão ou nos efeitos do álcool no corpo e também apresentavam análises de testes clínicos supostamente válidos para homens e mulheres, mas onde as mulheres foram excluídas do estudo. Durante milhares de anos, o funcionamento da medicina

foi sempre em volta da “norma” masculina, acreditando que os corpos masculinos representavam toda a população do mundo. A consequência desta presunção levou a uma enorme lacuna de dados na história sobre os corpos femininos e esta lacuna cresce continuamente porque os investigadores desvalorizam a urgência de incluir as mulheres, células e animais femininos nas suas investigações (Perez, 2019).

De acordo com Perez (2019), o Síndrome de Yentl acontece quando as mulheres são mal diagnosticadas e maltratadas, porque os seus sintomas não coincidem com os sintomas dos homens. Isto pode levar a situações fatais para as mulheres. Este fenómeno que é o Síndrome de Yentl, vai ao encontro do estudo americano (2005, citado em Perez), que afirma que “apenas um em cada cinco médicos em várias especialidades estava ciente de que mais mulheres do que homens morrem de doenças cardiovasculares a cada ano e a maioria desses médicos não se considerava eficaz no tratamento de doenças cardiovasculares adaptadas ao sexo”. Como por exemplo, os ataques cardíacos nas mulheres podem manifestar-se e podem ser mecanicamente diferentes em comparação com os dos homens, ou seja, a tecnologia que foi desenvolvida como ajuda para diagnosticar esta doença, pode não ser a mais adequada para mulheres. Outro exemplo desta síndrome pode-se ver quando falamos do autismo. Isto porque se pensa que o autismo é mais comum nos meninos, especificamente quatro vezes mais do que nas meninas. Porém, um novo estudo (citado em Perez) indica que com a socialização feminina, os sintomas de autismo são mascarados e com esta nova descoberta, existem mais meninas com a doença do que se pensa. Para além disto que se falou anteriormente, sabe-se que as mulheres, com o ciclo menstrual, têm um aumento e uma diminuição da sensibilidade à dor, devido às flutuações hormonais que vão afetando, de maneira diferente, a pele, o tecido subcutâneo e os músculos (Perez, 2019). As mulheres, mais concretamente 90%, sofrem com o síndrome pré-menstrual que afeta a sua vida diária, de uma a cada cinco mulheres e mesmo assim este assunto é muito pouco estudado. Para mais, 830 mulheres morrem por dia, por complicações na gravidez e no parto. Esta situação pode-se ver nos EUA numa grávida e mãe com descendência ou etnia africana, pois de acordo com a estimativa da Organização Mundial de Saúde, a taxa de mortalidade é igual a de países onde o rendimento é muito mais baixo, como no México e no Uzbequistão (Perez, 2019).

Com o desconsiderar dos dados médicos sobre a saúde das mulheres, agora temos de prevenir o BPA – Bisfenol A (Perez, 2019). Desde 1930, que se sabe que o BPA consegue reproduzir a hormona feminina, o estrogénio. Mais ainda, desde 1970, sabe-se que o estrogénio reproduzido sinteticamente é cancerígeno nas mulheres. O Dietilestilbestrol (DES), uma hormona de estrogénio sintética, que foi prescrita a muitas mulheres grávidas globalmente por 30 anos e acabou por ser retirado do mercado, pois causou vários cancros raros vaginais a jovens mulheres que foram sujeitadas a esta hormona ainda no útero. Para além deste problema ser da vertente do género, também acaba por ser um problema de classe ou de classe de género. Isto é representado nas mulheres que trabalham em salões de unhas, na indústria de autoplásticos, entre outros, que acabam por ser suscetíveis a explorações e impotentes, porque as mulheres são pobres, operárias e muitas são imigrantes. Isto pode observar-se num relatório realizado (2017, citado em Perez), que explica que as mulheres vietnamitas, principalmente, são “vítimas de escravatura moderna” (Perez, 2019).

Várias investigações realizadas nos EUA, (1980 a 2000, citadas em Perez), constataam que as mulheres estão mais inclinadas a questões femininas como uma prioridade e também investem mais em projetos de lei sobre as mesmas questões (Perez, 2019). Para além disto, uma análise do Reino Unido, permitiu entender que as mulheres também falam sobre políticas familiares, sobre a educação e cuidados. Outra análise da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OECD) (1960 a 2005, citada em Perez), sobre como a representação feminina, em dezanove países, afirmam que as mulheres na política abordam mais assuntos que afetam as mulheres. O aumento da representação feminina na política ajudou países, como a Grécia, Portugal e Suíça, a ter um aumento no investimento educacional. Globalmente, os países que têm níveis mais altos de representação feminina na política usam a representação proporcional (RP). Segundo um relatório realizado pela União Interparlamentar (IPU) (citado em Perez), as mulheres que fazem parte da política sofrem com sexismo, assédio e violência, sendo uma experiência que acontece em todos os países, apenas em gravidades diferentes. Existem dois pontos importantes que se podem observar, um deles sendo a exclusão de metade da população na tomada de decisões, o que acaba em lacunas de dados de género, o outro é que as mulheres na política estão em desigualdade, porque os sistemas elegem homens, o que ajuda na mesma lacuna nas lideranças globais (Perez, 2019).

Segundo Perez (2019), existem vários problemas que podem ocorrer como uma guerra, um desastre natural ou uma pandemia. As lacunas de dados de género tendem a ser ampliadas e multiplicadas em áreas como o planeamento urbano e assistência médica. Isto acontece, porque se exclui as mulheres e entende-se que os direitos de metade da população é um interesse pequeno. Este pensamento, com certeza, é consequência do sexismo, onde se pensa que a vida das mulheres não é tão importante como a vida humana, visto que “humano” é o mesmo que masculino. Uma análise sobre dados quantitativos, realizada recentemente, declara que existem provas que afirmam que países que excluem mulheres de posições de poder e as tratam como cidadãs de segunda classe têm muita probabilidade de não serem pacíficos. Para mais, a violência doméstica contra as mulheres acaba por aumentar com o início de um conflito. Por exemplo, no conflito ocorrido na Bósnia, com a duração de três meses, perto de 60.000 mulheres foram violadas e no genocídio de Ruanda, com a duração de apenas 100 dias, 250.000 mulheres foram violadas. Os números reais de violações nestes dois conflitos devem ser mais altos, porque devido às lacunas de dados de género, muitas mulheres não encontram ninguém a quem possam reportar o crime. Mesmo em cenários pós-conflitos, os números de violações e de violência doméstica continuam bastante altos. Nestes cenários e nos pós-desastre, muitas mulheres morrem devido a doenças infecciosas, num número bastante alto em comparação com o dos homens. Visto que as mulheres englobam um número alto de pessoas que trabalham nos serviços de cuidados, também tratam de doentes em casa e ajudam na preparação de um corpo para o funeral e nos rituais fúnebres, acontece que muitas vezes são infetadas. As mudanças climáticas podem ser um motivo para os conflitos e pandemias, como também podem causar muitas mortes, segundo análises realizadas. Com a verificação de dados de 141 países (1981 a 2002, citados em Perez), compreende-se que a probabilidade de uma mulher morrer por causa de um desastre natural, é maior do que a dos homens (Perez, 2019).

2.2. Design e as mulheres

2.2.1. A cidade

Na teoria, uma cidade democrática juntamente com o direito à cidade, incluindo os espaços privados e públicos, teria de ser a mesma para todos os integrantes, sem ter em conta o sexo, a etnia, a tendência sexual, a deficiência, entre outros (Hudson & Rönnblom, 2008). Esta cidade democrática tem de disponibilizar momentos de influência de como a mesma pode ser modelada tanto no âmbito físico, como no emocional. Para se ter uma ordem democrática funcional, deve-se disponibilizar o direito fundamental das mulheres ao seu corpo ou disponibilizando cidadania igual para as mulheres e os homens. Por isso, é que a relação de poder desigual que ocorre na vida social numa cidade deve ser combatida (Hudson & Rönnblom, 2008).

Iris Marion Young (1998, citada em S. Bardzell & Bardzell), apresentou as noções de cidadania diferenciada e Nira Yuval-Davis (2000, citada em S. Bardzell & Bardzell), a cidadania por multicamadas. Estas duas autoras apresentam fundamentos que mudam o modelo de cidadania universal da perspectiva da democracia liberal. Purcell afirma que o desvio da cidadania leva a uma propagação de identidades e lealdades a várias comunidades políticas. Segundo Purcell (2003, citado em Fenster), existem três mudanças que retratam as reconstruções radicais de cidadania (Fenster, 2005). Estas três mudanças tratam-se do reescalonamento, onde enfraquece a antiga hegemonia de escala nacional, com a conceção de outras escalas de referência; a re-territorialização, onde se questiona a ligação entre a soberania territorial do Estado-nação e a lealdade política; e a reorientação, em que diminui o pensamento de nação como se fosse uma comunidade política e os seus cidadãos entidades homogéneas. Aqueles que possuem um grande controlo na vida de pessoas, como as mulheres, crianças, minorias, imigrantes, entre outros grupos, são os homens brancos. Estes grupos referidos anteriormente não têm controlo autoral das pesquisas científicas sobre os mesmos, nem na política social que é usada para coordená-las (S. Bardzell & Bardzell, 2011).

As definições existentes tradicionais de cidadania estão correlacionadas com formas de exclusão legitimadas, geralmente (Fenster, 2005). O impacto destas definições acaba por ser negativo não só para as mulheres, como para as crianças, os imigrantes e minorias étnicas e raciais, homossexuais e, por vezes, idosos. Assim sendo, apesar da definição radical do direito à cidade ser entendida como inclusiva a todos os grupos que a habitam, como as mulheres e minorias étnicas, o domínio do patriarcado em várias escalas de vida, a casa e a cidade, não permite o cumprimento de práticas inclusivas (Fenster, 2005). Na apresentação TedxUCLWomen de Cosgrave (2019) são apresentados vários problemas das cidades que existem no mundo, mas também ideias para melhorar as mesmas. As decisões tomadas no presente, sobre os espaços públicos, vão afetar a população do futuro e a falta de uma equipa de design diversificada traz desvantagens para a inclusão de todas as pessoas nas sociedades. Um exemplo de melhoria é sobre o serviço de transportes públicos, em que explica que este é desenhado para facilitar o tráfego nas horas de ponta, de manhã e de noite, mas o serviço devia ser melhorado para os utilizadores frequentes e incluir novos. Outro exemplo que revelado é o serviço de estradas direcionadas para as bicicletas – ciclovias -, que em algumas cidades, como Londres, não tem em conta a utilização de mulheres ou idosos. Já na Dinamarca ou na Holanda, a percentagem de uso das ciclovias pelas mulheres é mais

de metade, porque estas foram desenhadas de acordo com as experiências das mesmas (Cosgrave & TEDx Talks, 2019).

A realidade da maioria dos países da Europa Ocidental é que mais mulheres vivem nas cidades do que os homens, mesmo que as cidades tenham sido desenvolvidas pelo homem. Apesar destas serem emancipatórias, ou seja, oferecem oportunidades educacionais e profissionais, fornecem equipamentos culturais e liberdade no controlo social, também demonstram a desigualdade em relações de poder na sociedade sobre o género, a classe, a etnia, sexualidade e habilidade (Hudson & Rönnblom, 2008).

A definição do sentimento de pertença nos espaços privados, como nos públicos é devido às decisões tidas, à participação e às escolhas em casa. As práticas de tomar decisões e escolhas nos espaços privados e públicos são retratos de formações básicas de cidadania, como de relações e controlo de género. Quanto maior for o controlo das mulheres e as oportunidades que lhes são oferecidas, mais possibilidade de escolha possuem. A importância do género sobre o direito de participar na cidade está relacionada com as várias possibilidades que as mulheres e os homens têm nas tomadas de decisões (Fenster, 2005). Segundo Young (1998, citada em Fenster), quando se refere a “público”, as mulheres e as minorias étnicas não estão incluídas, logo são afetadas pelo design projetado no planeamento urbano, pois não considera as suas necessidades e desejos. Tovi Fenster (2005) percebe que o direito de *Lefebvre* sobre a cidade é referente ao público, o uso de espaços públicos e outros, que é um produto e contexto na vida diária dos habitantes. De acordo com algumas críticas feministas, o “público” é entendido como homem, de classe média/alta, brancos e heterossexuais.

A conceção sobre o direito à cidade engloba dois benefícios principais, isto é, a apropriação do espaço urbano, em relação ao uso dos seus utilizadores, ou seja, os seus habitantes, na sua vida diária e a participação na tomada de decisões sobre o planeamento ou produção dos espaços urbanos (Fenster, 2005). Como a cidade é projetada para os homens, isto transmite às mulheres que as cidades, sejam ocidentais ou não, que certos espaços urbanos como ruas e parques não podem ser usados, principalmente quando se encontram sozinhas e em certas culturas não têm o direito de vaguear, ou seja, elas integram os espaços privados, como a casa. As experiências de domínio de controlo patriarcais nos espaços privados têm diferentes impactos na compreensão do seu direito aos espaços públicos, ou seja, o direito à cidade. Existe uma construção do sentimento de pertença, que tem base o uso padrão do espaço quotidiano e tem uma influência de género, visto que as tarefas domésticas estão relacionadas com o uso do espaço diariamente. Assim, os espaços urbanos englobam os direitos fundamentais humanos, como a alimentação, o abrigo, saúde e paz, as inevitabilidades de sobrevivência para os humanos. Em cada contexto de cultura e etnia, as mulheres assumem papéis e deveres diferentes. As mães jovens que encontram obrigações reprodutivas em casa, utilizam o espaço público que fica perto das suas casas com mais regularidade, para fazer compras, levar os filhos às escolas ou para passear com os filhos nos carrinhos de bebés (Fenster, 2005).

Devido aos assédios sexuais e discriminação que as mulheres enfrentam nas cidades, faz com que estas não sejam idealizadas para elas. A falta de casas-de-banho públicas, o serviço de transportes, a falta de sítios seguros, entre outros tipos de serviços, permite os acontecimentos de assédio e discrimi-

nação. Uma Cidade Feminista não é só contra o assédio e discriminação, como também um espaço com oportunidades iguais, seja qual for o gênero, estatuto social, sexualidade, entre outros, como também o quanto a cidade limita a inclusão de pessoas com deficiência (Cosgrave & TEDx Talks, 2019).

No século XXI, as cidades têm como objetivo proporcionar uma boa qualidade de vida ao tornarem-se mais sustentáveis, saudáveis, vivas e seguras (Almahmood et al., 2017). A atividade de caminhar pela cidade é persuadida pela compreensão própria sobre o espaço e pela forma de utilização. Esta atividade tem alguns benefícios, como de saúde e sociais, pois permite relações sociais e urbanas. As características dos espaços urbanos e de infraestruturas atuais são comentadas negativamente, porque têm um padrão de utilizador global, o que permite a desvalorização de outros fatores, tal como a cultura, a religião, gênero e classe, que são capazes de ter importância na utilização e percepção do espaço. As investigações de Harvey (1989, citada em Almahmood), Soja (1989, citada em Almahmood) e Massey (1994, citada em Almahmood) explicam que o espaço continua a ser pensado através do padrão masculino universal, em que as mulheres e outros grupos não incluídos (Almahmood et al., 2017).

Um grande conjunto de arquitetos, designers urbanos e planeadores sugerem que as mudanças do ambiente físico terão impacto em práticas culturais e alegam que o comportamento dos utilizadores dos espaços públicos é através das necessidades humanas universais (Almahmood et al., 2017). Devido à projeção, planeamento, construção e administração das cidades, percebe-se que estão sendo desenvolvidas de homens para homens. Isto acontece nos lugares e espaços que têm impacto negativo nas mulheres e outras pessoas que se desviam do padrão masculino, branco, heterossexual e apto (Hudson & Rönnblom, 2008). Os limites dos passeios das mulheres estão relacionados com o seu uso e acesso destes espaços, porque estes tornaram-se autorregulados espacialmente e temporalmente, como condicionados por regras e tradições de gênero. Isto tem como consequência, as mulheres autorregularem a sua presença temporal nestes espaços, evitando conflitos desagradáveis de gênero. Ademais, as mulheres podem ser estigmatizadas e podem ser consideradas culpadas por algum tipo de violência ou assédio que possa decorrer nos espaços urbanos, porque os passeios e ruas foram projetados masculinos, que ajuda no afastamento das mulheres (Almahmood et al., 2017).

A comunidade ajuda no aborrecimento de algum trabalho doméstico e melhora a partilha deste trabalho pelos homens e mulheres. A comunidade também tem a possibilidade de proporcionar o aumento do núcleo tradicional familiar e combate o isolamento das mulheres, como também a violência doméstica (Hudson & Rönnblom, 2008).

Percebe-se que na década de 1990 o lazer das mulheres era baseado em fatores como o gênero, a classe, a sexualidade, a raça e idades (Scraton & Watson, 1998). As experiências de gênero compartilhadas pelas mulheres são devido à segurança, aos impedimentos financeiros e as divisórias sexuais no trabalho. Por meio das construções de gênero e raciais, nos espaços públicos e privados, é necessário analisar as noções da cidade. Os empregos part-time e que são mal remunerados que algumas mulheres possuem em pubs, bares e restaurantes influenciam as noções da cidade e a variedade de lazer. Pois, os lugares que são classificados como lazer, passam a ser interpretados como lugar de trabalho. Como por exemplo, locais de educação, de compras domésticas, parques e centros de lazer são utilizados para o lazer e para emprego. Na perspectiva de mulheres mais velhas e de mães, os espaços públicos são

muitas vezes entendidos em termos de segurança como uma possível ameaça de algum tipo de violência masculina. Segundo Valentine (1989, citada em Scraton & Watson), as mulheres esquematizam mentalmente certos locais, relativamente aos próprios medos de violência masculina. A segurança nos espaços públicos é diferenciada nas descrições das mulheres, por exemplo, as mulheres mais velhas têm medo de ataques e assaltos, enquanto as mulheres jovens referem o ataque sexual. Daí muitas mulheres elaborarem métodos que se adaptam a estes medos, como usar os táxis, dirigirem-se com os amigos ou a partir de boleias. Estes medos influenciam as experiências e as percepções de segurança nos espaços públicos de lazer (Scraton & Watson, 1998).

O lazer já não se pode discutir como “lazer feminino”, pois já não é suficiente como experiência ou categoria global. Através da necessidade da problemática de “gênero” e “mulheres”, que apontam experiências partilhadas, foi desenvolvido uma nova perspectiva sobre os vários grupos de mulheres e sobre o seu lazer numa “cidade pós-moderna”, pois reconhecer as diferenças que existem dentro do grupo das mulheres, é importante para entender os níveis de acesso e o tipo de experiências, tanto no lazer e recreação. Alguns locais de lazer são os centros comunitários, redes ou grupos locais referidos por mulheres mais velhas. Estes locais podem ser definidos como “lazer feminino”, pois são utilizados por grupos específicos de mulher, mas não deviam (Scraton & Watson, 1998).

Para além da presença de mulheres em espaços urbanos num contexto sociocultural, é um seguimento de acordo dos limites sociais e culturais, é a imposição do seu direito à cidade e é a inclusão nos espaços urbanos. Os ambientes urbanos têm o contributo sobre o uso e percepção através dos aspetos socioculturais. A uniformidade de ambientes urbanos físicos é questionada sobre as diferenças culturais, que desenvolve várias identidades dos utilizadores dos espaços públicos. Com o crescimento económico e as mudanças sociais e culturais nas cidades, pode-se alegar que existem novos procedimentos conjuntos de gênero e das suas relações, “novas” etnias complexas e mais identidades fragmentadas (Almahmood et al., 2017).

O serviço de limpeza de neve fornecido na cidade de Karlskoga, na Suécia, em 2011, sofreu modificações, por causa de uma iniciativa de igualdade de gênero. O problema, antes das modificações, era que a limpeza de neve começava nas ruas e não nos passeios e ciclovias. Isto acabava por afetar não só as mulheres, mas os homens. As modificações que foram feitas, tratavam da priorização da limpeza nos passeios e ciclovias, para os pedestres e utilizadores dos transportes públicos, como não iam custar mais dinheiro ou menos. Com o passar do tempo, o que se observou foi que as modificações ajudaram no ganho de dinheiro, pois não houve tantos acidentes como antes, logo as pessoas não precisaram de ser auxiliadas por um hospital, como não faltaram ao seu emprego, devido a lesões. Algo simples como o horário de limpeza de neve, que supostamente seria algo neutro na questão de gênero, afinal era o contrário. Na cidade de Umeå, também na Suécia, houve um estudo que examinou que 79% dos acidentes de pedestres ocorreram na estação do Inverno e 69% eram acidentes de uma pessoa só e mulheres. Outro estudo feito pelo Skåne County constatou o mesmo, como também constatou que os acidentes custavam mais dinheiro aos hospitais e fazia com que a produtividade das indústrias diminuísse (Perez, 2019).

Afora a cidade ser um espaço físico, também é emocional, ou seja, o sentimento de pertença, de ser bem-vindo, de estar incluído e sem sentir medo (Hudson & Rönnblom, 2008). De acordo com o argumento de *Lefebvre*, os espaços sociais que são supostas produções neutras, na realidade são parciais e políticas. Deve-se valorizar a ligação da arquitetura, da corporificação, do gênero e a disposição de como o espaço apresenta o movimento do corpo. Nos processos de planejamento urbano, a participação das mulheres tem limites e a sua participação é desvalorizada e marginalizada. Ao longo do dia, o sentimento de pertença em relação a certos lugares na perspectiva da mulher é inexistente. Isto permite que muitos objetos e espaços urbanos não sejam adequados, por causa da sua projeção e planejamento no conceito de segurança, porque as mulheres não foram integradas nas fases do projeto. Se alguns destes espaços tiver características associadas a um maior perigo, como as passagens subterrâneas, ferroviárias e outras, os parques públicos com pouca luz, becos escuros, entre outros, as mulheres acabam por evitá-los devido à dimensão espacial do medo. Apesar destes problemas dos espaços, o medo sobre o perigo existente nos espaços não é o que ameaça as mulheres, mas sim as relações de poder de gênero na sociedade (Hudson & Rönnblom, 2008).

O espaço privado é onde as mulheres estão mais sujeitas à violência. As estatísticas demonstram que as mulheres correm maior perigo de violência no espaço privado, mas estas sentem mais medo nos espaços públicos do que os homens (Pain, 2001). A maioria das investigações sobre o medo de crime demonstram, através de relatos, que as mulheres têm mais medo do crime do que os homens. O maior medo para as mulheres é de violência sexual e de assédio vindo dos homens, seja em casa, no trabalho ou até mesmo na cidade (Almahmood et al., 2017). Segundo Loukaitou-Sideris (citada em Perez), este medo das mulheres em ambientes públicos é irracional, visto que os homens sofrem mais crimes neste ambiente, existindo assim um paradoxo. O problema é que muitos comportamentos sexuais não são reportados pelas mulheres, porque quando estas percorrem espaços públicos sofrem com este tipo de comportamento através de difamações sexuais. O comportamento sexual que se referiu não é considerado crime, mas aumenta o sentimento de ameaça sexual e de perseguição, como também o perigo da situação. Houve um questionário realizado na Austrália, no ano de 2014, que declara que 87% das mulheres já sofreram com violência verbal ou física num lugar público e nunca reportaram. Outro questionário sobre o metro de Washington DC e crimes sexuais, no ano de 2016, declara que 77% das vítimas não reportaram o crime. Sabe-se que as mulheres acabam por não reportar estes crimes por diferentes razões, como o estigma, a vergonha e a preocupação de outros não acreditarem no sucedido (Perez, 2019). Muitas feministas veem este medo como uma forma de manifestação da opressão de gênero e uma forma ofensiva do controlo das vidas das mulheres, que representam o padrão tradicional da posição das mulheres na sociedade (Almahmood et al., 2017).

Existem duas contradições sobre o medo das mulheres em espaços urbanos, segundo pesquisas. O primeiro consiste sobre as incoerências entre os níveis de medo e de violência, ou seja, quando o aumento do medo das mulheres devido a crimes, foi demonstrado pela primeira vez, este parecia maior do que o perigo real de vitimização. Isto acaba por ser enganador, por causa da produção representativa de como os criminologistas definem e medem os crimes contra as mulheres. Outras pesquisas demonstram que, mesmo assim, o nível de violência contra as mulheres é bastante alto, justificando os níveis

altos de medo de ataque das mulheres (Pain, 2001).

Para navegar a cidade com segurança, as mulheres desenvolveram métodos, como escolher caminhos com atenção na iluminação que terão, permanecer com as chaves na mão enquanto caminham, o uso de um alarme ou ter um número de telefone já programado caso encontrem algum problema (Hudson & Rönnblom, 2008). Na Finlândia, muitas mulheres adotaram vários métodos para ajustar o perigo, estas liam os sinais, detinham o espaço e tinham o poder no espaço urbano, ou seja, possuíam “experiência espacial”. Estas práticas diárias sobre o espaço podem ser um tipo de resistência. Para as mulheres mais jovens, a cidade pode ter um significado de risco e aventura, como também de medo. Mesmo que os homens jovens passem pelos estereótipos comuns de serem criminosos e nunca vítimas, existem muitas situações onde estes encontram-se num caso de crime, risco e medo (Pain, 2001).

Os ambientes internos são utilizados pelas mulheres como “abrigos urbanos”, como por exemplo os shoppings que utilizam para caminhar. Quando se trata dos homens jovens, estes utilizam as ruas para caminhar, que ajuda a desenvolver interações de gênero. Todavia, as ruas são limitadas para as mulheres, porque foram socialmente realizadas para passeios dos homens, principalmente em certos períodos do dia. Os shoppings são caracterizados como espaços internos, mesmo não sendo considerados espaços públicos. As mulheres do sul do mundo sentem mais segurança dentro destes espaços, então estes são utilizados para diversão e socialização. Isto acaba por ser preocupante, porque mostra como os espaços que são considerados públicos estão a diminuir para as mulheres. A percepção destes espaços é diferente dos homens para as mulheres, através de estudos sobre o gênero e o uso do espaço, que interfere na presença espacial, no conforto e no comportamento territorial. Como por exemplo, as mulheres têm falta de segurança nestes espaços relacionada com a masculinização, que tem interferências na presença temporal. A segurança das mulheres relativamente às suas experiências nos espaços urbanos, não é impactada só pelo medo de violência, também sofrem de assédio verbal e visual (Almahmood et al., 2017).

Algumas mudanças no design urbano inclusivo, que é considerado um fator de transformação, como condições nos passeios para os pedestres, espaços de lazer abertos e ruas bem iluminadas, têm um impacto nas experiências das mulheres, pois sentem-se mais confortáveis e visíveis nos espaços públicos (Ro, 2021). Estas mudanças também aumentam a acessibilidade e habitabilidade das cidades. As pessoas mais ricas têm o poder de evitar os espaços públicos que são considerados perigosos. As mulheres têm uma forma diferente de experienciar a segurança pública, as pessoas queer e não binárias, minorias religiosas e étnicas, como pessoas com deficiências podem ser alvo de violência num espaço público. Quando se trata do serviço de transportes públicos o gênero tem uma influência significativa, isto porque as mulheres sentem-se em perigo nas estações dos transportes, em que a solução seria a instalação de focos de luz, mas de acordo com o governo local de Hasting, não é possível devido a questões financeiras, ecológicas e outros problemas nos espaços públicos. O que pode aumentar o sentimento de segurança na rua para as mulheres é a existência de vendedores de rua, habitantes locais e donos de lojas, como também outros pedestres, mas isto tem o efeito contrário em espaços fechados. Os espaços tanto desertos como com multidões podem transmitir insegurança, os melhores ambientes em termos de conforto são os multigeracionais e multigêneros (Ro, 2021).

Christine Ro (2021) divulgou soluções simples de design para ajudar a segurança pública. Esta afirma que quando se fala em segurança pública, não é possível não falar sobre o assédio sexual. Algumas das soluções que falou consistem em um chão mais liso, construção de rampas, ou seja, uma ideia de ruas partilhadas por todos os utilizadores. Para além disto, também dá o exemplo de casas-de-banho, que nos locais onde se encontra estas estruturas, estas costumam ser desproporcionais e que faz com que as mulheres tenham de fazer as necessidades em público, o que é um perigo para sofrerem um ataque. Estas soluções podiam ter um impacto positivo, mas os planeadores urbanos não tomam atenção às necessidades das mulheres (Ro, 2021).

De acordo com Sara Candiracci (citada em Ro), planeadora urbana e líder de desenvolvimento internacional, projetar cidades inclusivas tem um efeito positivo na economia. Esta explica que as cidades são projetadas para um utilizador homem, com trinta anos de idade. A problemática do planeamento urbano ou do serviço de transportes é ser uma área dominada por homens, em vez de ser mais diversificada, como os habitantes para quem projetam, segundo Léan Doody do *Arup Integrated Cities e Planning Network* na Europa (Ro, 2021). A mobilidade das pessoas é mais complexa do que apenas a movimentação de um local a outro. Esta atividade tem influência na riqueza económica, na participação social e na qualidade de vida (TU Wien, 2021). Várias pesquisas mostram que os homens e as mulheres, sendo que outros géneros não foram ainda estudados, vão alterando o seu comportamento na mobilidade. Os percursos realizados pelas mulheres consistem em pequenas distâncias, com variados objetivos, como acompanhar familiares ou outros e compra de necessidades. Os percursos realizados pelos homens não consistem em tantos desvios como o das mulheres, consiste em percurso de casa ao trabalho e ao contrário, isto em maiores distâncias. As mulheres utilizam mais o serviço de transportes públicos do que os homens, porque não têm tanta facilidade de acesso a um carro. Os grupos dos homens e das mulheres, em comparação, não são grupos uniformes e a mobilidade que realizam estão relacionadas às rotinas quotidianas e preocupações de segurança, específicas a cada grupo, logo são diferentes, especialmente a minorias étnicas, idosos e a muitas mulheres (TU Wien, 2021).

Com o estudo que se realizou para analisar as diferenças de perigos que existem, realizada pelo Departamento de Transporte do Reino Unido (citado em Perez), percebemos que o medo de andar num parque de estacionamento com mais de um piso é para 62% das mulheres, já esperar pelos comboios nas estações sozinhas é 60% e 49% se for numa paragem de autocarro, andar sozinhas depois de saírem do transporte para regressar a casa é 59%, comparando com os homens que é 31%, 25%, 20% e 25% na devida ordem (Perez, 2019). Diversos estudos (citados em Cosgrave) apontam o desconforto sentido pelas mulheres por estarem sentadas em espaços públicos. Isto porque, se não se encontrarem a realizar alguma atividade sentem-se alvos fáceis. Uma cidade que tem em conta este problema, é a cidade de Viena, que assim melhorou bastante esta questão de segurança, porque realiza vários estudos sobre a afluência nos parques públicos (Cosgrave & TEDx Talks, 2019). Exemplos de espaços e objetos nas cidades que sexualizam o conforto urbano são as ruas mal iluminadas, os parques públicos e as passagens subterrâneas, a publicidade e outros elementos que preenchem os espaços urbanos. Estes exemplos são características de locais onde as mulheres não se sentem confortáveis, seguras, indesejadas e excluídas (Hudson & Rönnblom, 2008).

A restrição das mulheres para cumprir o direito à cidade é o medo da utilização de espaços urbanos, especialmente as ruas, os transportes públicos e os parques. Tanto o medo, tanto a segurança são uma demanda social e espacial, que em muitas circunstâncias estão relacionadas com o design do planeamento urbano. Os designers de planeamento urbano desenvolveram os espaços públicos, desvalorizando as diferentes condições de género, o que acaba por existir espaços que não são utilizados (Fenster, 2005). Outros investigadores como Clare Madge (citada em Perez), constataam que a forma como é sentido o medo nos parques públicos, durante a noite, principalmente, é a maior causa do desuso por parte das mulheres e dos homens também. Para além dos parques, os transportes públicos é outro que por vezes não é utilizado pelas mulheres como por exemplo na cidade de Londres, devido ao medo e insegurança. Imensos dados comprovam que mulheres andam mais a pé, como também utilizam mais transportes públicos. Por exemplo, em França, as mulheres constituem dois terços de passageiros nos transportes públicos e em Filadélfia e Chicago nos EUA, as mulheres fazem 64% e 62% respetivamente. De acordo com Inés Sanchez de Madariaga (citada em Perez), professora de planeamento urbano na Universidade Técnica de Madrid, existe um problema geral quando se trata do planeamento de transportes. Com o planeamento das horas de ponta, as viagens das mulheres são desconsideradas e acabam por ser injustificadas. Embora exista um fracasso sobre como o serviço de transportes públicos assiste as viagens das mulheres. A satisfação dos europeus, quando se fala do uso do mesmo, pode-se afirmar que as viagens dos homens são compreendidas como padrão, através de um relatório feito pela União Europeia (2014, citado em Perez). Sabe-se que 73% de recursos oferecidos para transportes são utilizados em ruas e autoestradas, maioritariamente rurais e ligações entre cidades, por intermédio de um outro relatório de World Bank (2007, citado em Perez). Quando se fala das cidades de Viena e Barcelona, estas foram capazes de garantir um planeamento urbano de géneros, porque para melhorar aspetos como a luz das ruas, rampas, as ciclovias e outros, deram importância aos dados fornecidos pelos pedestres (Perez, 2019).

Muitas cidades, como Londres, utilizam um serviço de transportes públicos radial, ou seja, os transportes estão aglomerados no centro, sendo que é bom apenas para quem quer se direcionar para o centro ou sair dele. Em Chicago, o problema já outro, visto que os utilizadores pagam pelas conexões de viagem que fazem. Para as mulheres, este sistema que Chicago utiliza faz com que fiquem mais pobres, pois trabalham mais durante o dia, no trabalho remunerado são mal pagas e ainda têm o trabalho não remunerado em casa. Podemos conferir que as mulheres são mais pobres, quando têm menos acesso a finanças das casas e a lacuna existente na igualdade de pagamentos situa-se nos 37,8% no mundo. É necessário acabar com a diferenciação de áreas, ou seja, a divisão de zonas comerciais, residenciais e industriais para se redesenhar novos serviços de transportes. Para se realizar, podem-se concretizar áreas de uso misto, pelo motivo da mobilidade das mulheres, conforme diz Sánchez de Madariaga (citada em Perez). As necessidades do trabalho de um homem heterossexual, que se resumem em ir cedo para o trabalho e voltar para casa, ditam as leis de zoneamento. Muitos dos exemplos acima foram desenhados para beneficiar os homens, não por uma ação deliberada, mas por uma lacuna de dados géneros, sendo que é o resultado de não se incluir as mulheres no planeamento urbano (Perez, 2019).

Os governos locais podem pensar que não fornecer casas-de-banho públicas é uma forma de poupar dinheiro, mas com o estudo realizado por Yale (2015, citado em Perez), afirmam que isto é uma economia falsa (Perez, 2019). Este estudo faz a ligação de crimes sexuais para a quantidade de construções sanitárias e o tempo que uma mulher pode ocupar para se dirigir às mesmas. Isto permite calcular os custos concretos, como o dinheiro perdido, as contas médicas, as contas do tribunal e prisões, juntamente com os custos não concretos que são a dor, o sofrimento e o perigo de homicídio de crimes sexuais. Isto é comparando com o custo que o fornecimento de casas-de-banho públicas teria, já contando com o dinheiro acrescido de manter estas construções. Com o implementar das casas-de-banho, as mulheres crescem mais benefícios para a sua saúde, porque devido ao tempo que estas aguardam para urinar, acabam com muitas infeções de bexiga, padecem de desidratação ou prisão de ventre crónica. Quando se fala de defecar ao ar livre, as mulheres podem padecer de infeções e doenças, como a inflamação da pélvis, infeções de parasitas, hepatite, diarreia, entre outras (Perez, 2019).

No design existe uma predisposição para o masculino, acabando por culpar as mulheres (Perez, 2019). Quando se fala do espaço nomeado para as casas-de-banho dos dois géneros, este tendencialmente divide-se 50/50 para cada género. Porém, as casas-de-banho para os homens englobam cubículos e urinóis, o que acaba por ser não ser igual para as mulheres. Este problema não seria resolvido, mesmo se nestes espaços o número de cubículos fosse igual, pois as mulheres permanecem 2.3 vezes mais do que os homens quando utilizam a casa-de-banho. Isto acontece, porque as mulheres fazem parte, maioritariamente, dos dois grupos de idosos e de deficientes. Ademais, as mulheres costumam acompanhar crianças, idosos e pessoas com deficiências para este espaço e sendo que existe 20% a 25% mulheres em idade fértil, que se podem encontrar na altura da menstruação, precisando de mudar de penso higiénico, tampão ou outros. O que também aumenta a regularidade das idas às casas-de-banho são as infeções urinárias, pois as mulheres são mais prováveis de sofrer com esta doença do que os homens. As mulheres grávidas também necessitam de se dirigir à casa-de-banho mais vezes, porque a sua bexiga encontra-se com a capacidade diminuída. Apesar destes problemas para as mulheres, o fornecimento de casas-de-banho públicas que sejam adequadas é um problema para os dois sexos, por exemplo na Índia o acesso a este espaço não é possível a 60% da população do país e 90% da água que se encontra na superfície é contaminada, o que para as mulheres é um problema pior, pois urinar ou defecar em qualquer lado é algo só possível para os homens. Assim, as mulheres que vivem em países mais pobres precisam levantar-se antes do sol nascer e esperam que se ponha para fazer as suas necessidades (Perez, 2019).

2.2.2. Produtos e Serviços

Perez (2019), escreve sobre a *Plough Hypothesis*, que é acerca das sociedades que, historicamente, usavam o arado na agricultura são mais prováveis de ser mais desiguais em género, do que outras que usavam métodos diferentes. Esta ideia é baseada na comparação de agriculturas que usam ferramentas manuseadas com as mãos, como enxadas ou pás, sendo mais acessível às mulheres, com a agricultura do arado, ou seja, onde o trabalho é realizado com a ajuda de um animal forte, como o boi ou cavalo. A diferença sexual na acessibilidade dos tipos de agricultura é, devido às diferenças que existem

de um corpo masculino para o corpo feminino, isto é, a massa que se concentra na parte superior do corpo é menor que a do homem, aproximadamente 75%. Para além de que, a agricultura de ferramentas manuseadas à mão permite o seu começo e pausas a qualquer momento, o que dá para combinar com o cuidado de crianças. Os locais onde a agricultura do arado era usada, os homens acabavam por dominar, o que resultou em sociedades desiguais, onde o poder e o privilégio se encontravam nas mãos dos homens. Os descendentes destas sociedades, onde era tradicional as práticas desta agricultura, de acordo com uma investigação, tinham perspetivas sexistas, mesmo emigrando para outros países. A mesma investigação também observou que existe uma correlação entre convicções sexistas e as condições geoclimáticas, onde existe a preferência da agricultura do arado. Os dados da *United Nations Food and Agriculture Organization (FAO)* (citados em Perez) uma pessoa só é integrante da força de trabalho da agricultura, quando reporta que este é a sua atividade económica principal. A partir destes dados, Cheryl Doss (citada em Perez) declarou que as mulheres não fazem parte, nem de metade da força de trabalho na agricultura. Doss também apontou que as mulheres que vivem na América latina em locais rurais declaram a sua casa como responsabilidade principal, mesmo quando estão bastantes envolvidas na agricultura. As mulheres acabam por ser menos produtivas em comparação com os homens, porque as ferramentas que são desenhadas como ajuda na atividade são com base nas necessidades dos homens. Para que as intervenções desenhadas ajudem as mulheres, precisam-se de dados para tal acontecer. Sabe-se que a percentagem de mulheres ativas economicamente nos países menos desenvolvidos é de 79% e 48% no mundo, onde afirmam que a sua atividade económica primária é a agricultura (Perez, 2019).

Os fogões tradicionais têm um problema muito grave, pois liberta fumos que são muito tóxicos (Perez, 2019). As mulheres a cozinhar neste tipo de fogão, sem ventilação na cozinha é o mesmo que fumar mais de 100 cigarros por dia. Os limites de fumos destes fogões estão entre 20 e 100 acima do estabelecido pela *World Health Organization* e entende-se que causam a morte três vezes mais do que a malária todos os anos, segundo um projeto em países do Peru à Nigéria, em 2016. A média diária da exposição de uma mulher a estes fumos é de três a sete horas. Constatou-se que o maior fator único de risco para a mortalidade das mulheres é a poluição do ar de casa e este fator é o topo na mortalidade de crianças com menos de cinco anos. A falta de acesso a água e a utilização de fogões a gás, faz com que as mulheres percam 24% de tempo num trabalho remunerado, aumentando para 52% quando têm acesso, a partir de um estudo no Líbano de 2011. Quando o design é baseado em dados resulta no acabamento da lacuna de dados de género. Como podemos ver no exemplo do Mewar Angithi (MA), este é um dispositivo de metal simples que foi desenhado para uma *Chulla* tradicional ser colocada, para que seja fornecido o mesmo mecanismo de fluxo de ar, usado neste objeto tradicional como nos fogões de alta eficiência. Este dispositivo teve impactos positivos, como se pode ver em estudo no Gana e no Quênia (Perez, 2019).

Através de dados, as mulheres têm as mãos mais pequenas que os homens, em média, e mesmo com estes dados o design de produtos é à volta do homem, como se o funcionamento destes resultasse para todos (Perez, 2019). Por exemplo, os smartphones são de 5.5 polegadas comumente e um homem em média consegue utilizar este produto sem qualquer problema com apenas uma mão. Este tipo de design afeta a saúde das mulheres, isto vê-se no domínio de sintomas altos de músculo-es-

quelético e transtornos. Alguns produtos que são definidos como gênero neutro, costumam ser o contrário e acabam por ser bastante comuns na indústria tecnológica. Por exemplo, os smartphones são demasiado grandes para os pulsos das mulheres, as aplicações que fornecem mapas fracassam num objetivo que as mulheres procuram de rotas mais seguras, entre outros. Segundo um estudo (citado em Perez), 12 monitores comuns de fitness diminuem os passos realizados durante o trabalho doméstico por mais de 74%, também desvalorizam a queima de calorias durante o mesmo tipo de trabalho por 34%. Já outro estudo, que 50% dos participantes eram mulheres, afirma que dispositivos de fitness encontram-se a sobrevalorizar as calorias queimadas em montantes significativos. Os dispositivos de deteção de queda são bastantes precisos nos EUA, pois as mulheres integram 59% de pessoas idosas com mais de sessenta e cinco anos e 76% de pessoas que vivem sozinhas. Para além destas causas, as mulheres também acabam por cair mais vezes do que os homens, como também têm mais ferimentos, isto pode-se ver nos 22.560 pacientes de quedas, 71% eram mulheres, nos EUA. Revelou-se também que a média de fratura é mais alta 2.2 vezes e 1.8 de hospitalização em mulheres (Perez, 2019).

Segundo Perez (2019), o design de equipamentos de segurança pessoal, usado pelos militares, prejudica as mulheres, pois o design destes produtos resultou do uso dos homens e dos seus corpos. Perez, através de um estudo que fez, compreendeu que o colete que é usado para ajustar a posição correta do piloto, funciona melhor nos homens. A vibração do colete que ajuda no ajuste da posição funciona melhor num corpo ossudo e peludo, o que é difícil de detetar num corpo mais macio e carnudo. Visto que as mulheres integram 70% da força aérea dos EUA e que têm o peito volumoso, o colete acaba por ser uma dificuldade. Para além de ter um mal funcionamento no corpo da mulher, também magoa. Isto pode-se ver no exemplo do Reino Unido, onde as mulheres militares sofrem sete vezes mais de lesões músculo-esqueléticas do que os homens, mesmo com força e fitness aeróbico. Do mesmo modo, as mulheres podem sofrer dez vezes mais de fraturas de stress nas ancas e pélvis. Também têm o risco cinco vezes mais de lesões do que os homens, porque carregam 25% a mais do seu próprio peso em algumas atividades. A partir de uma pesquisa da Sociedade de Mulheres Engenheiras, em 2009, sabe-se que 74% do design nos equipamentos de proteção pessoal foi idealizado para os homens. Este design, que não considerou os utilizadores do produto como as mulheres pode levar à morte, pois não se adapta ao corpo das mesmas, tendo folgas quando é utilizado (Perez, 2019).

O estudo do corpo feminino é considerado tabu. Através do design, as resoluções que têm sido consideradas contradições e propostas “indecentes” são apontadas como uma via possível e podem ser analisadas. Assim, o humor pode ser utilizado como uma abordagem do design para combater o tabu que envolve o corpo feminino. Uma outra resolução é o design centrado na mulher, que questiona como podem os designers de sistemas da saúde da mulher, centrar no processo conceptual a opinião e as experiências das mesmas. Esta problemática, na prática, é posta sobre os métodos e abordagens que melhor compreendem e originam soluções a este design centrado na mulher (Almeida et al., 2016). Tania Boler (citada em Perez) projetou um produto, com o nome de Elvie, que é um treinador inteligente de chão pélvico. O desenvolvimento deste produto foi porque Boler percebeu que existem mulheres com problemas pélvicos (37%), em que 10% irão precisar de uma operação por causa de colapso, ou seja, os órgãos começam a cair pela vagina. Estas percentagens aumentam para 50% quando se trata de mulhe-

res com mais de cinquenta anos. No mundo tecnológico, também encontramos esta lacuna de dados de gênero, onde mais uma vez se verifica que o homem é o padrão humano. Como por exemplo, a empresa Apple apresentou um sistema que monitoriza de saúde em 2014, que até era bastante vasto. Muitas das características englobam a pressão arterial, passos feitos por dia, nível de álcool no sangue, entre outras. Porém, esqueceram-se de um rastreador de período. Quando a mesma empresa apresentou a Siri, inteligência artificial, esta consegue encontrar prostitutas e fornecedores do medicamento Viagra, mas não encontra locais que realizam abortos. A Siri também consegue ajudar caso a pessoa tenha tido um ataque cardíaco, mas se disser que foi violada, ela não entende a frase. Estes erros são básicos e que seriam resolvidos se a equipa que desenvolveu a Siri tivesse mulheres, uma equipa que não perpetua na ajuda desta lacuna de dados de gênero. No ano de 2013, foi projetado um coração artificial, um fenómeno revolucionário aparentemente, mas era grande para o corpo de uma mulher. Mesmo que no momento, os designers deste coração estão a trabalhar numa versão mais pequena, este projeto só é desenvolvido para as mulheres anos depois da primeira versão (Perez, 2019).

Através de Eduarda Terra (2020), percebemos que as empresas que utilizam a tecnologia para entender as necessidades das mulheres são denominadas por Femtech. Estas surgiram quando as mulheres ditaram as suas tendências e procuraram soluções que ajudam o seu dia-a-dia em casa, no trabalho e em atividades de lazer. O mercado Femtech é resultado das mudanças culturais que a sociedade sofreu, porque o crescimento da mulher na economia forçou uma transformação que é conhecida pelo empoderamento feminino. Alguns produtos que estas empresas apresentam são, por exemplo, o Callaly tampliner que é um novo tampão feito de algodão orgânico, com um mini-liner que ajuda a proteger contra vazamentos. É um produto conveniente, mais higiénico e hipoalérgico, a Clue App ajuda a monitorizar a menstruação e a ovulação de uma mulher para compreender melhor o seu corpo, através de previsões que são baseadas em estudos científicos. Outros exemplos de produtos deste mercado são o Daye Tampons, tampões que oferecem uma diferença de muitos outros, que é a substância de Canabidiol – CBD –, que se encontra na planta Cannabis. Esta substância não cria dependência, nem efeitos psicoativos. O CBD que se encontra neste produto, permite combater as dores do período, que a maioria das mulheres sofre (Terra, 2020).

No campo de HCI, a área da saúde das mulheres é pouco explorada. Esta vertente da saúde tem como tendência ser elaborada a partir de questões e problemas que afetam ou são mais graves nas mulheres, como a menstruação, a menopausa, o cancro cervical, as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez (Almeida et al., 2016). O argumento de Rossmann (citada em Almeida et al.) é que o corpo feminino sofre com o tabu factualmente. Este tabu teve como consequência o pouco desenvolvimento da saúde nas mulheres. O objetivo da HCI na saúde das mulheres resume-se para evidenciar problemas e oportunidades neste campo, em associação com o trabalho e design. Existem trabalhos que retratam o envolvimento do design nas práticas de saúde que são usadas nas mulheres. Por exemplo, a ferramenta ginecológica, o espéculo vaginal, é usado para dilatar a vagina, para examinar a cérvix e a mesma. Esta ferramenta foi desenvolvida no século XIX, um período da história onde o corpo da mulher não era compreendido. Desde essa altura que o design deste instrumento teve poucas ou nenhuma mudança, mesmo com os avanços já alcançados da tecnologia. Mesmo que o instrumento cumpra os seus objeti-

vos, foi desenhada sem ter em consideração as vivências das mulheres com o seu uso. A maioria das mulheres descreve esta experiência como desagradável, vergonhosa, temerosa, dolorosa ou desconfortável (Almeida et al., 2016).

No campo de interação entre os humanos e os computadores (HCI), os investigadores integrantes têm apontado na saúde das mulheres como algo complexo e um assunto importante, ultimamente (J. Bardzell et al., 2019). Estes integrantes alegam que a posição do design deve ser usada como resposta aos desafios, como as experiências de menopausa e de vivências das mulheres, devido aos métodos de resolução de problemas e o enquadramento sobre o conhecimento sintético. Assim, a HCI tem vindo a elaborar projetos e métodos que oferecem benefícios às pessoas. O campo de estudo HCI e a relação com a saúde, como o bem-estar e o cuidado próprio, a atenção nas estruturas sociais e os elementos ambientais, favorecem positivamente na saúde, através de uma junção complicada entre problemas e as suas soluções. A área da saúde da mulher envolve a gravidez, o aborto, a incontinência e a intimidade própria (J. Bardzell et al., 2019). Alguns estudos sobre design e dispositivos, exploravam dispositivos que vão desde roupas de gravidez que permitiam os companheiros das mães criar empatia sobre a experiência que é uma gravidez na vida da mulher, até dispositivos que ajudavam as grávidas a partilhar e gerenciar os seus registos de saúde (Balaam et al., 2015).

Segundo Perez (2019), quando se dá atenção às empresas de Realidade Virtual, a maioria não foi fundada por mulheres e isto implica que a experiência neste campo tende para os homens. Os jogos da Realidade Virtual têm um problema de assédio sexual e os produtores dos jogos esquecem-se de resolver. Este campo foi desenvolvido para parecer o mais real possível, que quando é bem-sucedido chega mesmo a enganar o cérebro, sendo que está a ser usado como tratamentos médicos para PTSD, fobias e síndrome de membros fantasmas. Para além da violência masculina na Realidade Virtual, as mulheres também encontram outros problemas, como os fones de ouvido grandes, estudos demonstram que causa náusea muito mais do que nos homens, as telas estreitas de computadores, que requerem consciência espacial que favorece só os homens. Com as descobertas de Thomas Stoffregen (citado em Perez) sobre como a oscilação postural vai mudando durante o ciclo menstrual nas mulheres, estes problemas com a Realidade Virtual conectam-se. Conjuntamente, isto também se conecta com outra lacuna de dados de género na indústria de carros, que ignora as mulheres já há muito tempo. Sabe-se que os homens têm uma probabilidade mais alta de estarem implicados em acidentes de carros, ou seja, têm um número alto de feridos. Apesar disto, quando uma mulher está implicada num acidente rodoviário tem 47% de probabilidade de sofrer ferimentos moderados, mesmo com atenção em características como a altura, peso, o uso do cinto de segurança e a intensidade do acidente, por parte de investigadores. Para além do mais, uma mulher tem mais de 17% de probabilidade de morrer num acidente. Estas consequências são devido aos bonecos de teste impacto utilizados. Estes bonecos foram apresentados na década de 1950 e o boneco mais utilizado tem 177 centímetros de altura e pesa 76 quilos, isto é, acaba por ser mais alto e mais pesado que uma mulher em média. Ademais, o boneco tem as proporções de massa muscular masculina, como a coluna vertebral. Como tentativa de precaução para as mulheres, a União Europeia tem como obrigação um teste regulatório, onde um boneco feminino do quinto percentil é usado, mas existem lacunas de dados de género. Este boneco só é utilizado no lugar de passageiro, logo não existem

dados sobre como afetaria uma motorista feminina, isto porque as mulheres normalmente circulam de carro, no lugar de passageiro e o homem no lugar de motorista. Mesmo assim, muitas das vezes, os bonecos utilizados são apenas bonecos masculinos, mas em escala reduzida, onde as diferenças de sexo anatómicas não são representadas para as mulheres, assim piorando a média de lesões das mulheres em acidentes rodoviários. Para uma grávida, a situação piora bastante, pois de acordo com uma pesquisa (2004, citada em Perez), aconselha as mulheres grávidas ao uso do cinto de segurança padrão, mas 62% destas, quando se encontram no seu terceiro trimestre não utilizam o design deste padrão de cinto de segurança. Os cintos de segurança padrão envolvem três pontos de força, isto triplica ou quadruplica a força exercida no abdómen que tem risco de uma lesão fetal, em comparação com o cinto que é usado abaixo do abdómen. As mulheres não grávidas também sofrem com este cinto de segurança padrão, pois para se sentirem mais confortáveis, não usam o cinto de forma devida, o que aumenta o risco de ferimentos (Perez, 2019).

Em circunstâncias de desastre, as mulheres lidam com violência e tende a aumentar neste tipo de condições (Perez, 2019). Após o acontecimento de um desastre, como o furacão Katrina, sabe-se que os centros de ajuda para mulheres que tenham sido alvo de violência doméstica e/ou sexual fecharam, logo não se consegue ter um número concreto sobre este problema. Quando se trata de mulheres refugiadas, o problema de produtos e serviços que são intitulados como género neutro continua nos campos de refugiados no mundo. A Instituição de Caridade de Mulheres Muçulmanas Global One realizou uma investigação (2017, citada em Perez), que constatou que 98% das mulheres refugiadas no Líbano não tinham a possibilidade de acesso a latrinas separadas. O mesmo problema vê-se nos centros de acomodação na Alemanha e Suécia, através de uma investigação da Comissão de Mulheres Refugiadas, em que a falta de acesso a latrinas, chuveiros e dormitórios separadas faz com que as mulheres e meninas se encontrem em perigo de sofrer de violações, agressões e outros tipos de violência. No campo de refugiados de Idomeni, na Grécia, o relato das grandes áreas era de ser escuro durante a noite e sabe-se que a instalação de focos de luz ou a sua distribuição tem um impacto positivo na sensação de segurança nas mulheres (Perez, 2019).

Muitas mulheres que são vítimas de violência doméstica acabam por ficar desalojadas, por causa do mesmo motivo. Estas mulheres costumam procurar abrigo em refúgios contra a violência doméstica e não em refúgios para sem-abrigos (Perez, 2019). Nestes refúgios as circunstâncias fornecidas são precárias e em conjunto com outras pessoas, isto é, não existe privacidade, como espaço próprio, entre outras características. Isto pode significar, que estas não são consideradas sem-abrigos, como acontece no Reino Unido. Um estudo canadense (citado em Perez) explica que esta escolha de refúgios das mulheres acontece, porque elas não se sentem seguras, principalmente em ambientes mistos. Isto permite que as mulheres sem-abrigo, não sejam consideradas um problema causado pela violência, mas uma experiência de violência feminina. Para além dos problemas de segurança mencionados em relação aos refúgios sem-abrigo, encontra-se um problema de saúde que é o fornecimento de produtos higiénicos para o período gratuitos, como acontece mais uma vez no Reino Unido. Apenas estes refúgios conseguem fornecer estes produtos gratuitamente se existirem fundos extras, que não são prováveis, ou através de doações. A mesma situação acontece nos campos de refugiados, onde existem mulheres e

meninas que passam anos sem ter acesso a estes produtos. É verdade que Kits de Higiene são fornecidos e distribuídos, mas estes são pensados mais no aspeto familiar, não existindo adaptação para o número de mulheres que pode ter uma só família. Ao mesmo tempo, estes Kits não foram pensados para o preconceito cultural que existe sobre a menstruação, ou seja, as mulheres não se sentem confortáveis a pedir os produtos de higiene menstrual a trabalhadores ou na presença de familiares que sejam homens e a forma como as mulheres vão deitar os resíduos no lixo, quando acabam de utilizar estes produtos (Perez, 2019).

Charlotte Webb (2019) afirma que a Internet é a base de todos os serviços da atualidade. Mesmo quando este serviço ajuda as mulheres com problemas, como assédio sexual, violência e outros, ao mesmo tempo não é perfeita. A internet tolera discursos de ódio e também discursos sexistas. Como por exemplo, a internet é desenvolvida maioritariamente por homens, esta vai expor pensamentos, ideias, atitudes pela visão masculina. Tay é uma experiência de inteligência artificial desenvolvida pela Microsoft, para investigar a compreensão conversacional dos utilizadores do Twitter. Este Bot é uma reflexão destes utilizadores e por esse mesmo motivo, Tay tornou-se sexista, homofóbica e racista. A Internet Feminista é uma internet que não discrimina ou exclui alguém, ou seja, uma internet segura para todos, criada por pessoas todas diferentes (Webb & TEDx Talks, 2019).

Nos últimos trinta anos, os computadores estão inseridos no dia-a-dia das pessoas. De acordo com Humans & Computers (2019a), é necessário ter em conta três conceitos na interação dos humanos com os computadores. O primeiro é sobre a metodologia, ou seja, a prática usada pelos designers nos seus projetos, onde as experiências dos próprios ou o ambiente onde se encontram influenciam os produtos criados. Quando se fala na área HCI, os investigadores são maioritariamente homens com uma educação alta, por isso, para considerar as necessidades de grupos diferentes deste não é possível muitas vezes. As equipas de trabalho deveriam ser as mais diversificadas possíveis, em relação aos géneros, educações, etnias, idades e habilidades físicas. O segundo trata-se da diversidade, ou seja, um produto desenvolvido não é usado de igual forma por todos. Por isso, deve-se estabelecer o público-alvo e pensar nas diferentes pessoas que englobam o mesmo. O terceiro é o estereótipo, isto é, deve-se evitar testar um produto em homens e mulheres, explicando apenas as diferenças de sexo, isto porque existem outras características que explicam o mesmo, como a idade. A avaliação do produto realizado é essencial, pois permite a conceção de outros produtos digitais que não são baseados nos estereótipos. Os relacionamentos entre as pessoas, como de amizade e família, como também com a sociedade e cultura própria é determinada pelas interações digitais. A HCI feminista compreende conceções críticas que podem revelar princípios subentendidos nos modelos usados nas pesquisas e no design da HCI, como sustenta a elaboração de novos métodos, procedimentos e todo o tipo de design (S. Bardzell, 2010).

Os robôs concebidos na atualidade têm imensas características humanas, para serem melhor aceites na sociedade (TU Wien, 2019b). Uma vez que estabelecemos contacto com os robôs, as pessoas procuram características, como a voz, o comprimento do cabelo ou o formato da boca, até apresentamos os robôs como “ele” ou “ela”. A consequência disto é que os robôs já não são considerados género neutro. Os robôs têm muitas características humanas femininas, porque são melhor aceites. Nos robôs de guerra acontece o oposto, aqui os designers usaram características masculinas, porque supostamente

são associados a um design mais poderoso. O que se pode confirmar é que os designers transferem as ideias de género existentes nas sociedades. A relação entre os robôs e os humanos são influenciados pelo comportamento e condições sociais do último. Isto permite a influência da percepção dos géneros no design dos robôs, como também a influência dos robôs na nossa percepção dos géneros (TU Wien, 2019b).

No livro de Perez (2019), a evolução nos softwares de reconhecimento de voz formou uma grande eficiência, a ponto de se envolverem em várias áreas de trabalho, como a medicina em que um pequeno erro pode levar à morte de um paciente. Esta nova tecnologia é dominada por gravações de voz de homens, através de uma base de dados chamada de Corpora. O problema é que esta empresa nas vozes contidas no seu corpus, não apresentam *sex breakdowns*, o que por si só é outra lacuna de dados de género. O atual método que é usado no Design de Produtos desvaloriza as mulheres.

O design é uma ferramenta na criação de mudanças, usando um esforço intencional. Este integra o mundo artificial, para melhorar a qualidade da vida humana e proteger e desenvolver o potencial do futuro (S. Bardzell & Bardzell, 2011). Os designers podem até acreditar que os seus projetos são inclusivos para todos, só que na realidade não se observa o mesmo, apenas que estes são desenhados sobretudo para homens (Perez, 2019).

2.2.3. Design ativista e crítico

A palavra ativismo significa “the policy or action of using vigorous campaigning to bring about political or social change” (Design Activism, sem data). Este termo está relacionado com a defesa dos direitos e ações, com organizações e protestos que promovem estas mudanças. Estas ações fizeram acontecer mudanças sociais e políticas na sociedade (Design Activism, sem data).

Mark Francis, na edição de *Places Journal* de 1999, fala sobre o design participativo, onde sugere um procedimento proactivo no campo profissional, em que os raciocínios e ações são baseados no social e valores ambientais, que basicamente é aquilo que o design ativista representa. Apenas na edição inaugural, no ano de 2005, apareceu uma das primeiras referências do design ativista. Na publicação de Randolph T. Hester é feita uma diferenciação de cinco tipos de postura que o design pode ter (Design Activism, sem data).

O ativismo tradicional é diferente do design ativista, porque o último tem uma natureza geradora. Basicamente, os designers pretendem solucionar um problema, em vez de impedir que este aconteça (Blumberg, 2020). O design ativista pretende possibilitar uma mudança social, consciencializar valores e crenças, interrogar sobre os limites da produção em massa e o consumismo na vida quotidiana. Alguns conceitos e ideias surgiram da sociologia e da teoria política, que se pode rever na base do design ativista, segundo alguns autores. O design demonstra resistência e pode interferir na vida de pessoas. Por vezes, design ativista é definido como uma intervenção social ou “arte comunitária” (Markussen, 2013). O trabalho deste é definido pela forma de design para uma alteração social, que inclui também política. Esta definição é essencial para a sociedade, perante a abordagem e proteção do meio ambiente e para a inclusão social, que promove a justiça e a equidade (Design Activism, sem data).

A definição de estética, no design ativista, tem duas características importantes (Markussen, 2013):

- Poder de reverter sistemas atuais de poder e autoridade, que acaba por aumentar uma reflexão crítica do quotidiano, de trabalho e consumo.
- Ligação do design ativista com a arte ativista, devido a uma associação entre atitudes e emoções.

A ligação existente do design ativista, entre design e ativismo, permitiu que o primeiro fosse considerado uma ferramenta para evoluir a sociedade, tanto socialmente como ambientalmente. O design ativista está relacionado com a arquitetura paisagística, porque esta tem sido um ato ativista, através do objetivo de melhorar o quotidiano das pessoas, devido a ideias e métodos que modificam o ambiente existente. O design tem o poder de realizar mudanças críticas, que assegura o bem-estar e a segurança de várias comunidades. Este design provoca estruturas de poder, de acordo com requisitos sociais e ecológicos (Design Activism, sem data). Thorpe afirma enfatizando que o design ativista tem semelhanças com práticas sociais, apesar de pouco ser evidenciado em elementos do design urbano ativista – técnicas, métodos de design ativista, implicação intencionadas nas pessoas e outros pontos. A estrutura de conceitos apresentada por Thorpe é indeterminada para distinguir os conceitos, que ajuda na compreensão do objetivo complexo de ações do design ativista. A consecução pretendida do design ativista quase não é manifestada nos termos de ação sociológica e sobre a influência de motivar mudanças sociais e comportamentais (Markussen, 2013).

Na sociedade, os designers podem atuar como ativistas. Os seus designs causam curiosidade e tolerância face a algo ambíguo ou caos, porque permitem imaginar, explorar, reconhecer padrões e desenvolvem alternativas para o futuro. Através da aproximação de uma experiência do público-alvo, os designers ficam numa posição para se tornarem ativistas. Isto faz com que estes tenham responsabilidade de transformar o mundo num sítio melhor. Algumas ferramentas que se podem usar são o diálogo, a observação do participante, leitura e escrita. As ferramentas utilizadas durante todo o processo de design ativista permitem a criação de empatia. O design ativista tem um papel na mudança do mundo, como (Dandavate, 2019):

- Substituição do cinismo de problemas persistente por otimismo.
- Inspirar abordagens construtivas, a partir de moldar o discurso.
- Grupos refletirem sobre as implicações futuras que partem das atuais.
- Desconstruir o status quo através de impulsos e propriedades compartilhados.

Segundo Ann Thorpe (citada em Blumberg), muitos designers que aplicam o design ativista, não são eficientes nos seus designs, que por muitas vezes até são nocentes. Isto pode acontecer, porque os designers estão a responder a questões erradas, por não pensarem no público-alvo e de como estes podem ser afetados pelos designs. Para além destes dois erros mencionados, os designers também podem estar a tentar agir sobre vários problemas sociais. Uma preocupação que é apresentada por Ann é o ativismo negativo, porque o habitual deste é a prevenção de situações negativas e de manifestação (Blumberg, 2020).

Sabe-se que existem seis variedades de manifestação do design ativista (Markussen, 2013):

- Artefacto que demonstra possibilidades positivas, que superam o status quo.
- Informações visuais – esquemas de classificação, mapas, símbolos, entre outros.
- Intervenções comuns – propostas de leis, escrita de controvérsias e participar em ajuntamentos políticos.
- Artefacto de serviço, que pretende auxiliar humanitariamente e grupos.
- Eventos – palestras, exposições ou instalações.
- Artefacto de protesto, ou seja, uma confrontação deliberada sobre a realidade de uma circunstância injusta, que pretende ser uma reflexão crítica sobre as morais do status quo.

Para utilizar o design ativista, o designer deve responder a três questões importantes (Dandavate, 2019):

- Qual é o motivo? – uma motivação pessoal.
- Qual é a causa? – problemática.
- O que se pode fazer? – projeto.

Por meio da teoria crítica é que surgiu o design crítico. Este tipo de teoria deu-se por críticas marxistas sobre a Escola de Frankfurt da década de 1930. Estas críticas eram sobre a discussão da negação contra o capitalismo, expressando-se através do negócio das artes, do design e da cultura, definido como uma adversidade, devido a uma consciência de classe (Gonsher, sem data).

O termo design crítico foi utilizado pela primeira vez no livro *Hertzian Tales* (1999, citado em MoMA), do autor Anthony Dunne. O conceito de design crítico foi referido como um comportamento sobre o design, em vez de ser um movimento ou um método. Este está relacionado com outras práticas que pensam no design como algo que questiona, provoca o status quo e que pensa nas consequências futuras de decisões atuais, como o design radical em Itália e a arquitetura vanguardista britânica, nas décadas de 1960 e 1970. O design crítico é definido como uma especulação, algo conceitual, uma provocação e satírico. Apesar de os produtos elaborados através deste conceito muitas vezes não são utilizáveis, produzem reflexões a longo prazo, ou seja, é uma perspetiva dos consumidores por serem sujeitos complexos e contraditórios, sugerindo soluções alternativas de que a mudança é possível e inevitável (MoMA, sem data). Outro artigo afirma que foi a partir do trabalho de Anthony Dunne e Fiona Raby na década de 1990 surgiu o design crítico. Este trabalho foi exposto no livro *Speculative Everything* (citado em Gonsher), que culminou em dois termos novos – o design crítico e o design afirmativo. O design afirmativo soluciona problema com a elaboração de soluções de problemas, sendo um processo que responde às indústrias, de acordo com o funcionamento do mundo. O design crítico é a procura de problemas, questionando a sociedade e os serviços que fornece, para se pensar em que é que o mundo poderia ser. Assim, entende-se que o design afirmativo é a resposta, ou seja, solução de problemas e o design crítico é a procura de problemas, isto é, retrata críticas do próprio contexto e da cultura, onde o produto elaborado se insere. Isto faz com que o design esteja mais semelhante do que é pensado tradicionalmente de arte, visto que serve como crítica da sociedade (Gonsher, sem data).

O design tem várias vertentes, sendo o design crítico uma delas, onde utiliza métodos que pretendem priorizar a ética, evidencia agendas e demonstra os valores escondidos, explorando os valores de alternativas do design. Este tem como objetivo tornar os consumidores mais críticos sobre o seu quotidiano e as normas de comportamento envolvidas nos produtos, como também suposições, valores e ideologias. O propósito da crítica era revelar operações como a ideologia, a alienação e a reificação, para consciencializar coletivamente para uma sociedade mais justa. Dunne e Raby (citados em J. Bardzell & Bardzell) constatam que os designers ajudam ao aumento de ideologias prejudiciais, através do seu trabalho, isto é, estão incluídos no problema social (J. Bardzell & Bardzell, 2013).

O design crítico presenteia alguns interesses, sendo que permite a expansão de pesquisa, devido a outros métodos de investigação, assim os designers trabalham com cientistas, filósofos, químicos e biólogos, ajudando a abrir a mentalidade de uma só indústria. Para além disto que se descreveu anteriormente, este tipo de design também permite falta de julgamento, ou seja, o objetivo não é criticar, mas sim criar uma discussão de temas importantes. Ao contrário do que acontece quando um designer desenha um produto, que tem o intuito de o tornar real e mais tarde distribuído e comprado, no design crítico o intuito não é projetar um produto, mas probabilidades que acabam por se tornar reais quando expõem perspectivas de realidade e instigam a uma reflexão. Com isto, são criadas novas alternativas às existentes, manifestando-se no desejo, que é habitual no design de ficção, ou seja, existe uma visão livre da produção atual ou da demanda de soluções industriais e comerciais sobre o futuro. Outro aspeto é a benevolência sobre a realidade e a necessidade de a interpretar (Ruggieri, 2019).

Para encontrar o equilíbrio crucial de componentes, o design crítico tem uma abordagem que pretende aproveitar o design de ficção e o design especulativo para instigar teorias e preconceitos de objetos quotidianos. O design crítico tornou-se popular através de Anthony Dunne e Fiona Raby, deixando de parte os pensamentos de produção, venda e utilidade, incluindo apenas pensamentos sobre questões éticas, sociais e ambientais. O objetivo é realizar reflexões sobre o funcionamento humano, para tentar antecipar e por vezes perceber os caminhos que o mundo pode ter. Segundo Dunne e Raby, existem três formas de lidar com estas questões anteriores (Ruggieri, 2019):

- Probabilidade – os designers tendem a tomar uma atitude neste campo. Esta área é considerada a do futuro, que é inevitável, a não ser que aconteçam mudanças grandes que interrompam a normalidade.
- Plausibilidade – os designers baseiam as suas ações em perspectivas do mundo que foram suspendidas por acontecimentos inesperados, como por exemplo económicos, ambientais e sociais. Devem existir soluções extremas.
- Possibilidade – os designers têm uma perspectiva futura, ou seja, prospetiva, que dê para rastrear o caminho alcançado e plausível na área científica e tecnológica. Aqui é onde o design crítico atua.

Assim, o design crítico é uma abordagem de pesquisa, que permite atuar sobre a conformidade social, a passividade e valores parecidos à ideologia capitalista, para se chegar a uma independência social. Dunne assume que o design crítico é uma pesquisa social, com o intuito de ter resultados de

conhecimento e não um produto. Este é definido como uma “atitude” e não um “método”, através de Dunne e Raby. No fundo, este design é um procedimento ético para os designers (J. Bardzell & Bardzell, 2013).

Segundo J. Bardzell e Bardzell (2013) o design crítico tem algumas considerações:

- O design crítico se opõe ao design afirmativo: muitos designs provocam o status quo. Como é que se pode reconhecer o design crítico? Por exemplo, os brinquedos sexuais, os designers – capitalistas - que colaboram nestes projetos, provocando as normas sexuais tradicionais e proporcionam aos consumidores prazeres simples, estão a utilizar o design afirmativo ou o design crítico?
- Design crítico não é arte: segundo Dunne e Raby afirmam que o design crítico não é arte, porque os projetos são artefactos que criticam, que procedem sem implicar o capitalismo global, artefactos que provocam e transgridem a encenação de acontecimentos existentes e expõem a cultura como suposições.
- Design crítico é crítico: Dunne e Raby não elaboram o que percebem como “crítica” na prática. Apenas apresentam projetos que têm funções críticas, com pouca justificação ou desenvolvimento.

3. Considerações Metodológicas

Através da revisão de literatura, percebeu-se a discriminação pela qual as mulheres passam todos os dias. Isto permitiu apontar algumas necessidades que este grupo necessita e motivou a investigação de outras através do trabalho de campo. Neste capítulo faz-se uma revisão da literatura que informou o desenho da investigação, nomeadamente no que respeita ao processo, métodos e ferramentas adotados.

3.1. Design Centrado no Utilizador

O design centrado no utilizador foi introduzido em 1970, sendo que mais tarde foi empregado por Donald Norman para melhorar as experiências dos utilizadores sobre os produtos. Este tipo de design sobressaiu com vários trabalhos, como por exemplo *User Centered System Design: New Perspectives on Human-Computer Interaction*, de Stephen W. Draper e Don Norman, entre outros (The Interaction Design Foundation, sem data). Donald Norman é um investigador de ciências cognitivas e foi o primeiro a mostrar a importância do design centrado no usuário. De acordo com este investigador, as escolhas do design têm de ser a partir de necessidades e desejos do utilizador. Assim, tem-se alguns valores neste tipo de design (Gladkiy, 2021):

- Empatia.
- Otimismo.
- Iteração.
- Criatividade.
- Ambiguidade.
- Convicção em fazer.
- Aprender com o fracasso.

No design centrado no utilizador, os designers pretendem que o processo seja sobre os utilizadores e as suas necessidades em todas as fases. Para isto, é necessário o uso de diferentes métodos de pesquisa e de design, com o objetivo de desenhar produtos ou serviços inclusivos para o público-alvo. A investigação pode decorrer através de pesquisas e entrevistas, que com a problemática pode-se usar o brainstorming para várias soluções, que possibilita o entendimento das necessidades dos utilizadores (The Interaction Design Foundation, sem data). Na elaboração de um produto digital existem considerações como condições, finalidades e feedback do utilizador. As prioridades deste design são as necessidades e desejos dos utilizadores, que em cada etapa as decisões são avaliadas sobre o contexto do mesmo. Este permite um impacto emocional nos produtos/serviços (Adobe XD Ideas, 2019). O design centrado no usuário é uma tipologia científica, permite a valorização da experiência, reiteração, aprender com falhas e com a pesquisa (Gladkiy, 2021).

O design centrado no usuário inicia-se nos seres humanos e acaba com soluções que respondem a necessidades individuais. Com o entender do público-alvo, o designer desenha através das perspetivas do utilizador e consegue respostas raras. No fundo, é a construção de empatia com os utilizadores. Este design também constrói uma oportunidade com comunidades (Gladkiy, 2021).

Os designs que centram o utilizador são baseados na percepção definida sobre os utilizadores, ambientes e tarefas, com a finalidade de um impacto positivo sobre toda a experiência. É necessário envolver os utilizadores em todas as etapas de avaliação e monitorizar o uso dos produtos/serviços num grande espaço de tempo. Isto permite apontar falhas e erros para se corrigir, antes do produto entrar no mercado. Para além de erros e falhas, os utilizadores também podem mencionar melhorias de alguma função, para ajudar na sua experiência (The Interaction Design Foundation, sem data).

É necessário identificar o público-alvo, o tipo de uso do produto/serviço e as condições do uso. Existem seis fases do processo de design centrado no usuário (ISO 9241-210, 2019):

1. Planear o processo de design centrado no utilizador.
2. Compreender e identificar o contexto de uso.
3. Especificar os requisitos do utilizador.
4. Produzir soluções de design para atender aos requisitos do utilizador.
5. Avaliar o design de acordo com os requisitos.
6. A solução desenhada atende aos requisitos do utilizador.

E segundo Adobe XD Ideas (2019) existem quatro fases:

1. Compreender o contexto de utilização do produto/serviço do utilizador.
2. Identificar e caracterizar as condições dos utilizadores.
3. Desenvolver soluções de design.
4. Avaliar as soluções, de acordo com o contexto e condições dos utilizadores para verificar o desempenho do produto/serviço.

De acordo com David Benyon, os benefícios do design centrado no utilizador são (The Interaction Design Foundation, sem data):

- A probabilidade de responder às expectativas e condições dos utilizadores aumenta, quando este está incluído nas etapas do processo de design. Isto terá um aumento de vendas e a redução de visitas ao apoio de cliente com problemas do produto/serviço.
- Os produtos/serviços que são desenhados através do design centrado no usuário são mais seguros, porque após os designers adaptarem os produtos a todos os fatores, ou seja, a contextos e tarefas específicas, a probabilidade de erro humano é bastante reduzido.
- A empatia é desenvolvida devido ao contacto próximo entre os designers e os utilizadores, sendo algo fundamental para a ética do produto/serviço.
- A criação de negócios sustentáveis vem a partir do foco dos vários utilizadores, onde são reconhecidas culturas e valores humanos, através do design centrado no usuário.

3.2. Sondas Culturais

As sondas usadas no processo de pesquisa do design são um procedimento focado no utilizador, pois ajuda na compreensão de fenómenos humanos e na análise de possibilidades no design (Mattelmäki, 2008). O método das sondas tornou-se frequente nas pesquisas de design, como forma de recolher dados qualitativos através da auto documentação dos participantes. Muitos dos artigos examinados definem o método das sondas como recolha de dados ou uma técnica de criatividade (Thoring et al., 2013). A primeira vez que este método foi incluído foi por Gaver et al. (1999). Este método realiza-se através de kits, que podem incluir várias ferramentas como: câmaras fotográficas, diários escritos, mapas, postais ou cartões, entre outros. Cada ferramenta tem a instrução de uso no kit e são pensadas para ajudar na resposta de questões existentes na pesquisa. Estes kits são recolhidos pelos participantes e estes podem levar para casa ou para um local crucial para o estudo e realizar as tarefas pedidas por um tempo limitado (Thoring et al., 2013). As sondas possuem algumas vantagens como por exemplo, os investigadores não precisam de se encontrar com os participantes no momento de realização das tarefas e, por causa desta vantagem, os participantes também se sentem mais confortáveis por não estarem a ser observados e, assim, acabam por fornecer mais informações (Mattelmäki, 2008; Thoring et al., 2013).

Um design que é centrado nos utilizadores permite uma relação entre o designer e o participante desde o começo do processo até ao seu final (Gould & Lewis, 1985). Assim, entende-se como objetivo incluir a apreensão das necessidades dos utilizadores no processo de design e conseguir implementar no produto e nas suas características. A perspetiva do utilizador é tida em conta na apreciação das resoluções de design (Mattelmäki, 2008). A partir da necessidade de compreender empaticamente e devido à discussão aberta do design, deu-se o método das sondas, sendo que os seus objetivos eram eliminar preconceitos e o apreço do discurso dos utilizadores (Mattelmäki, 2005).

As sondas permitem os participantes expressarem os pensamentos e ideias quando registam as suas experiências, através das ferramentas e dos objetivos. Para além disto, as sondas conseguem analisar o contexto pessoal e perceções do participante, pois o objetivo é determinar acontecimentos humanos e os pontos de vista de cada participante para melhorar o design. Devido ao aspeto explanatório deste método, não contém o objetivo de resolução de problemas já existentes, mas sim a exploração de novas oportunidades sobre as experiências dos participantes (Mattelmäki, 2008).

Em relação ao objetivo académico da sonda e da característica de auto documentação, é uma forma de análise sobre os elementos da vida quotidiana. É um método que recolhe os dados de experiências de acontecimentos que visa a estabelecer uma conceção mais plausível e fidedigna de uma pessoa (DeLongis et al. 1992), também é um teste para diminuir qualquer tipo de influência do observador a respeito do participante observado (Carter & Mancoff, 2005). Sabe-se que os pensamentos dos utilizadores levam a novas variantes de significados e, a partir de campos de usabilidade, constatou-se que as decisões tomadas não são feitas através de um raciocínio lógico ou racional, mas sim pelo papel crucial das emoções (Norman, 2004). Paralelamente, o foco nas funcionalidades e na eficácia das mesmas já não existe, passando para o contentamento do entendimento humano mais vasto e estruturando as causas de prazer (Jordan, 1996).

No final da década de 1990, no projeto Presence, o método de sondas culturais foi introduzido pela primeira vez, em que os participantes faziam parte de três comunidades seniores nas cidades de Peccioli em Itália, Oslo na Noruega e Bijlmer na Holanda. Neste projeto, o começo deste método deu-se quando houve uma discussão entre os participantes e os designers (Gaver et al., 1999).

Existem outros tipos de sondas que tomam caminhos alternativos. As **sondas residenciais** têm como objetivo formar uma relação entre o participante e o espaço, em que os aspetos carecem de uma análise mais cuidada por meio de outros métodos. As **sondas de comunicação** maioritariamente realizaram-se através da participação de famílias por muitos anos para as conhecer, com o intuito de desenvolver tecnologia doméstica futura (Mattelmäki, 2008). As **sondas tecnológicas** respondiam a três objetivos: o sociológico, o tecnológico e o design (Hutchinson et al., 2003). O sociológico recolhia dados da tecnologia no ambiente real, já o tecnológico era uma avaliação da tecnologia em uso. O objetivo de design pretendia o pensamento dos designers e usuários sobre novas oportunidades tecnológicas e melhorias na vida quotidiana (Mattelmäki, 2008). Para além destes tipos de sondas, também temos as sondas de empatia que pretendiam uma análise sobre os humanos em diferentes campos da vida e desenvolver imagens das experiências das pessoas no processo de design. As **sondas de empatia** e as sondas culturais partilham a importância na apresentação estética e consideram os diferentes momentos da vida das pessoas. O processo de pesquisa destas sondas frequentemente forma uma ligação reservada entre o investigador e o participante (Mattelmäki, 2008). Através de discussões entre os investigadores de Polar Electro, produtores de monitores de frequência cardíaca, houve a necessidade do surgimento das sondas de empatia, como também a pesquisa de eDesign (Mattelmäki & Battarbee 2002). Esta discussão demonstrou a necessidade de compreender experimentalmente as emoções e as experiências dos utilizadores futuros, isto não permite que seja produzida através do feedback do utilizador, nem de testes de usabilidade (Mattelmäki, 2008).

Segundo Mattelmäki (2005) existem quatro motivos para o uso das sondas:

1. Inspiração: enriquecimento e apoio sobre a inspiração do designer ou da equipa.
2. Informações: recolha de dados sobre os utilizadores.
3. Participação: oportunidade dos utilizadores na participação do processo de idealização de design.
4. Diálogo: interação entre os designers/equipas de design e os utilizadores usando as características do design centrado no utilizador.

3.3. A Entrevista

O método de entrevista é utilizado com regularidade em pesquisas qualitativas, pois é uma técnica com bastante qualidade na recolha de dados. Isto porque, existe uma correlação entre as experiências diárias e a linguagem de entendimento coletivo na altura da entrevista, que permite sucesso na pesquisa qualitativa. O uso deste método na aquisição de informação possibilita a compreensão da parcialidade, através de relatos do participante sobre a observação, as vivências, o meio social, entre outros. O investigador consegue retirar o que é subjetivo e pessoal do participante, para pensar numa proporção coletiva, que acaba por ceder à compreensão lógica de relações estabelecidas antes ou depois do grupo social em

que o participante se insere, num determinado momento e local. É considerado uma entrevista quando existe a interação entre duas ou mais pessoas (Batista et al., 2017).

A entrevista qualitativa tem como aspeto central a relação intersubjetiva entre o entrevistador e o entrevistado, pois faculta uma troca de visões de realidades, que resultam do meio social onde os participantes produzem conhecimento e onde tentam dar sentido ao que os rodeia. Este método é caracterizado por ser uma forma de interação social, um diálogo dissimétrico, em que o investigador pretende recolher dados e o participante é a fonte de informações. A valorização da utilização das palavras, signos e símbolos que são considerados um privilégio nas relações humanas e uma forma de interação social (Batista et al., 2017).

A entrevista individual é crucial para uma grande parte de estudos em design, pois permite uma perspectiva imensa e abundante de comportamentos, deduções sobre a vida das pessoas. Este método deve ser realizado sem público, porque a presença de outros pode interferir com o que o indivíduo possa dizer e revelar (IDEO & Bill & Melinda Gates Foundation, 2011a). O método de entrevista individual é uma correlação de par, apontada caso o objetivo do estudo seja o conhecimento profundo dos significados e visões do participante. Este tipo de entrevista é realizado maioritariamente em casos de estudo, numa história oral ou de vida, como biografias, que precisem de um nível grande de detalhes (Batista et al., 2017).

O método de entrevista utilizado focava num assunto bastante específico, a experiência das participantes nos espaços de lazer de Vila Nova de Gaia, ou seja, era uma entrevista focalizada. Esta entrevista é realizada em ocasiões experimentais, para se obter uma exploração mais profunda sobre a experiência do participante em certo tipo de problema. Este método de entrevista também é a combinação das perguntas tanto abertas, como fechadas. Isto permite ao participante de ter uma posição favorável sobre o assunto, sem estar preso ao que lhe foi perguntado (Batista et al., 2017).

3.4. Storyboards

De acordo com Spacey (2018), o design crítico desenvolve conceitos de design que não são óbvios e que provocam o status quo. Este design é utilizado como uma provocação de ideias novas de sistemas, produtos e serviços. Existem quatro tipos de design críticos comuns:

- Ficção – habitual em inspirar o futuro. É representado através de uma história ou uma apresentação que desafiam supor bases do presente, passado e futuro.
- Especulações – serve para especular sobre o futuro. É representado através de projeções fundamentado em modas ou sugestões de modas atuais, quais podem terminar ou reverter.
- Modelos – elaboração de teorias e modelos que se opõem aos designs tradicionais. Neste processo, os detalhes podem ser ocultados, o design pode ser impossível ou apresentar desvantagens explícitas.
- Protótipos – realizados para provocar presunções como oposição a um protótipo habitual de um produto potencial.

Existem várias formas visuais de narrar histórias, que sejam importantes para o processo do design, como da experiência do utilizador, storyboard, mapas de jornada e de empatia, entre outros. Neste caso vai-se explorar mais o storyboard, que se baseia numa história demonstrada através de imagens em sequência cronológica, que mostram as partes mais importantes. (Krause, 2018).

O storyboard é um método que ilustra um projeto desde o início até ao final. Isto ajuda a aumentar a compreensão para os designers e outros elementos. Este método precisa de ser explícito e fácil de visualizar. O storyboard permite entender a experiência do utilizador, ao transmitir várias etapas em sequência e a interação entre o utilizador e o produto ou serviço. Este tem um procedimento centrado no utilizador no design de produto (Canvas Editorial, 2021). Com o uso de imagens, a história acaba por ser mais rápida de leitura, permite uma melhor compreensão e é mais fácil de lembrar. O storyboard oferece mais contexto para os designers (Krause, 2018).

O storyboard possui três componentes (Krause, 2018):

- Cenário – o storyboard é baseado num cenário do utilizador. Na parte superior, é onde está estabelecido a persona ou a função correspondente ao cenário e uma pequena descrição do mesmo. A descrição do cenário tem de ser o mais explícita possível, para um designer perceber o que está a ser ilustrado, antes de visualizar as imagens.
- Visuais – as fases em sequência são representadas visualmente. As fases podem ser retratadas por esboços, ilustrações ou fotos. De acordo com o objetivo e o público-alvo, o storyboard pode ser representado em desenhos de duração pequena e de baixa qualidade, como pode ser desenhos bastante precisos e de alta qualidade. A demonstração do ambiente do utilizador, balões de fala com expressões do mesmo ou demonstração da interação através de um esboço são detalhes importantes a incorporar o storyboard.
- Legendas – as imagens têm sempre uma legenda. Esta corresponde a ações realizadas, o ambiente, o estado emocional, dispositivo, entre outros, que são representados respetivamente.

Em geral, os storyboards são informais e para ser fácil de compreensão, as etapas são representadas graficamente, em sequência. A intenção é sempre as imagens, com menos atenção no texto correspondente, mesmo estas sendo importantes. O storyboard representa um momento da experiência do utilizador, porque estabelecem o contexto e uma área em comum para todos os designers que trabalham para um problema característico (Krause, 2018).

Os objetivos do storyboard são vários, para diferentes etapas do processo de design (Krause, 2018):

- Pesquisar e testar a usabilidade – o storyboard pode representar a interação do utilizador com o produto ou serviço. Através dos testes de usabilidade, os storyboards podem expor expressões dos utilizadores, juntamente com notas e imagens de algum tipo de linguagem corporal importante.
- Acrescentar aos mapas de jornada – os storyboards podem ajudar os mapas de jornada com uma imagem sobre o contexto do utilizador sobre a interação com o produto ou serviço. Isto permite criar empatia entre os designers e os utilizadores.
- Priorizar e campo comum – a visualização da interação dos utilizadores e do produto ou serviço, permite ser mais fácil a compreensão e pode lembrar o que é necessário para completar o cenário, ou seja, focar nos utilizadores.
- Ideação – os storyboards podem ser uma forma de conceção, ou seja, o designer pode ilustrar uma ideia sobre o uso de um recurso do utilizador, caso isto permita mostrar uma potencial experiência ou para se compreender melhor o ambiente do contexto. Estes são usados como uma discussão, não como um produto contínuo ou uma ferramenta de priorização, porque o cenário irá mudar com o uso de dados reais.

Para a criação de um storyboard, existe um processo que tem seis fases (Krause, 2018):

1. Recolher dados – escolher os dados que serão usados no storyboard.
2. Nível de fidelidade – pensar no público-alvo e no intuito do produto ou serviço.
3. Definir as bases – definição de personas e o cenário a representar. O último deve ser claro e corresponder a apenas uma interação do utilizador. Caso exista a possibilidade de mais interações, pode-se usar a regra de um para um, isto é, um storyboard para cada interação.
4. Planear as fases – escrever as fases e interligá-las com setas, antes de ir para o modelo de storyboard. Adicionar o estado emocional com um símbolo, em cada fase.
5. Criar ilustrações e adicionar legendas – pode ser algo bastante detalhado, como também algo básico. Adicionar as legendas em baixo de cada ilustração, para uma pequena descrição do contexto sobre o que não é logo percebido.
6. Distribuição e iteração – distribuir por equipas de design e designers e obter feedback. Isto permite melhorar o produto ou serviço.

O objetivo do storyboard é solucionar problemas que não são realçados numa primeira instância. Assim, existe empatia, porque os designers conseguem-se colocar no lugar do utilizador, compreendem a interação com o produto e podem tratar os problemas (Canvas Editorial, 2021).

4. Trabalho de Campo

Por meio da revisão bibliográfica realizada, sabe-se que os espaços de lazer foram desenhados a pensar nas necessidades de um homem padrão da sociedade, desvalorizando as necessidades das mulheres. Este capítulo descreve em detalhe a investigação empírica realizada para explorar as experiências de mulheres jovens em espaços de lazer em Vila Nova de Gaia. Os resultados são apresentados tematicamente e discutidos em função da literatura relevante.

4.1. Método

Como suporte de desenvolvimento do capítulo atual, foi usado o COREQ – *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (Tong et al., 2007). O COREQ consiste numa lista de verificação com 32 pontos, compilada com o intuito de auxiliar a comunicação rigorosa e efetiva de investigação qualitativa.

4.1.1. Seleção e recrutamento de participantes

Nesta investigação, a amostra de participantes é definida por mulheres adultas, entre as idades de 20 a 30 anos, que na atualidade vivem em Vila Nova de Gaia ou, na altura da sua participação, viviam. O recrutamento foi realizado a partir das redes sociais e pessoalmente, seguindo os métodos de conveniência e mais tarde bola de neve. A participação foi realizada através da disponibilidade de cada participante e totalmente voluntária. A seleção das participantes visa a corresponder os objetivos estabelecidos para a investigação.

Na fase inicial de recrutamento, as participantes seriam divididas em dois grupos, nativas e não-nativas de Vila Nova de Gaia, onde levariam a investigação por outro caminho. Com o recrutamento já iniciado, percebeu-se que não seria possível estes grupos, pois houve dificuldade no recrutamento de mulheres não-nativas em Vila Nova de Gaia. Assim, houve a decisão de se ter apenas um grupo de participantes que atendessem a todas as características escritas anteriormente, sem incluir os grupos de pessoas nativas e não-nativas. Inicialmente, a abordagem para o recrutamento foi a partir de uma mensagem pelas redes sociais a explicar um pouco sobre a investigação. Quando as participantes foram demonstrando disponibilidade e interesse em participar, prosseguiu-se para a marcação de um encontro pessoalmente ou on-line para uma melhor explicação da investigação e, também, a entrega da folha informativa (Anexo A), mais o consentimento sobre o que consiste a participação. Este encontro foi dentro da disponibilidade das participantes, sempre com a possibilidade de cancelar ou reagendar. Todos estes realizados pessoalmente seguiram as medidas de prevenção contra o Covid-19 e a situação pandémica da altura, através da Direção-Geral da Saúde (DGS).

Previamente às Sondagens Culturais e às entrevistas, foi entregue a folha informativa que explica a participação na investigação, ou seja, as fases e os objetivos, também sobre a proteção de dados e direitos neste estudo. Aqui, está declarado que a participação é voluntária e que a qualquer momento podem abandonar o estudo, sem qualquer tipo de problema.

Duas pessoas não deram continuação ao projeto, uma por motivos de disponibilidade e outra porque não tinha interesse em continuar. Assim, a partir de outra participante foram recrutadas mais duas mulheres para a investigação.

No total, dez mulheres com idades entre os 22 anos e os 25 anos participaram neste estudo.

4.1.2. Recolha de dados

A pesquisa utilizada no design ajuda na compreensão de indivíduos, como também nos comportamentos particulares num certo contexto e comunidade que os envolve (IDEO & Bill & Melinda Gates Foundation, 2011b). Por isto, é importante aplicar métodos de pesquisa. Nesta investigação, os métodos realizados foram a Sonda Cultural e entrevistas estruturadas, sendo o último complementar ao primeiro.

4.1.2.1. Design das Sondas Culturais

A sonda consegue ser um agente de diálogo entre o investigador e os participantes, ou seja, o design centrado no utilizador permite a compreensão de quem são, que tipo de atividades realizam, as atitudes e propriedades que têm. Estes tipos de design, em conjunto com o design da experiência do utilizador, utilizam métodos que conseguem medir, descrever e interpretar as experiências e vivências dos participantes o mais objetivamente possível. Paralelamente, os métodos utilizados permitem a interação subjetiva de intenções e perceções do designer (Suri, 2003). Mais tarde, isto ajuda as participantes na descrição das experiências, o que leva a questões importantes e facilidade de comunicação na entrevista (Mattelmäki, 2008).

O objetivo da sonda cultural desenhada para este estudo é recolher informações para se ter uma melhor compreensão sobre as problemáticas nas experiências das mulheres nos espaços de lazer. Para além disto, a sonda cultural permite averiguar oportunidades que contribuem para melhorar a experiência e as participantes conseguem descrever a sua situação e conseguem analisar e compreender as suas experiências. As sondas culturais também incentivam a participação dos utilizadores na investigação através das tarefas que realizam (Mattelmäki, 2008).

A norma ISSO 13407 (1999) do design centrado no utilizador divide-se em quatro fases:

1. Compreensão e definição da circunstância da execução.
2. Produção da descrição do utilizador.
3. Elaboração de resoluções de design.
4. Avaliação das resoluções.

Com a metodologia da sonda cultural, o contexto do utilizador tem uma melhor compreensão e deve ser usado paralelamente como inovação em novos designs. Com a sonda cultural consegue-se entender a perspetiva do ambiente estético que o utilizador tem e o seu entendimento próprio, pois permite ao designer compreender os utilizadores e os fenómenos, também utiliza soluções alternativas de maneira a encontrar problemas e possibilidades para resoluções de design (Mattelmäki, 2008).

O kit desenhado para sonda cultural foi elaborado com o objetivo de ser fácil de compreensão, para que as participantes realizassem as tarefas de forma autónoma. Este kit incentivava as mulheres a fotografarem ou filmarem o que quisessem, desde que respeitassem as quatro etapas pedidas nas duas fases do dia. Até podiam entregar mais do que apenas quatro fotos. Mais tarde realizou-se um teste experimental, para entender dúvidas das participantes e/ou problemas. Após a realização deste teste, foram resolvidos certos erros, também se mudou o português para uma melhor interpretação, como também se resolveu mudar o nome do kit de “Sondas Culturais”, para “Auto Registo”.

A Figura 3, Figura 4 e Figura 5 ilustra o kit da Sonda Cultural, que incluía um mapa da cidade de Vila Nova de Gaia, com exemplos escritos e desenhados de locais de lazer que as participantes poderiam visitar; dois retângulos que serviam para escrever a tarefa tanto de dia, como de noite; documentação de fotografias e/ou vídeos através de uma câmara do telemóvel ou outra; mais as instruções para a documentação das mesmas. Para além disto, foi também incluído uma pequena parte da história da cidade e, como incentivo para completar as tarefas pedidas, as participantes foram presenteadas com um brinde. Este kit estava dividido em duas tarefas autónomas. A primeira tarefa consistia em fotografias e/ou vídeos de quatro etapas – a ida para o local, a chegada, durante a visita e o final da visita -, onde as participantes podiam fotografar e/ou filmar os detalhes do local que quisessem. A segunda tarefa consistia em escrever, por tópicos, sobre o que estavam a fazer, as preocupações, emoções e sentimentos do momento no local. As tarefas foram realizadas em dois momentos – durante o dia e durante a noite.

Auto-Registo



Esta atividade de auto-registo tem como objetivo compreender as experiências de mulheres na cidade de Vila Nova de Gaia. Para esta atividade é-lhe solicitado que escolha um local em Vila Nova de Gaia e crie pequenos vídeos e/ou fotografias do local (em duas alturas distintas do dia) e registre pequenas frases acerca da sua experiência. Não existem respostas certas ou erradas. Tudo é interessante para a investigação.

Posteriormente será realizada uma entrevista, para falar sobre esta atividade de auto-registo e explorar as suas memórias sobre estas visitas, para uma melhor compreensão das suas experiências da cidade.

Após completar estas tarefas fique atenta que será contactada para a segunda e última parte desta investigação – a entrevista. A entrevista será agendada com base na sua disponibilidade e pela preferência de ser realizada em pessoa ou digitalmente, através do Zoom ou Skype.

Contactos:

+351 914 919 357

franciscamanuelguimaraes@gmail.com



Brinde

Participe e ajude esta investigação! Ao ajudar irá receber uma pequena lembrança, como agradecimento pela sua participação!

Instruções para o Auto-Registo

Todas as tarefas desta fase são feitas autonomamente por si. Precisa de um telemóvel que dê, no mínimo, para tirar fotografias. Se tiver alguma questão sobre a sua participação ou sobre as instruções, não hesite em perguntar!

Antes de começar, por favor consulte o mapa no verso e seleccione um dos locais assinalados para visitar duas vezes – uma vez durante o dia e outra vez durante a noite.

1º Durante cada uma das visitas, registre pequenos vídeos e/ou fotografias que captem e comuniquem a sua experiência. Aqui deve registar pelo menos quatro etapas:

1. Ida para o local;
2. Chegada ao local;
3. Durante o encontro/visita;
4. Saída do local.

2º Existem pequenos retângulos onde é-lhe solicitado que escreva sobre a sua visita – por exemplo, o que está a fazer, as preocupações do seu encontro no local – como também as suas emoções e sentimentos durante a visita. Estes retângulos encontram-se na outra folha.

3º Envie os vídeos e/ou fotografias para o e-mail fornecido ou para o WhatsApp pelo número dado. Por favor, tire uma foto nítida dos retângulos onde escreveu a segunda instrução, para enviar juntamente com as fotografias e vídeos.

4º Se quiser partilhar algo mais, é bem-vindal!



Exemplos de Locais:

- Zona das praias (Salgueiros, Miraflores, Francellos)
- Avenida da República
- Santo Ovídio
- Jardim do Morro / Serra da Pila
- Seta do Bacalhau
- Cais de Gaia
- Alameda
- Parque da Lavandeira / Outros parques
- Arinho de Oliveira do Douro, de Avinte

Mapa de Vila Nova de Gaia

Figura 3. Instruções da Sonda Cultural, versão portuguesa (pág. 1).

Figura 4. Instruções da Sonda Cultural, versão portuguesa (pág. 2).



Figura 5. Instruções da Sonda Cultural, versão portuguesa (pág. 3).

Tabela 1. Descrição dos elementos inseridos na Sonda Cultural e cada função respetivamente.

| Elementos | Objetivo | Função (Thoring et al., 2013) |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| <p>2ª Durante cada um dos dias regista pequenas vídeos e/ou fotografias que captem e comuniquem a sua experiência. Assim deve registar pelo menos quatro etapas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. São para o local; 2. Chegada ao local; 3. Suavemente a acção/actividade; 4. Saída do local. | Documentar a experiência no espaço através de fotos ou vídeos. | Documentária |
| <p>2ª Estas pequenas registações orais e/ou escritas que escreva sobre o seu dia - por exemplo, o que está a fazer, as preocupações do seu encontro no local - como também as suas emoções e sentimentos durante o dia. Estes registos encontram-se na outra folha.</p> <p>Durante o dia:</p> <p>Durante a noite:</p> | Perceber quais emoções, sentimentos e preocupações. | Visionária |
| <p>Ata Registo</p> <p>1. Este é um formulário onde regista a sua experiência e o que aconteceu durante o dia e a noite. Deve ser preenchido com a sua experiência e o que aconteceu durante o dia e a noite. Deve ser preenchido com a sua experiência e o que aconteceu durante o dia e a noite. Deve ser preenchido com a sua experiência e o que aconteceu durante o dia e a noite.</p> <p>2ª Durante cada um dos dias regista pequenas vídeos e/ou fotografias que captem e comuniquem a sua experiência. Assim deve registar pelo menos quatro etapas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. São para o local; 2. Chegada ao local; 3. Suavemente a acção/actividade; 4. Saída do local. <p>2ª Estas pequenas registações orais e/ou escritas que escreva sobre o seu dia - por exemplo, o que está a fazer, as preocupações do seu encontro no local - como também as suas emoções e sentimentos durante o dia. Estes registos encontram-se na outra folha.</p> <p>2ª Estas pequenas registações orais e/ou escritas que escreva sobre o seu dia - por exemplo, o que está a fazer, as preocupações do seu encontro no local - como também as suas emoções e sentimentos durante o dia. Estes registos encontram-se na outra folha.</p> <p>2ª Estas pequenas registações orais e/ou escritas que escreva sobre o seu dia - por exemplo, o que está a fazer, as preocupações do seu encontro no local - como também as suas emoções e sentimentos durante o dia. Estes registos encontram-se na outra folha.</p> | Instruções para a concretização das tarefas autónomas. | Instrutiva |

O design das utilidades do kit da sonda cultural tem várias funções, como está demonstrado na Tabela 1: documentário, visionário e instrutivo. A função documentária deve-se à tarefa de documentar a experiência no espaço de lazer escolhido através de fotografias e de vídeos. Esta funcionalidade permite recolher dados através da captura de detalhes, do armazenamento e da exibição. A função visionária é adicional à documentária, pois permite entender as preocupações, emoções e sentimentos das participantes. Esta funcionalidade está representada nos dois retângulos respetivos às experiências de dia e de noite, onde as participantes escreveram o que lhes foi pedido. A função instrutiva é devido às instruções que foram incluídas nos kits para a realização das tarefas. As tarefas são autónomas e, por isso, as instruções são explícitas, de maneira a que as participantes não tenham dúvidas durante a realização da sonda cultural (Mattelmäki, 2008).

4.1.2.2. Teste piloto da entrevista

Após o interesse das participantes na investigação, foi entregue a folha de informações e o consentimento informado para que a investigação pudesse prosseguir. Mais tarde, paralelamente às participantes realizarem a sonda cultural, a ideia que se tinha para a realização da entrevista era visitar vários espaços de lazer dentro da cidade. A investigadora tinha de levar consigo um caderno para tirar notas e um gravador, para mais tarde transcrever a entrevista. Com ajuda de uma pessoa fora do estudo, percebeu-se que o ruído ambiente perturbava as gravações e por ser apenas uma investigadora a entrevistar, era impossível tirar notas, ao mesmo tempo que se gravava e se fazia as questões. Por isso, foi decidido realizar uma entrevista tradicional, ou seja, uma entrevista entre a investigadora e a participante, num local calmo e privado.

Neste momento, o guião de entrevista ainda não estava concluído, porque era necessário a entrega das sondas culturais. Com a entrega de todas as sondas culturais, conseguiu-se acabar assim a entrevistas, com as perguntas que foram idealizadas a partir da informação entregue.

4.1.2.3. Procedimento de recolha de dados

O processo utilizado da entrega do Consentimento Informado, o Folheto Informativo e o Auto Registo foi o mesmo que se descreveu anteriormente. Com cada uma das participantes foi estipulado uma certa duração para a entrega do Auto Registo, dependendo da disponibilidade das mesmas. Posto isto, após a entrega das sondas culturais e com a análise das informações recolhidas, agendou-se com cada uma das participantes um horário e local para a concretização da entrevista, que ajudou numa melhor compreensão da experiência de cada participante. Dependendo de cada participante, o local para a entrevista variou entre reunião on-line e a casa da investigadora. Nos dois espaços as entrevistas foram gravadas em áudio, já com o consentimento assinado e lembrado no momento da entrevista. Por reunião on-line foram realizadas sete entrevistas, as restantes três foram pessoalmente. As entrevistas pessoalmente realizaram-se através das normas de segurança estipuladas pela DGS na altura. A duração das entrevistas variou entre dezasseis minutos e cinquenta e dois minutos, sendo a mais pequena e a maior respetivamente.

4.1.3. Análise de dados

O primeiro contacto que se teve com os dados foi após a entrega das sondas culturais. Assim, através das observações das atividades, a investigadora teve a possibilidade de elaborar da melhor forma a entrevista. As participantes enviaram todas as tarefas realizadas no kit da sonda cultural digitalmente e áudios foram transcritos de forma digital, utilizando o sistema operacional Microsoft Word. Na realização das dez entrevistas, houve a gravação de áudio, para mais tarde serem transcritas na íntegra. Apenas a investigadora teve acesso aos ficheiros originais e ao seu conteúdo, somente com o objetivo da investigação e posteriormente eliminados. A atribuição de pseudónimos teve a finalidade do anonimato das participantes.

Com a conclusão das etapas acima referidas, utilizou-se o método de análise temática, com o procedimento de análise Diagrama de Afinidade. Este método é determinado pela sua simplicidade, pela flexibilidade e acessibilidade, que paralelamente permite precisão na pesquisa qualitativa. O objetivo do Diagrama de Afinidade é verificar vários temas e examinar os diferentes significados dentro dos conjuntos

de dados existentes (Braun & Clarke, 2006). Este método é muitas vezes utilizado na área do design, porque concede uma forma competente para o desempenho do mesmo (Dam & Siang, sem data). Tipicamente, este método é usado com informações em post-its numa parede, que se vão organizando por grupos, para depois definir e refletir os temas que foram formados.

Invés de se optar pelo método tradicional, optou-se pela utilização do programa on-line Miro para se elaborar o diagrama de afinidades. Com esta opção de um diagrama on-line, devido à pandemia Covid-19, houve a possibilidade de participação da equipa de orientação em tempo real. O método tradicional impossibilitava este tipo de interação, para além de que com a movimentação dos post-its, estes perdem a aderência na parede. Uma vantagem que o método tradicional tem, que não é permitido num diagrama on-line é a visão geral.

Com a elaboração do diagrama de afinidades, a equipa de orientação e a investigadora reuniram-se bastantes vezes, para a validação e participação neste processo, após os dados serem codificados. A análise temática contém temas à priori e temas posteriori mencionados pelas participantes através da sonda cultural e da entrevista. O diagrama de afinidades tem os post-its que estão diferenciados por cores – cor verde são parques, cor-de-rosa são jardins e cor amarela são espaços de lazer na zona balnear -, cada um tem o pseudónimo de cada participante e alguns post-its contêm círculos com as cores verde e vermelha, sendo aspetos positivos e aspetos negativos, respetivamente. Para além dos post-its, também foram adicionadas as fotografias das sondas culturais das participantes nos diferentes temas.

4.2. Resultados

O método de análise indicou três temas principais, que a partir destes surgiram vários subtemas definidos. Os três temas principais são **Fatores Pessoais**, **Ambiente** e **Tarefa**. No mapa temático apenas os subtemas de **Segurança**, **Equipamentos** e **Acessos** foram identificados à priori e estão realçados por um retângulo a preto com as letras brancas, no mapa temático. A Figura 6 representa o mapa temático com os temas e subtemas identificados na investigação.

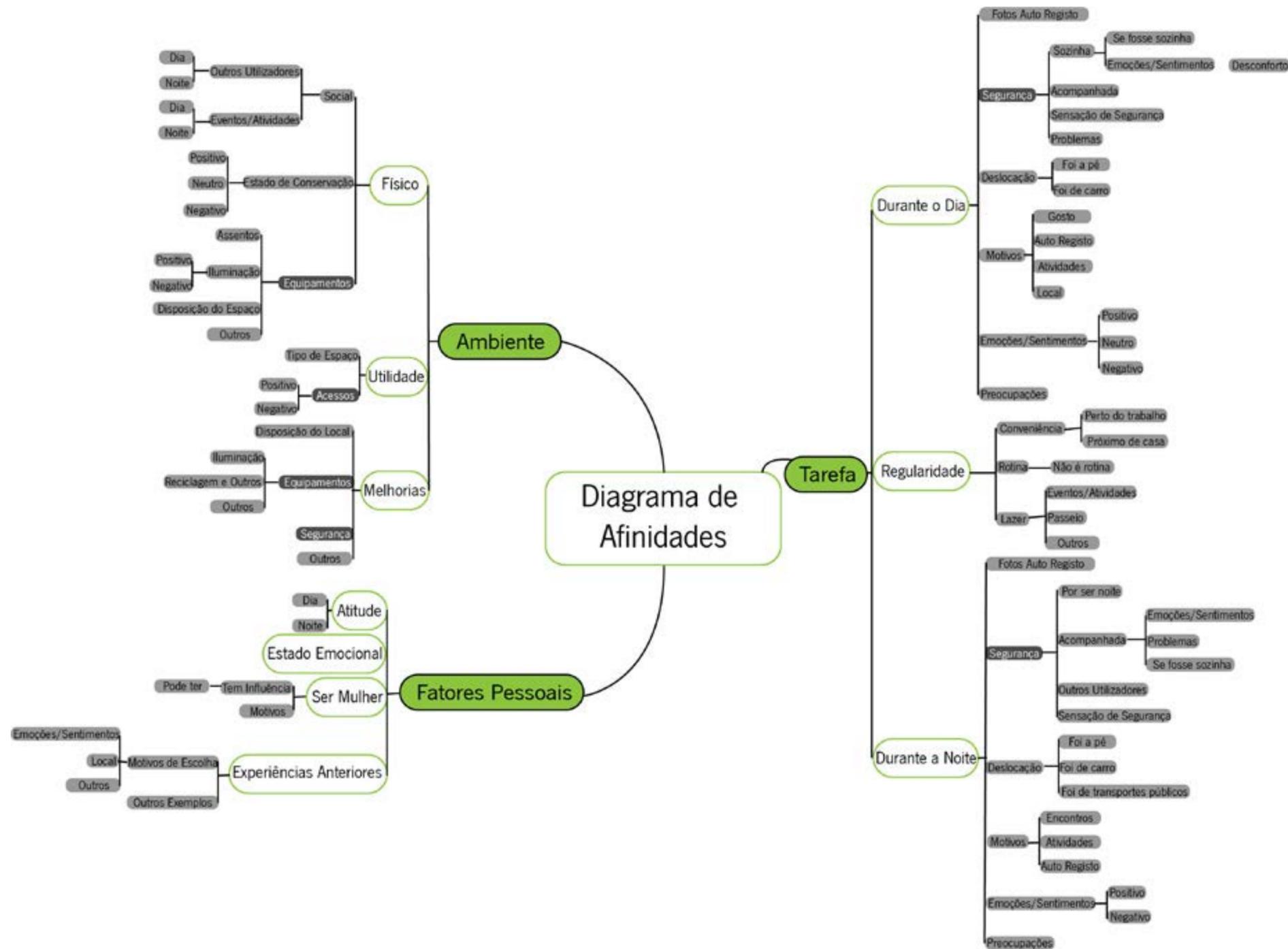


Figura 6. Mapa Temático. ■ Temas à priori.

Posteriormente, estão apresentados os resultados de acordo com os três temas principais e os subtemas adjacentes aos mesmos. Inicia-se com uma síntese das características demográficas com relevância para a investigação.

4.2.1. Caracterização de participantes

A seleção das participantes foi realizada de acordo com um conjunto de características, descritas em Seleção e Recrutamento de Participantes. As participantes forneceram dados a partir das suas experiências abstratas em relação a um espaço de lazer na cidade, paralelamente houve uma melhor compreensão sobre este assunto. Na investigação participaram dez mulheres, com idades compreendidas entre os 22 e os 25 anos. A Tabela 2 apresenta as características principais de cada participante, apresentadas por um pseudónimo.

Tabela 2. Características demográficas das participantes.

| Participante | Idade | Profissão | Nacionalidade | Estado Civil | Habilitações Literárias | Local | Se foi acompanhada ou não |
|---------------|---------|---------------------------|---------------|--------------|-------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| Alda | 23 anos | Estudante | Luso-angolana | Solteira | Licenciatura | Parque do Cedro | Dia: Sozinha Noite: Sozinha |
| Bruna | 23 anos | Estudante-trabalhadora | Portuguesa | Solteira | Licenciatura | Senhor da Pedra | Dia: Acompanhada Noite: Acompanhada |
| Cátia (Surda) | 23 anos | Estudante-trabalhadora | Portuguesa | Solteira | 12º ano | Praia da Aguda | Dia: um momento sozinha e outro acompanhada Noite: acompanhada |
| Daniela | 22 anos | Estudante-trabalhadora | Grega | Solteira | Licenciatura | Jardim do Morro | Dia: Sozinha Noite: Acompanhada |
| Emília | 22 anos | Estudante-trabalhadora | Portuguesa | Solteira | Licenciatura | Jardim da Feira/Largo Estêvão Torres | Dia: Sozinha Noite: Acompanhada |
| Filipa | 25 anos | Trabalhadora (Freelancer) | Portuguesa | Solteira | Mestrado | Parque Serra de Canelas | Dia: Sozinha Noite: Acompanhada por um amigo |
| Glória | 22 anos | Estudante | Portuguesa | Solteira | 12º ano | Zona da Seca do Bacalhau | Dia: Acompanhada Noite: Acompanhada |
| Helena | 23 anos | Estudante-trabalhadora | Portuguesa | Solteira | Licenciatura | Jardim da Câmara de Gaia | Dia: Acompanhada Noite: Acompanhada |
| Ilda | 23 anos | Estudante | Italiana | Solteira | Licenciatura | Jardim da Câmara de Gaia | Dia: Sozinha Noite: Sozinha (mas tinha um amigo a 2 minutos) |
| Juliana | 23 anos | Estudante-trabalhadora | Portuguesa | Solteira | Licenciatura | Jardim da Câmara de Gaia | Dia: Sozinha Noite: Acompanhada |

4.2.2. Fatores Pessoais

Este tema principal permite perceber algumas atitudes e o estado emocional, mais experiências anteriores e a opinião de cada uma das participantes sobre a influência de ser mulher no seu quotidiano. Através das entrevistas e das sondas culturais houve manifestações das participantes sobre os seus fatores pessoais. Estes fatores foram identificados em relação a cada uma, ou seja, permite entender este grupo de estudo para se obter uma melhor compreensão sobre as suas experiências.

4.2.2.1. Atitudes

Neste subtema pode-se entender as atitudes de algumas participantes sobre a sua rotina e sobre elas próprias. A partir das sondas e das entrevistas conseguimos perceber algumas atitudes das participantes face ao seu dia-a-dia e como as suas emoções e sentimentos, no momento da realização da sonda.

Durante o dia constatou-se atitudes influenciadas pelo o quotidiano, isto é, as tarefas que iam realizar - *Eu começo já a tentar lembrar tudo o que tenho de fazer e isso. (...) Fico com um bocado de ânsia e stress.* (Alda, 23 anos). Outro tipo de atitudes que se pode observar é sobre como o local pode ter influência na participante:

Após um sightseeing, decidi ir para a Praia da Aguda, o meu local de eleição, tanto para relaxar, como para me divertir. (...) Num momento de relaxamento, fui pensando na minha vida, no que poderia melhorar para chegar aos meus objetivos e, enquanto isso, disfrutar o caminho.
(Cátia, 23 anos)

Na entrevista, entendeu-se que muitas das atitudes tomadas é devido às preferências próprias: *Prefiro ir sozinha com os meus fones. Fico mais calma e pacífica! Quando estou com pessoas fico muito preocupada (...).*
(Alda, 23 anos)

Durante a noite, as atitudes podem ser influenciadas por diversos motivos, como alívio de ser final do dia - *Por não ter ninguém, por estar sozinha, por ser noite, por estar a ouvir música e por já ser o final do dia, em que já fiz tudo o que tinha de fazer ao longo do dia. Parece que a minha mente fica um bocadinho menos desacelerada (...).* (Alda, 23 anos). A mesma participante na sonda cultural fala de como a noite também influencia a sua atitude - *À noite fui passear as cadelas (rotina) e por não ter ninguém senti-me mais relaxada, calma e em paz pelo silêncio da noite.* (Alda, 23 anos)

O local também tem influência nas atitudes do momento da realização do Auto registo. Os equipamentos que lá inseridos também têm influência, como podemos reparar na divulgação de uma entrevista:

Calma, porque estava pouca gente, mas nervosa por ser noite. A iluminação ajudou a relaxar.
(Bruna, 23 anos).

Para além destes dois aspetos revelados sobre a Noite, o que se descobriu foi que a companhia também tem influência:

Quando estive acompanhada senti-me mais segura do que se estivesse sozinha e senti que podia adotar uma postura diferente (mais aberta).
(Juliana, 23 anos)

4.2.2.2. Estado Emocional

O estado emocional é sobre as preocupações, como estado de espírito que as participantes foram divulgando nas duas etapas de recolha de dados. Estas preocupações foram divididas sobre os dois momentos dia e noite, onde se encontram algumas diferenças entre eles.

Durante o dia, o local teve relevância nas participantes e nas preocupações e estado de espírito:

Vim com o meu namorado e estamos a conversar num banco de jardim. Esta bom tempo, pouca gente e sinto-me segura e feliz!
(Helena, 23 anos)

Uma das participantes explica que o espaço teve importância sobre a falta de preocupações - *Não senti nenhuma preocupação em particular. Durante o dia, o espaço é calmo, bem iluminado e frequentado por algumas.* (Filipa, 25 anos)

Outra participante destacou que o sentimento de familiaridade com o espaço ajuda com as suas preocupações e o seu estado emocional:

Tenho bastante à vontade com este percurso, dado que me é familiar, pelo que me senti completamente relaxada. Não tive o meu “sentido de alerta” acionado, pois como é algo que procuro fazer regularmente e nunca me deparei com nenhuma situação menos agradável, não sei razão para me preocupar nem observar pessoas.
(Juliana, 23 anos)

Em relação ao estado emocional de noite, uma das participantes, Cátia (23 anos), revela que as suas preocupações não se devem ao local, mas sim sobre a época de exames académicos que estava a decorrer. Na terceira tarefa da sonda cultural, a participante Filipa (25 anos) realça a falta de preocupações sobre o local, porque está relacionado com a companhia no seu passeio:

Apesar de não ter tido nenhuma preocupação em particular, sei que não senti por estar acompanhada. Não frequentaria o espaço sozinha durante a noite.
(Filipa, 25 anos)

4.2.2.3. Experiências Anteriores

Este subtema está dividido em dois grupos, o primeiro sendo o **Motivo de Escolha** e o segundo **Outros Exemplos**. O primeiro grupo refere à preferência pessoal de cada uma das participantes para a escolha do local, isto pode estar relacionado com Emoções e Sentimentos que estão ligados a experiências anteriores, como por exemplo o sentimento de nostalgia - *Eu escolhi neste caso o Senhor da Pedra. (...) sempre foi aquele sítio, desde pequenina, que se me apetecesse passear (...), principalmente comer gelados (...).* (Bruna, 23 anos). Para além deste sentimento que foi exemplificado, durante a entrevista e a sonda cultural também foram referidos sentimentos e emoções como: tranquilidade (Helena, 23 anos),

calma (Helena, 23 anos) e relaxamento (Cátia, 23 anos).

As características do espaço também influenciaram o motivo da escolha em algumas participantes. Várias participantes - Danielle, 22 anos; Glória, 23 anos; Helena, 23 anos; Ingrid, 23 anos; Juliana, 23 anos - afirmaram que os espaços escolhidos eram agradáveis e tinham um bom ambiente, como podemos ver nestes exemplos:

*It's a nice place.*¹
(Danielle, 22 anos)

O local é agradável, sem dúvida (...).
(Glória, 23 anos)

Eu acho tipo, o ambiente e o ar. Pelo facto de ser um sítio aberto e saber que à priori nunca houve qualquer tipo de conflito ou problema. E, portanto, senti-me muito segura e confiante em passa lá.
(Juliana, 23 anos)

Outros motivos de escolha, em relação ao local, foram devido à procura de espaços verdes no centro da cidade.

Aquilo foi durante a quarentena, quando as coisas começaram a abrir, andava mais à procura de espaços tipo verdes (...).
(Filipa, 25 anos)

Parece que é um espaço com natureza no meio da cidade e às vezes isso é um bocadinho difícil de encontrar.
(Helena, 23 anos)

Ademais destes motivos, a zona da cidade onde o local está inserido também teve influência para esta escolha – (...) *it was centered in the city. (...) And also because it's the city hall.*² (Ingrid, 23 anos)

A participante Cátia (23 anos) revelou que o seu motivo desta escolha se deve a ter hipótese de se divertir.

No grupo de Outros Exemplos refere a experiências de algumas participantes noutras lugares da cidade.

*Because I had that experience that I told you before. And it was bad, I had this in my mind everytime I was passing in the night. I was afraid (...).*³
(Danielle, 22 anos)

Eu sinto esta cena em muitos espaços de Gaia, assim em particular. Por exemplo, a cena da Seca do Bacalhau, eu também sinto que aquilo à noite... Eu não vou para lá sozinha, apesar de conhecer aquilo super bem (...). A zona do estuário também é mesmo assustadora (...).
(Filipa, 25 anos)

Na Avenida da República, eu passo todos os dias na avenida para ir e voltar para casa. E, muitos dias, acontece de ser assediada (...).
(Helena, 23 anos)

4.2.2.4. Ser Mulher

Este subtema surgiu após a entrega das sondas culturais e através das entrevistas conseguimos explorar mais sobre o mesmo. Uma das questões da entrevista era 'Acha que ser mulher tem alguma influência na sua experiência?'. A esta questão apenas uma participante respondeu que pode ter – *Pode ter. Aquela questão dos velhinhos, é sempre aquela coisa. Ficam a olhar, mandam aqueles bitaites (...).* (Emília, 22 anos). As restantes participantes responderam todas que ser mulher tem influência nas experiências de cada uma, como até explicaram:

Em relação a ser mulher, apesar de estarmos no século XXI, acho que ainda há muitos obstáculos que temos que passar (...).
(Cátia, 23 anos)

É a mesma sensação num espaço isolado e o sentimento cresce, mas é a mesma coisa tu numa rua à noite no Porto às três horas da manhã. Vais só fazer o trajeto de um café para o transporte público ou para o teu carro e ficas super atenta (...).
(Filipa, 25 anos)

1. Tradução livre da autora: 'É um bom sítio.'

2. Tradução livre da autora: '(...) estava centrado na cidade. (...) E também porque é a câmara municipal.'

3. Tradução livre da autora: 'Porque eu tive aquela experiência que te contei antes. E era mau, eu tinha isso na cabeça sempre que passava à noite. Eu estava com medo (...).'

*(...) Para um gajo, se calhar, o pior cenário possível é de repente roubam-no (...).
Mas tu seres gaja esse é o melhor cenário possível (...).*
(Filipa, 25 anos)

*Se estiveres acompanhada por pessoas que são claramente os teus pais ou claramente família,
também te traz alguma proteção.*
(Glória, 23 anos)

*É assim eu acho que como mulheres (...) infelizmente somos obrigadas a ter mais cuidado com certas
coisas e a estarmos mais... com maior presença, maior atenção ao que nos rodeia do que, por exemplo,
se fôssemos homens (...). Mesmo o facto de estar acompanhada não é garantia de segurança.*
(Helena, 23 anos)

*Acho que o facto de ser mulher faz com que, ou seja, a sociedade que nós vivemos obriga a ter de estar
mais cautelosa (...). Há mais perigo para nós do que se nós fôssemos homens (...).*
(Helena, 23 anos)

*What I noticed in Gaia, maybe in Porto in general (...) this is my consideration as na Italian that people
really stare at you. Like if you are a girl, like especially old people, old man, they really stare (...) and
sometimes they can't take their eyes of of you. ⁴*
(Ingrid, 23 anos)

4.2.3. Ambiente

O subtema Ambiente trata sobre o espaço de lazer e as suas características, sendo estas o espaço **Físico**, onde estão incluídos temas como **Equipamentos**, **Estado de Conservação** e **Social**, **Utilidades** tendo os temas **Tipo de Espaço** e **Acessos** e, por último, as **Melhorias** que contêm **Disposição**, **Equipamentos**, **Segurança** e **Outros**. Todos os subtemas foram extraídos a partir das sondas culturais e as entrevistas das participantes.

4.2.3.1. Físico

Este subtema descreve o espaço físico dos vários locais que as participantes visitaram. Este está dividido em mais três temas que descrevem os Equipamentos, o Estado de Conservação e o Social.

Equipamentos

O sub-subtema Equipamentos descreve a Disposição do espaço, a Iluminação, os Assentos e Outros.

Na Disposição do espaço opiniões de algumas participantes revelam problemas no espaço. As participantes Filipa e Helena foram as que referiram algumas observações sobre a disposição de alguns elementos dos espaços. A participante Filipa fala sobre a falta de perceção do espaço – *Perdes mesmo a noção do espaço. (...) Não consegues ver as entradas da serra à noite (...). Há escadarias que tu vês bem, depois há a cena engraçada, mesmo à filme de terror de se tu tiveres na parte mais baixa da escadaria e olhares para cima vais perdendo a noção da extensão da escada (...)* Não é propriamente convidativo. (Filipa, 25 anos) -, já a participante Helena comenta sobre a visibilidade – *Em certas partes (...) nas curvas eu não conseguia ver quem é que ia a passar, a mesma coisa onde nós tínhamos estado sentados durante o dia, à noite não dava para ver, porque tinha um arbusto muito grande (...); A disposição dos arbustos e do caminho que faziam com que eu não visse lá muito bem.; Não tinha assim tanta visibilidade, principalmente no jardim.* (Helena, 23 anos). Para além disto, a participante Helena ainda comentou sobre os caminhos do espaço pioravam a visibilidade, devido a não estarem bem lineados.

A Iluminação foi dividida em aspetos positivos e negativos que as participantes descreveram nos vários espaços de Vila Nova de Gaia. Os aspetos Positivos são descritos como uma ajuda na sensação de segurança das participantes. Como aspetos positivos, duas participantes retrataram dois exemplos:

The little lights that they have before the brigde (...).⁵
(Danielle, 22 anos)

I think the light is good there, it's not tottaly dark.⁶
(Ingrid, 23 anos)

Os aspetos Negativos descrevem exatamente o mesmo que os aspetos positivos, só que trata de algo que afeta as experiências das participantes pela negativa. Muitos dos exemplos descritos são observações sobre a falta de luz, que faz com que o espaço esteja muito escuro e um dos exemplos observa o problema de falhas de luz por momentos durante a visita ao local:

(...) There was not a lot of lights (...).⁷
(Danielle, 22 anos)

4. Tradução livre da autora: 'O que notei em Gaia, talvez no Porto em geral (...) é a minha consideração como italiana que as pessoas olham mesmo. Como, se tu fores rapariga, especialmente os velhos, eles te olham mesmo (...) e às vezes não conseguem tirar os olhos de ti.'

5. Tradução livre da autora: 'As pequenas luzes que há, antes da ponte (...).'

6. Tradução livre da autora: 'Eu acho que a luz é boa lá, não é totalmente escuro.'

7. Tradução livre da autora: '(...) Não havia assim tantas luzes (...).'

Não tens quase perceção do espaço. Há uma cena muito interessante lá, que são as lâmpadas da rua, parece que têm “mood”, então de repente desligam (...). Perdes mesmo a noção do espaço (...). Não consegues ver as entradas da Serra à noite, porque a luz... São muito poucos candeeiros (...).
(Filipa, 25 anos)

Em relação aos Assentos dos espaços também têm influência na experiência, seja pela positiva ou pela negativa. De acordo com a experiência de uma participante, o que se percebeu foi que com obras realizadas num espaço pela Junta de Freguesia, a participante Alda deixou de ter receio de se sentar – *O facto de eles mudarem os bancos parece que está tudo mais... Antes eu tinha receio de sentar, porque estava sempre sujo.* (Alda, 23 anos). Ao contrário deste exemplo, a participante Helena descreve os bancos como desconfortáveis – *Os bancos são desconfortáveis.* (Helena, 23 anos).

Neste tema secundário Outros estão descritos exemplos de equipamentos nos diferentes espaços, que apesar de não serem tão comuns nas outras entrevistas e sondas culturais, têm importância para o estudo e tiveram impacto nas experiências das participantes que o relataram. Apenas duas participantes repararam em casas-de-banho – Bruna e Emília. A participante Emília observou casas-de-banho no local, mas não sabe se elas estão abertas e nunca as usou - *Mas também tem casas-de-banho.* (Emília, 22 anos).

A participante Bruna descreve as estruturas arquitetónicas e as fontes de água como um aspeto positivo para ela e também relatou que a iluminação modifica as estruturas pela positiva – *Eu gosto do Senhor da Pedra por causa disso, porque tem aquelas fontes todas e a arquitetura daqueles espaços diferentes, torna o sítio um bocado mais interessante.; A arquitetura de lá fica diferente da de dia. Tu vês a de dia de maneira diferente (...), por causa da iluminação e da maneira como fica o céu da noite (...).* (Bruna, 23 anos).

Estado de Conservação

O grupo sobre o Estado de Conservação dos espaços está dividido em três conjuntos, sendo estes Positivo, Neutro e Negativo. O primeiro conjunto Positivo são as opiniões positivas das participantes, que variaram entre uma boa conservação e bom tratamento do espaço:

Em relação ao Estado de Conservação, eu acho que sempre foi assim, ou seja, nunca vi assim, por exemplo vandalismo (...). E acho que o local em si está bem conservado, não tem assim lixo espalhado (...).
(Cátia, 23 anos)

*I don't think it has a lot of graffitis.*⁸
(Danielle, 22 anos)

8. Tradução livre da autora: 'Eu não acho que tenha assim tantos graffitis.'

Eu acho que está bem conservado e é tratado (...).
(Emília, 22 anos)

Para além destes exemplos positivos, a participante Alda também falou sobre as melhorias que as obras realizadas no espaço ajudaram neste assunto:

Desde que tiveram obras (...) o parque está muito melhor, muito mais bonito, tem outra cor.
(Alda, 23 anos)

O segundo grupo, sendo este o Neutro, trata da possibilidade de o espaço ter manutenção para manter um bom estado de conservação – *Aquilo há-de ter mais alguma manutenção.* (Glória, 23 anos) O terceiro grupo, que é o Negativo, são observações negativas de vários fatores que as participantes repararam nos espaços, como a falta de cuidado:

É mau (...). Aquilo é uma zona residencial, só que tem aquele anfiteatro que dá a sensação que vai parar a algum lado, mas na verdade não tens nada. Ali à volta tens uns prédios em construção e depois tens umas entradas para a Serra de Canelas, só que na verdade aquilo parece uma cena meia..., parecia ter a intenção de ser um espaço público, mas que não é bem um espaço público. Até porque, aquilo tem umas escadarias, mas as escadarias não vão dar a lado nenhum (...).
(Filipa, 25 anos)

O sítio estava assim com a erva alta e nota-se que, ou seja, como há lá sempre o Marés Vivas e assim, aquilo há-de ter mais alguma manutenção, mas como agora, com a pandemia não houve espetáculos e se calhar não passa lá tanta gente, eles desleixaram-se um bocado (...).
(Glória, 23 anos)

Social

O sub-subtema Social relata a frequência dos espaços dos Outros Utilizadores, no momento da realização da sonda cultural das participantes e também as atividades que estes estavam a realizar ou podiam e eventos que os espaços tinham. Estes aspetos estão divididos em dois grupos, o Dia e a Noite.

No grupo Outros Utilizadores, no conjunto Dia, temos duas divisões bastantes explícitas que são a pouca frequência de outras pessoas no espaço e muita frequência, ao qual a participante Bruna descreveu como um aspeto negativo – *Aquilo tinha muita gente, mas tinha espaço para estares tu sozinha. (...). A quantidade de pessoas faz-me impressão, ainda por cima agora com o Covid (...), mas mesmo antes do Covid, sempre me fez impressão (...).* (Bruna, 23 anos) Os restantes relatos sobre a frequência dos outros utilizadores não foram descritos como aspetos positivos ou negativos.

Para além destas duas grandes divisões, outras participantes descreveram estes como aspetos negativos sobre os outros utilizadores:

(...) mas não gosto dos velhotes, não gosto da maneira como eles ficam a olhar, prefiro ficar mais longe (...).

(Emília, 22 anos)

(...) a questão dos velhinhos é sempre aquela coisa, ficam a olhar, mandam aqueles bitaites (...).

(Emília, 22 anos)

No conjunto Noite, temos uma divisão bastante evidente que descreve a pouca frequência de outros utilizadores no espaço relatado por sete participantes, apenas uma destas vê isso como um aspeto positivo – *Não vi grande afluência de pessoas (...), é positivo no meu ponto de vista.* (Juliana, 23 anos). As outras seis participantes não definiram como um aspeto positivo ou negativo. Apenas uma participante referiu que o local que visitou tinha uma grande afluência – *O parque está cheio de gente à noite (...).* (Alda, 23 anos) Outra participante falou sobre o espaço ser frequentado por sem-abrigo de noite – *(...) havia pessoas sem-abrigo lá deitadas à noite (...).* (Helena, 23 anos)

Duas participantes apresentaram dois aspetos negativos sobre os utilizadores que frequentam o local:

De noite eu sinto mais, mas é as pessoas que estão lá. Os jovens que vão para lá fumar ocupam o espaço das pessoas que querem estar lá sentadas (...). Às vezes o parque à noite parece que fica outro parque (...).

(Alda, 23 anos)

*(...) sometimes the people, they are fighting (...). I was there with a lot of fights and they were drunk (...).*⁹

(Danielle, 22 anos)

No grupo Eventos e Atividades, também temos o conjunto Dia. Neste grupo foram apresentados bastantes exemplos de atividades de outros utilizadores no espaço:

O pessoal até costuma ir lá passear os cães, passear os miúdos e andar de bicicleta (...).

(Filipa, 25 anos)

9. Tradução livre da autora: '(...) às vezes as pessoas estão a lutar (...). Eu estava lá com muita luta e eles estavam bêbados (...).'

*It's always crowded, not in a negative way (...), parents with kids playing with bicycles, guys with skateboards and people walking the dogs.*¹⁰

(Ingrid, 23 anos)

Para além das participantes descreverem algumas atividades dos outros utilizadores, também apresentaram outros espaços à volta, como cafés e lojas.

Apenas a participante Filipa relatou a falta de atividades e eventos para se realizar de dia – *Por não ter muita coisa à volta.* (Filipa, 25 anos)

No conjunto Noite, as observações das participantes foram bastante poucas, isto porque pode estar relacionado com a pouca frequência de pessoas na maioria dos espaços aqui mencionados. A participante Filipa tem a mesma observação do conjunto Dia. Uma das participantes fala sobre o festival Marés Vivas a que frequenta no local, isto antes da pandemia – *Quando vou é à noite, é quando vou ao Marés Vivas (...).* (Glória, 23 anos). A participante Bruna fala sobre o evento de espetáculo de luzes que acontece nas fontes no Senhor da Pedra, que para si é algo positivo – *Ver o "show" das fontes (...).* (Bruna, 23 anos)

4.2.3.2. Utilidade

Este sub-subtema descreve as utilidades observadas pelas participantes, ou seja, o Tipo de Espaço e os Acessos. Estes dados foram recolhidos principalmente através da entrevista.

Tipo de Espaço

O Tipo de Espaço refere-se à tipologia que as participantes classificaram o espaço, ou seja, se está localizado numa zona residencial, urbana ou industrial, se é um espaço interior ou exterior, em que zona da cidade está localizado, entre outros. Isto ajuda a entender as características de cada espaço.

Aquilo é uma zona residencial (...).

(Filipa, 25 anos)

(...) acho que é pouco conhecido (...).

(Helena, 23 anos)

Por ser assim arejado, senti que era amplo (...).

(Helena, 23 anos)

*Because it was centered in the city, (...) Also because it's the city hall.*¹¹

(Ingrid, 23 anos)

10. Tradução livre da autora: 'Está sempre cheio, não de forma negativa (...), pais com crianças a andar de bicicleta, rapazes com skates e pessoas a passear os cães.'

11. Tradução livre da autora: '(...) estava centrado na cidade. (...) E também porque é a câmara municipal.'

Acessos

O sub-subtema Acessos explica, através das experiências das participantes, os acessos de transportes, sejam estes públicos ou privados. Os Acessos estão divididos em dois grupos: Positivo e Negativo. O grupo Positivo é apenas sobre os bons acessos de transportes, principalmente públicos, que o espaço Jardim do Centro Cívico de Gaia tem:

É um jardim que fica mesmo à beira do metro, tem bons acessos (...).
(Helena, 23 anos)

*(...) people walking because there is the metro (...).*¹²
(Ingrid, 23 anos)

*The location has I said it's still good centered and well connected (...).*¹³
(Ingrid, 23 anos)

Próximo da estação do metro (...).
(Juliana, 23 anos)

Para a participante Ingrid estes aspetos que observou são positivos na sua experiência.

O grupo Negativo é bastante maior que o grupo anterior. Visto que apenas duas participantes, Alda e Danielle, não descreveram algo sobre os acessos dos espaços que visitaram. As restantes cinco participantes observaram vários aspetos negativos sobre os locais. Para algumas participantes, o carro é a única solução para se deslocarem para os espaços e uma participante até deixaria de ir para o local, se não tivesse carro:

De minha casa até lá é a forma mais fácil, se calhar a única maneira (...).
(Cátia, 23 anos)

Não há transportes para lá.
(Filipa, 25 anos)

Se calhar, se não tivesse carro não ia para aquele sítio.
(Filipa, 25 anos)

Outras participantes descrevem a situação sobre os transportes públicos como difícil ou até mesmo um problema:

É um dos problemas onde moro, mais específico, que não há muitos transportes (...).
Só há um autocarro (...).
(Bruna, 23 anos)

Nunca vou para lá. Eu sou da Madalena e aquilo ainda é longe e eu não conduzo. E depois também nos transportes tenho de estar a trocar de autocarros para ir para lá (...).
(Glória, 23 anos)

Neste grupo o que se constatou foi que os problemas dos transportes públicos agravam quando é noite:

É pelos mesmos motivos [falta de transportes perto de sua casa] (...) ainda mais agravado fica de noite os transportes (...).
(Bruna, 23 anos)

(...) à noite não temos tanta opção de transportes (...).
(Cátia, 23 anos)

Fui no mesmo transporte [carro]. Pelos mesmos motivos [falta de transportes], ainda por cima à noite reforçou (...).
(Filipa, 25 anos)

É difícil ir para lá de transportes (...).
(Glória, 23 anos)

A adicionar a este problema, outro que algumas participantes falam é a falta de segurança na utilização dos transportes ou o caminho que precisam percorrer dos transportes até ao local:

Estou a pensar de onde é que vem a paragem de comboio, (...) ainda é um bocado... Do comboio, se eu fosse por aí [trajeto do comboio até ao local] (...) tem um trajeto um bocado tribulado (...).
(Bruna, 23 anos)

Adicionando aos aspetos negativos, a participante Emília também relatou a falta de acessos de estacionamento no local – *Eu acho que aquilo devia ter mais acessos (...).* (Emília, 22 anos)

12. Tradução livre da autora: '(...) gente a andar porque tem metro (...).'

13. Tradução livre da autora: 'A localização, como já disse, está bem centrada e bem conectada (...).'

4.2.3.3. Melhorias

O sub-subtema Melhorias são fatores que foram constatados pelas participantes, que necessitam de uma mudança positiva no espaço para melhorar as experiências. Estes fatores foram questionados através da entrevista. Neste sub-subtema, temos outros temas adjacentes ao mesmo, sendo estes a Disposição do Espaço, Equipamentos, Segurança e Outros.

Disposição de Espaço

A Disposição do Espaço foi apenas mencionado por uma participante, a Helena. De acordo com esta participante, as pequenas mudanças que sugeriu teriam grande impacto na sua experiência. O grande problema que sentiu foi que a disposição não a permitia visibilidade após curvas e outros elementos:

(...) se calhar os arbustos podiam ser podados para que fosse possível ter mais visibilidade, se calhar o caminho podia ser um bocadinho mais elevado. Aquelas contracurvas também tinham pouca visibilidade.
(Helena, 23 anos)

Equipamentos

O grupo Equipamentos está dividido em três conjuntos: Iluminação, Reciclagem e Lixo e Outros. Uma observação que se fez foi que o conjunto da Iluminação teve mais opiniões de melhoria que os restantes. Este grupo relata zonas dos espaços ou até mesmo todo o espaço que precisam de mais luz ou reforço de luz:

Mais iluminação nas zonas laterais (...) Na zona de estacionamento mais iluminação (...).
(Bruna, 23 anos)

Acho que melhorias pode haver sempre, por exemplo a iluminação no local não é assim tão boa quanto isso (...).
(Cátia, 23 anos)

Aquela questão da luz, alguma coisa que melhorasse ali o espaço para atrair mais pessoas (...), até no parque infantil não tem luz (...).
(Emília, 22 anos)

Iluminação. Tipo é das coisas que eu à noite estou sempre... Eu reclamo tanto com essas coisas (...). É que isso já é uma segurança brutal (...).
(Filipa, 25 anos)

Acho que o jardim podia ter melhor iluminação (...).
(Helena, 23 anos)

Eu acho que pensando para ter uma melhor experiência, eu acho que é reforçar os níveis de luz daqueles candeeiros, muitas vezes há falhas, mesmo na própria Avenida (...).
(Juliana, 23 anos)

No conjunto de Reciclagem e Lixo, as participantes expõem a falta de caixotes de lixo, seja este reciclado ou comum, até mesmo para os dejetos animais - *Podia ter mais cestos de reciclagem (...). As pessoas vão lá passear os animais, então também acho que devia ter um para dejetos ou mesmo saquinhos (...).* (Alda, 23 anos)

No conjunto Outros, estes são outras melhorias de equipamentos para algumas das participantes, como melhorar as condições da casa-de-banho (Bruna, 23 anos), colocar corrimões mais altos para segurança e mudar o pavimento para não escorregar (Danielle, 22 anos) e colocar mais mesas de merendas (Emília, 22 anos).

Segurança

Neste grupo Segurança, as opiniões das participantes sobre o que podiam melhorar era a contratação de mais seguranças para os locais, mais iluminação, como foi referido anteriormente, e também passagem de polícia no local:

Se calhar, por exemplo, sempre que estive lá nunca vi passar uma única vez uma patrulha da polícia a passar por lá (...).
(Cátia, 23 anos)

*In the morning I think it's not a problema but in the night (...) a little bit more security (...).*¹⁴
(Danielle, 22 anos)

Outros

Neste grupo adjacente, algumas participantes falaram em criar certos espaços, como por exemplo para os animais, porque é uma necessidade, e bares na área, de maneira a dar frequência de pessoas no espaço:

(...) ter um espacinho para os cães (...).
(Alda, 23 anos)

*Maybe to promote some events or also in that area, in that street (...), maybe like a place like a bar (...), a pub (...) to stay open during the night.*¹⁵
(Ingrid, 23 anos)

14. Tradução livre da autora: 'De manhã acho que não é problema, mas de noite (...) um pouco mais de segurança (...).'

15. Tradução livre da autora: 'Talvez para promover algum evento ou também naquela área, naquela rua (...), talvez como um local como um bar (...), um pub (...) para ficar aberto durante a noite.'

4.2.4. Tarefa

O subtema Tarefa alude sobre a sonda cultural, mais tarde explorada na entrevista. Aqui pode-se observar a **Regularidade** das participantes nos vários espaços de lazer, que está dividido em três grupos – **Conveniência, Rotina e Lazer**. Para além da regularidade, também é mencionado o Auto Registo, através dos temas **Durante o Dia** e **Durante a Noite**. Nestes dois sub-subtemas temos seis grupos – **Fotos do Auto Registo, Segurança, Deslocação, Motivo, Emoções e Sentimentos e Preocupações**. Isto refere à experiência de cada participante no momento do Auto Registo.

4.2.4.1. Regularidade

Como já foi constatado no parágrafo anterior, este sub-subtema está dividido em três grupos, sendo estes Conveniência, Rotina e Lazer, devido às diferentes formas que as participantes utilizam o espaço. Estes grupos foram formados após uma questão da entrevista ‘Porque escolheu o local?’.

Conveniência

No grupo de Conveniência, como a palavra significa é algo de interesse ou proveito. Neste grupo temos dois conjuntos, o Próximo de casa e o Perto do trabalho, ou seja, para algumas participantes, o local que escolheram fica perto de casa ou do trabalho:

É próximo de minha casa (...).
(Filipa, 25 anos)

Costumo ir lá para dar umas voltas a pé, para dar um passeio à tarde quando me apetece sair de casa (...).
(Filipa, 25 anos)

Como moro relativamente perto (...).
(Helena, 23 anos)

I choose that one because it was like one, really close to my old house (...).¹⁶
(Ingrid, 23 anos)

O local que eu escolhi fica perto do meu local de trabalho.
(Emília, 22 anos)

16. Tradução livre da autora: ‘Eu escolhi aquele porque era como..., bem perto da minha casa antiga (...).’

Rotina

Neste grupo permitiu compreender a frequência das participantes no local, ou o contrário. Apenas oito participantes relataram sobre a regularidade a que iam aos espaços. Sete participantes vão com frequência ao local que escolheram:

Eu escolhi o parque porque é um local de rotina (...). Normalmente vou sempre passear as minhas cadelas de manhã e à noite.
(Alda, 23 anos)

É um local que mais uso (...).¹⁷
(Cátia, 23 anos)

It was easy, because I was going everyday there (...).
(Danielle, 22 anos)

A Glória diz que não frequenta o local com regularidade– *Calhou. (...) Durante o tinha ido sair com uma amiga minha (...). Ela é que sugeriu a Seca do Bacalhau. Eu quase nunca vou para lá.* (Glória, 23 anos)

Lazer

O grupo Lazer refere sobre a regularidade com o intuito de disfrutar o espaço. Dentro deste grupo temos três conjuntos – Passeio, Eventos e Atividade e Outros – sendo o conjunto do Passeio a maior forma de lazer:

Eu escolhi, neste caso, o Senhor da Pedra (...), sempre foi aquele sítio, desde pequenina que se me apetecesse passear (...) principalmente para comer gelados (...).
(Bruna, 23 anos)

It was the location when I wanted to go walk or stay alone (...).¹⁸
(Danielle, 22 anos)

Entre estas duas participantes, as participantes Filipa, Glória e Juliana também costumam ir aos locais para passear.

17. Tradução livre da autora: ‘Foi fácil, porque eu ia todos os dias lá (...).’

18. Tradução livre da autora: ‘Era o local quando eu queria passear ou ficar sozinha (...).’

No conjunto de Eventos e Atividades foram mencionadas atividades como jantar com amigos – *É um local onde costumo estar com bastante gente também (...). Às vezes, eu gosto de ir para lá jantar (...).* (Emília, 22 anos); *para se encontrar com um amigo - É próximo de minha casa. Eu costumo encontrar-me lá com o Zé.* (Filipa, 25 anos). Ainda neste conjunto, uma das participantes mencionou um evento que costuma comparecer, o festival Marés Vivas (Glória, 23 anos).

O conjunto Outros é formado pela mesma declaração de Danielle, descrita no conjunto de passeio, onde ela afirma que vai ao local para estar sozinha.

4.2.4.2. Durante o dia

Este sub-subtema retrata o Auto Registo realizado durante uma das visitas aos locais, durante o dia. Isto permite comparar com o sub-subtema Durante a Noite, para se perceber as diferenças existentes. Como já foi estabelecido anteriormente, este está dividido em seis grupos que foram estabelecidos a partir da sonda cultural e da entrevista.

Fotos do Auto Registo

O grupo de Fotos do Auto Registo trata sobre o motivo das participantes quando fotografaram as fotografias entregadas no Auto Registo. Maioritariamente, cinco participantes fotografaram com o objetivo de demonstrar o local e a área que o envolve – *Tentei apanhar os prédios e o parque em si para mostrar que é uma área urbana, frequentado por várias pessoas.* (Alda, 23 anos); *Mostrar o ambiente em geral daquele parque.* (Emília, 22 anos) -, outra participante fotografou a pensar no Auto Registo de noite – *Eu tirei algumas a pensar na cena de noite (...). Tem a ver com esta cena da visão. Durante o dia sinto-me completamente na boa lá (...).* (Filipa, 25 anos). Uma participante fotografou para capturar o momento – *Quis captar o que estava a ver no momento (...).* (Cátia, 23 anos) -, por fim a participante Glória fotografou o que lhe chamou à atenção. A Figura 7, Figura 8 e a Figura 9 são exemplos de fotos do Auto Registo da participante Emília.

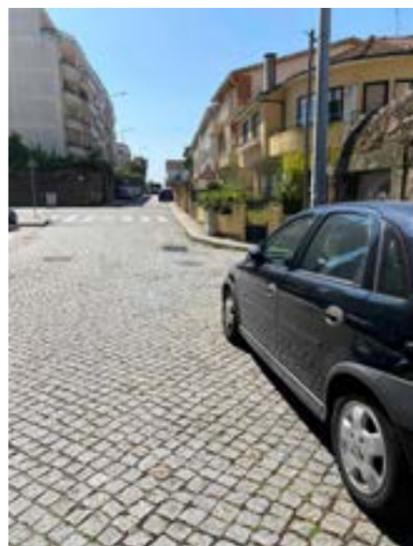


Figura 7. Fotos do Auto Registo da participante Emília (chegada ao local).



Figura 8. Fotos Auto Registo da participante Emília (durante a visita).



Figura 9. Fotos do Auto Registo da participante Emília (saída do local).

Segurança

O grupo Segurança está dividido em cinco grandes conjuntos de dados – Sozinha, Acompanhada, Sensação de Segurança, Local e Problemas.

O conjunto Sozinha também tem outras divisões – Se fosse sozinha e Sentimentos e Emoções.

Este é o maior conjunto no grupo Segurança. Sete participantes estiveram sozinhas no local, sendo que a participante Cátia experienciou o local, tanto sozinha como acompanhada, mais tarde na sua visita.

Na entrevista houve a questão 'Acha que a sua experiência teria sido diferente se tivesse ido sozinha/acompanhada?'. Esta questão era modificada dependendo da condição de cada participante, ou seja, caso tivessem dito que foram acompanhadas, a questão seria sobre se ir sozinha e o contrário para aquelas que disseram que foram sozinhas. As participantes que foram acompanhadas responderam a esta questão, que deu a formação da divisão 'Se fosse sozinha', que teve respostas como as seguintes:

Aliás eu não ia para aquele sítio sozinha, porque lá está (...). Não por ter medo, mas é só porque...(...).

Até parece que não faz muito sentido (...).

(Filipa, 25 anos)

Durante o dia, não há assim tanto stress em estar sozinha (...). Se calhar era mais aborrecido.

(Glória, 23 anos)

A divisão de Sentimentos e Emoções é sobre o momento da experiência. Duas participantes sentiram-se seguras no local – *I was there almost everyday. (...) in the day everything was fine, I was feeling happy, I was feeling safe.*¹⁹ (Danielle, 22 anos); *Eu acho tipo o ambiente e o ar. Pelo facto de ser um sítio aberto e saber que à priori nunca houve qualquer tipo de conflito ou problema. E, portanto, senti-me segura e confiante em passar lá (...).* (Juliana, 23 anos) -, outra participante sentiu-se calma e pacífica:

Prefiro ir sozinha com os meus fones. Fico mais calma e pacífica. (...)
(Alda, 23 anos)

O conjunto Acompanhada relata as experiências que foram realizadas com alguém, nestes casos entre amigos e namorados:

Aproveitei para ir lá que tinha combinado estar com esse meu amigo (...).
(Filipa, 25 anos)

Vim com o meu namorado e estamos a conversar num banco de jardim.
(Helena, 23 anos)

A participante Glória descreveu a companhia como um aspeto positivo na sua experiência – *A companhia (...).* (Glória, 23 anos)

O conjunto sobre o Local são afirmações que as diferentes características dos espaços ajudaram as participantes a sentirem-se mais seguras ou pela familiaridade da área:

Estou na minha zona e toda a gente me conhece e nunca nada me aconteceu (...).
(Alda, 23 anos)

É um espaço confortável, consigo ter perceção do que me rodeia e estava acompanhada (...).
(Filipa, 25 anos)

Acho que foi um mix das duas, foi aquilo do facto de ser um bom dia, (...) mas o local também ajudou com que eu me sentisse mais segura, pelo menos durante o dia.
(Helena, 23 anos)

Senti que estava no local onde não me causava constrangimento.
(Helena, 23 anos)

O conjunto Sensação de Segurança refere sobre diferentes mecanismos utilizados pelas participantes, para se sentirem mais seguras. A participante Alda fala sobre as cadelas e como elas afastam desconhecidos que tentam conversar com ela.

No conjunto Problemas estão estipuladas situações consideradas problemas para as participantes. Aqui encontrou-se dois problemas bastante diferentes um do outro, um sendo sobre os utilizadores e outro sobre o espaço:

Sentei-me num banquinho (...), mas não gosto dos velhotes. Não gosto da maneira como eles ficam a olhar, prefiro ficar mais longe.
(Emília, 22 anos)

A experiência não teria sido tão boa, porque apesar de tudo é um sítio que tem pouca visibilidade.
(Helena, 23 anos)

Deslocação

A Deslocação está dividida em dois conjuntos – Foi a pé e Foi de carro. Este tema serviu para entender como é que as participantes se deslocaram e o porquê de terem escolhido estes transportes. Quatro das dez participantes deslocaram-se a pé, três pelo prazer de passear ou fazer uma caminhada, como podemos ver na seguinte declaração:

Desloquei-me sozinha té à Câmara, com o intuito de fazer uma caminhada (...).
(Juliana, 23 anos)

A quarta participante afirma que ir a pé é mais prático – *É muito mais prático ir a pé. Andar a pé uma pessoa disfruta. O caminho é diferente e a experiência também é diferente.* (Alda, 23 anos)

Seis das dez participantes dirigiram-se de carro, por vários motivos como não terem transportes ao pé de casa ou o próprio local não ter transportes, ou porque é mais fácil ir de carro:

É um dos problemas onde moro, mais específico, que não há muitos transportes (...).
Só há um autocarro (...).
(Bruna, 23 anos)

De minha casa até lá é a forma mais fácil, se calhar a única maneira (...).
(Cátia, 23 anos)

Não há transportes para lá.
(Filipa, 25 anos)

19. Tradução livre da autora: 'Eu estava lá quase todos os dias. (...) durante o dia estava tudo bem, eu sentia-me feliz, sentia-me segura.'

Motivo

Neste tema entende-se o Motivo pelo qual as participantes foram ao espaço, se foi só para realizar o Auto Registo e a tarefa que lhes foi pedido ou se tem outras razões. Este tem quatro conjuntos – Gosto, Auto Registo, Atividades e Local. O conjunto Local é o maior de todos estes.

O conjunto Gosto refere algo que é preferência pessoal das participantes – *I really like to see this view.*²⁰ (Danielle, 22 anos); *Mas gosto da cena de aquilo ter a Serra à volta (...).* (Filipa, 25 anos)

O conjunto Auto Registo, o motivo foi apenas para realizar as tarefas pedidas através da sonda cultural – *Fui também por causa do Auto Registo (...). Foi juntar o útil ao agradável.* (Glória, 23 anos). A participante Ingrid quando lhe foi questionado ‘Foi de propósito concretizar o Auto Registo?’ respondeu que sim.

O conjunto Atividades refere atividades que as participantes foram lá realizar, como passear ou caminhar, no caso das participantes Helena e Juliana. Já a participante Bruna foi lá para comer e para tirar fotografias – *Durante o dia fui comer um gelado (...); Quando eu vou sair para qualquer lado, neste caso lazer, espaços grandes com várias coisas para ver, eu gosto de tirar fotografias (...).* (Bruna, 23 anos)

O conjunto Local deve-se a vários aspetos para as participantes, como para relaxar e descontraír, por ser um espaço calmo e confortável, por ser perto e plano:

De dia eu fui lá sozinha inicialmente. Pronto, para espairecer e assim (...).
(Cátia, 23 anos)

Acho que... Aquele dia era dia da semana, não veio assi tanta gente. E acho que à semana é mais calmo e dá para descontraír um bocadinho (...).
(Cátia, 23 anos)

Fui lá relaxar um bocadinho.
(Emília, 22 anos)

É um espaço confortável (...).
(Filipa, 25 anos)

Como moro relativamente perto e aquilo é plano.
(Helena, 23 anos)

20. Tradução livre da autora: ‘Eu realmente gosto de ver esta vista.’

Emoções e Sentimentos

Este tema deve-se às Emoções e Sentimentos que as participantes tiveram no momento, sobre aspetos do local e outras variantes pessoais. Este foi dividido em três conjuntos – Positivo, Neutro e Negativo.

No conjunto Positivo, emoções e sentimentos como sentir-se segura, relaxada, tranquila e até mesmo confiante esteve relacionado com o local:

Sinto-me completamente na boa lá (...).
(Filipa, 25 anos)

*I was there almost everyday. (...) in the day everything was fine, I was feeling happy, I was feeling safe.*²¹
(Danielle, 22 anos)

Tal como eu disse, eu gosto muito de estar na praia, porque acho que é uma zona relaxante (...).
(Glória, 23 anos)

Eu acho tipo o ambiente e o ar. Pelo facto de ser um sítio aberto e saber que à priori nunca houve qualquer tipo de conflito ou problema. E, portanto, senti-me segura e confiante em passar lá (...).
(Juliana, 23 anos)

A participante Bruna sentiu-se bem no local por conseguir estar sozinha, apesar de estar muita gente e não gostar de multidões.

O conjunto Neutro descreve a situação da participante Filipa. A participante não iria para o local sozinha, porque não faz sentido para ela - *Aliás eu não ia para aquele sítio sozinha, porque lá está (...). Não por ter medo, mas é só porque...(...). Até parece que não faz muito sentido (...).* (Filipa, 25 anos)

O conjunto Negativo fala de aspetos pessoais das participantes juntamente com aspetos do local, apresentados respetivamente:

Eu começo já a tentar lembrar tudo o que tenho de fazer e isso. (...)
Fico com um bocado de ânsia e stress.
(Alda, 23 anos)

Durante o dia, não há assim tanto stress em estar sozinha (...), se calhar se fosse à noite já não me sentia tão confortável (...).
(Glória, 23 anos)

21. Tradução livre da autora: ‘Eu estava lá quase todos os dias. (...) durante o dia estava tudo bem, eu sentia-me feliz, sentia-me segura.’

Preocupações

As Preocupações referem a preferências pessoais das participantes, que no momento do Auto Registo tornaram-se preocupações:

Senti preocupação pela quantidade de pessoas à minha volta (...).
(Bruna, 23 anos)

Eu evito ir para esses sítios (...). Eu evito ir para sítios onde tem mais confusão (...).
(Glória, 23 anos)

4.2.4.3. Durante a noite

Igual ao sub-subtema anterior, este retrata a última visita aos locais, mas neste caso durante a noite. O tema Durante a Noite também está dividido em seis grupos, como já foi estabelecido anteriormente. Isto foi realizado através da sonda cultural e da entrevista.

Fotos do Auto Registo

Tal como o grupo de Fotos do Auto Registo anterior, este também trata sobre os objetivos das participantes quando fotografaram as fotografias entregadas no Auto Registo. Na maioria das participantes que falaram sobre as fotos do Auto Registo, quatro participantes tentaram replicar as fotos do dia – *Eu tentei captar o mesmo seguimento (...), quis transmitir o mesmo que eu tinha feito de manhã (...)* (Alda, 23 anos) -, uma participante tirou fotografias a coisas básicas do local e outra participante tentou ângulos diferentes das fotografias anteriores – *Quis tirar um ângulo diferente ao que tirei de manhã, para mostrar também outra perspetiva do parque.* (Emília, 22 anos). A Figura 10, a Figura 11, a Figura 12 e a Figura 13 são exemplos de fotos do Auto Registo da participante Alda.



Figura 10. Fotos do Auto Registo da participante Alda (chegada ao local).

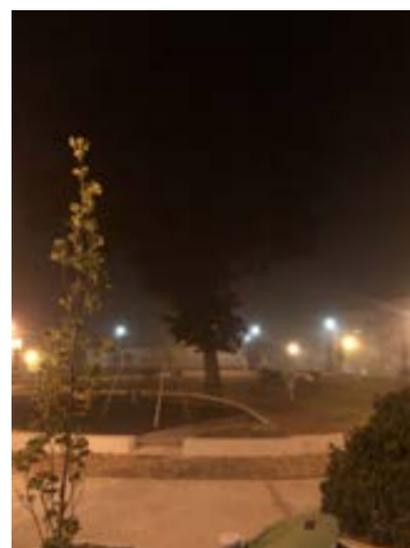


Figura 11. Fotos do Auto Registo da participante Alda (durante a visita).



Figura 12. Fotos do Auto Registo da participante Alda (durante a visita).



Figura 13. Fotos do Auto Registo da participante Alda (saída do local).

Segurança

Este grupo Segurança também está dividido em quatro conjuntos principais de dados – Por ser noite, Outros Utilizadores, Sensação de Segurança e Acompanhada. O último conjunto tem três divisões, sendo estas Sentimentos e Emoções, Problemas e Se fosse sozinha.

O conjunto Por ser noite refere a várias opiniões sobre o momento ser noite e oito participantes não se sentiram bem por este simples facto. Algumas destas participantes sentem-se nervosas, com medo e não completamente seguras:

Há sempre aquele nervosismo de sair à noite para qualquer sítio que tu vás (...).
(Bruna, 23 anos)

Yes, but this is because I had a another experience somedays before and I was really scared to go alone (...).²²
(Danielle, 22 anos)

During the night it was not the best in my opinion because it were nobody and I didn't feel totally safe, like 100% safe and not like, to like chill on the bench and stay there and wait half a hour for my friends.²³
(Ingrid, 23 anos)

Pelo simples facto de ser noite e nunca se sabe quem é que pode sair dum canto e nos atacar.
(Juliana, 23 anos)

22. Tradução livre da autora: 'Sim, mas isso é porque eu tive outra experiência uns dias antes e estava com muito medo de ir sozinha (...).'

23. Tradução livre da autora: 'Durante a noite não foi dos melhores na minha opinião, porque não estava ninguém e eu não me sentia totalmente segura, tipo 100% segura, não para relaxar no banco e ficar lá e esperar meia hora pelos meus amigos.'

Outras participantes tem a opinião de que os espaços que visitaram não são convidativos ou apelativos durante a noite – *À noite não é apelativo ir lá.* (Emília, 22 anos); *Não é propriamente convidativo.* (Filipa, 25 anos)

A participante Glória afirma que durante a noite não sai sozinha.

O conjunto Outros Utilizadores explica como os outros utilizadores usam o espaço ou a quantidade de pessoas na altura. Quando as participantes falaram sobre os outros utilizadores foram comentários negativos:

De noite eu sinto mais, mas é as pessoas que estão lá. Os jovens que vão para lá fumar ocupam o espaço das pessoas que querem estar lá sentadas (...).
Às vezes o parque à noite parece que fica outro parque (...).
(Alda, 23 anos)

*(...) sometimes the people, they are fighting (...). I was there with a lot of fights and they were drunk (...).*²⁴
(Danielle, 22 anos)

O conjunto Sensação de Segurança, neste subtema Durante a Noite, tem dois tipos de sensações. A primeira deve-se a ter alguém como um segurança ou polícia:

Não vi ninguém, algum tipo de segurança, (...) não há nenhum segurança ali na zona (...).
(Bruna, 23 anos)

*And also the police, because (...) in the night the police was not there (...).*²⁵
(Danielle, 22 anos)

Devido a experiências anteriores, a Sensação de Segurança da participante Danielle não era positiva - *Yes, but this is because I had a another experience somedays before and I was really scared to go alone (...).*²⁶ (Danielle, 22 anos)

O conjunto Acompanhada relata bastantes discursos positivos sobre as participantes estarem acompanhadas, neste caso quatro participantes. Abaixo está exemplificada uma resposta:

É assim eu gosto daquele tipo de espaços. Eu gosto daqueles espaços, porque estou acompanhada e sinto-me segura.
(Filipa, 25 anos)

24. Tradução livre da autora: '(...) às vezes as pessoas estão a lutar(...)'. Eu estava lá com muita luta e eles estavam bêbados (...).'

25. Tradução livre da autora: 'E também a polícia, porque (...) à noite a polícia não estava lá (...).'

26. Tradução livre da autora: 'Sim, mas isso é porque eu tive outra experiência uns dias antes e estava com muito medo de ir sozinha (...).'

Para uma participante, estar acompanhada pelos familiares oferece-lhe segurança – *Se tiveres acompanhada com pessoas que são claramente os teus pais ou claramente família também te traz alguma proteção.* (Glória, 23 anos). Já a participante Helena tem a opinião de que estar acompanhada não lhe garante segurança – *Mesmo o facto de estar acompanhada não é garantia de segurança.* (Helena, 23 anos)

A participante Alda afirma que as cadelas dela afastam desconhecidos.

A partir do conjunto Acompanhada temos três divisões – Se fosse sozinha, Problemas e Emoções e Sentimentos. A divisão Se fosse sozinha está relacionada com a resposta das participantes a uma pergunta da entrevista, como já foi mencionado anteriormente. Nesta divisão pode-se perceber que a maioria das participantes não iriam para lá sozinhas ou não se sentiriam confortáveis para ir lá sozinhas. Para além disto, muitas falam do receio de estarem sozinhas, porque não iriam sentir-se seguras e provavelmente não iriam fazer o mesmo:

Acho que ia ser um bocado... O parque está cheio de gente à noite, então (...)
as pessoas estão sempre acompanhadas e estar lá sozinha...(...).
(Alda, 23 anos)

Se eu tivesse à noite sozinha, eu teria outra segurança completamente diferente (...), se calhar se eu tivesse um amigo meu teria outra segurança completamente diferente do que em comparação neste caso com a minha irmã (...).
(Bruna, 23 anos)

Nesse dia acho que se fosse era diferente, não fazia a mesma coisa. Fazia só metade, se calhar.
(Cátia, 23 anos)

*I was really scared to go alone (...). Because I had that experience that I told you before and it was bad. I had this in my mind, everytime I was passing in the night I was afraid (...).*²⁷
(Danielle, 22 anos)

Fui acompanhada. (...) sim, se calhar não passava lá tanto tempo (...).
(Emília, 22 anos)

Não ia para lá sozinha de todo.
(Filipa, 25 anos)

27. Tradução livre da autora: 'Tive muito medo de ir sozinha (...). Porque eu tive aquela experiência que te contei antes e foi mau. Eu tinha isso na cabeça, sempre que passava à noite eu ficava com medo (...).'

A divisão Problemas está relacionado com aspetos do local e aspetos dos transportes. Os aspetos do local vão desde a pouca visibilidade, os caminhos não estarem bem presentes, falta de luminosidade, fatores como os arbustos não estarem cortados de maneira a aumentar a visibilidade, o desenho das curvas nos passeios diminui a visibilidade. O aspeto dos transportes é apenas sobre a distância do comboio até ao local, que pode ter problemas de segurança no caminho. Para além destes aspetos, a participante Ingrid afirmou que se estivesse sozinha e algo acontecesse, que ninguém iria ver – *Because the only thing was that I was like there alone, if something happen nobody can see.*²⁸ (Ingrid, 23 anos)

A divisão de Sentimentos e Emoções está relacionado com todos os outros fatores da experiência, ou seja, as emoções e sentimentos que cada participante teve, estão relacionados com a companhia, o local e outros aspetos como os transportes e outros utilizadores:

Acho que à noite uma pessoa fica sempre mais relaxada (...).
(Alda, 23 anos)

Isso tem mais a ver com a situação de sair de noite. Porque o local em si, até é um local bastante seguro com a iluminação (...).
(Bruna, 23 anos)

Em termos do local mesmo, acho que não... Mesmo à noite, por exemplo podemos sentir inseguras noutra tipo de sítio, mas ali acho que nunca me senti assim (...).
(Cátia, 23 anos)

Fiquei descontraída, fiquei animada. Estive à conversa (...).
(Emília, 22 anos)

Deslocação

A Deslocação está dividida em três conjuntos – Foi a pé, Foi de carro e Foi de transportes públicos. Este tema serviu para entender como é que as participantes se deslocaram e o porquê de terem escolhido estes transportes.

O conjunto Foi a pé é constituído por três participantes que se deslocaram a pé, a Alda, a Danielle e a Helena:

Aí já fui de propósito, mas foi um bom passeio. Nós fomos lá outra vez à noite e (...) também fomos a pé (...).
(Helena, 23 anos)

O conjunto Foi de carro refere a três outras participantes, neste caso a Bruna, a Cátia e a Filipa. Estas participantes decidiram ir de carro pela falta de opções de transportes públicos:

É exatamente pelos mesmos motivos [ir de carro, os mesmos motivos de dia] ainda mais agravado fica de noite os transportes (...).
(Bruna, 23 anos)

O conjunto de Foi de transportes públicos é constituído apenas por uma pessoa, a participante Ingrid.

Motivo

Neste tema entende-se o Motivo como no subtema anterior. Este sub-subtema tem três conjuntos – Encontros, Atividades e Auto Registo.

O conjunto Encontros é sobre a companhia das participantes, que variou entre familiares, amigos e namorados:

De noite foi só um passeio geral com a minha irmã (...).
(Bruna, 23 anos)

*I was with Joanne (...).*²⁹
(Danielle, 22 anos)

Depois de sair do trabalho, como tenho direito a comida, fui com o meu namorado comer nas mesas (...).
(Emília, 22 anos)

O conjunto Atividades retrata as atividades realizadas por quatro participantes, variam entre caminhadas ou passeios, estar a conversar e passear as cadelas – *De noite vou-me passear a mim, aproveito e levo as cadelas para fazerem companhia.* (Alda, 23 anos)

No conjunto Auto Registo, temos seis participantes que foram ao local de propósito para realizar o Auto Registo para esta investigação – Helena, Danielle, Ingrid, Glória, Bruna e Juliana.

28. Tradução livre da autora: 'Porque a única coisa era que eu estava lá sozinha, se fosse para acontecer alguma coisa ninguém te iria ver.'

29. Tradução livre da autora: 'Eu estava lá com a Joanne (...).'

Emoções e Sentimentos

Este tema deve-se às Emoções e Sentimentos que as participantes tiveram no momento, sobre aspetos do local e outras variantes pessoais, como já foi mencionado anteriormente. Este foi dividido em dois conjuntos – Positivo e Negativo.

O conjunto Positivo, as emoções e sentimentos estão relacionados com as companhias das participantes, apenas uma outra participante se sente bem por ser o final do dia:

Fiquei descontraída, fiquei animada. Estive à conversa (...).
(Emilia, 22 anos)

Por não ter ninguém, por estar sozinha, por ser noite, por estar a ouvir música e por já ser o final do dia em que já fiz tudo o que tinha de fazer ao longo do dia, parece que a minha mente fica um bocadinho menos desacelerada (...).
(Alda, 23 anos)

O conjunto Negativo é um conjunto grande de sentimentos e emoções de várias participantes. Estes sentimentos e emoções estão relacionados com toda a experiência, muitos estão relacionados com o local - as suas características e outros utilizadores -, com experiências anteriores e pelo momento ser noite, pela negativa:

*Acho que ia ser um bocado... O parque está cheio de gente à noite, então (...)
as pessoas estão sempre acompanhadas e estar lá sozinha...(...).*
(Alda, 23 anos)

*I was really scared to go alone (...). Because I had that experience that I told you before and it was bad. I had this in my mind, everytime I was passing in the night I was afraid (...).*³⁰
(Danielle, 22 anos)

*Eu sabia que aquilo, a sensação de conforto e as minhas emoções em relação ao espaço iam ser completamente diferentes de dia e de noite, por causa da visibilidade do espaço. Mesmo as outras pessoas não vêem muito à noite (...).
Não vêem raparigas lá sozinhas de todo, porque aquilo é um espaço muito escuro (...).*
(Filipa, 25 anos)

Pelo simples facto de ser noite e nunca se sabe quem é que pode sair dum canto e nos atacar.
(Juliana, 23 anos)

30. Tradução livre da autora: 'Tive muito medo de ir sozinha (...). Porque eu tive aquela experiência que te contei antes e foi mau. Eu tinha isso na cabeça, sempre que passava à noite eu ficava com medo (...).'

Preocupações

O sub-subtema Preocupações revela várias inquietações, que neste caso foi sempre sobre o local, devido às características e aos outros utilizadores:

*(...) sometimes the people, they are fighting (...). I was there with a lot of fights and they were drunk (...).*³¹
(Danielle, 22 anos)

Vais só fazer um trajeto de um café para o transporte público ou para o teu carro e ficas super atenta (...).
(Filipa, 25 anos)

*Because the only thing was that I was like there alone, if something happened nobody can see.*³²
(Ingrid, 23 anos)

4.3. Discussão

Nesta secção do capítulo, a experiência nos espaços de lazer de Vila Nova de Gaia foi exposta para se compreender melhor, isto através das participantes. Com a pesquisa realizada, consegue-se perceber que esta investigação é pioneira no estudo de mulheres jovens portuguesas e as suas experiências em espaços de lazer, o que adiciona contributos à literatura existente. Na subsecção 4.3.1 compara-se os resultados obtidos com a literatura estudada, para perceber que relação existe entre os dois. Na subsecção 4.3.2 é explicado as implicações do design nas experiências referidas e sugerir estratégias de design para melhorar as mesmas. Na subsecção 4.3.3 são apresentadas as reflexões sobre os métodos utilizados em mulheres, com idades entre os 20 e os 30 anos.

4.3.1. Fatores Pessoais, Ambiente e Tarefas

Os Fatores Pessoais foram categorizados para se perceber características pessoais de cada participante. Estes fatores também podem ajudar a compreender melhor o tipo de experiência que cada uma das participantes teve, porque os seus gostos, preferências e outros também têm impacto na experiência que tiveram nos espaços de lazer. Como pressuposto, estes fatores não são comprovados por nenhuma literatura.

O fator Ambiente refere a aspetos físicos do local, o estado de conservação e o social. Os aspetos físicos retrataram sobre aspetos que afetaram tanto positivamente, como negativamente a experiência das participantes no local, de dia e de noite. Maioritariamente os aspetos negativos são referidos, de acordo com as experiências noturnas das participantes, que aumentaram sentimentos de insegurança

31. Tradução livre da autora: '(...) às vezes as pessoas estão a lutar(...)'. Eu estava lá com muita luta e eles estavam bêbados (...).'

32. Tradução livre da autora: 'Porque a única coisa era que eu estava lá sozinha, se fosse para acontecer alguma coisa ninguém te iria ver.'

ou desconforto. Estes aspetos negativos variam entre a disposição do local que diminui a visibilidade, a falta de iluminação, os bancos de jardim desconfortáveis. Caso os designers utilizassem design urbano inclusivo no planeamento de espaços de lazer, haveriam bastantes fatores positivos nas experiências das mulheres, porque aumentariam a sua acessibilidade e habitabilidade (Almahmood et al., 2017). Para isto, é necessário envolver as mulheres nas etapas de desenvolvimento destes espaços, porque ter controlo e oportunidades, permite poder de decisão e escolha tanto nos locais públicos, como nos privados (Fenster, 2005). Para além dos aspetos negativos mencionados, o governo local de Vila Nova de Gaia não fornece casas-de-banho públicas em muitos espaços de lazer, visto que apenas duas participantes referiram este tipo de infraestrutura nos parques. Perez (2019) refere que os governos locais pensam que não fornecer casas-de-banho públicas estão a poupar dinheiro, que é uma decisão baseada numa economia falsa, de acordo com uma pesquisa realizada por Yale, em 2015. Este estudo relaciona crimes sexuais com a quantidade de casas-de-banho e o tempo de deslocação que as mulheres utilizam. O estado de conservação foi descrito nos vários espaços de lazer, como positivo ou negativo. Positivo, porque com obras ajudou a tornar o local mais apelativo. Negativo, porque demonstravam falta de cuidados e falta de acabamentos de obras. Estes aspetos tiveram impactos na experiência durante o Auto Registo.

Durante o dia, a frequência de pessoas, quando era uma afluência muito grande foi considerada como algo negativo por algumas participantes, como também o tipo de interação que tinham com os outros utilizadores do espaço. Durante a noite, a frequência foi contrária à de dia, ou seja, havia pouca afluência de pessoas no espaço, apenas uma participante referiu isto como algo positivo, sendo que as outras não categorizaram este aspeto. Já as interações com os outros utilizadores foi considerada negativa. Segundo a literatura, quando a frequência de pessoas é muito baixa ou muito alta pode ter o sentimento contrário, ou seja, transmitir insegurança ou desconforto. Assim, ambientes que são confortáveis, são aqueles que são multigeracionais e multigéneros (Ro, 2021).

Os espaços de lazer foram visitados pelas participantes devido à área a que se encontravam, à rotina e por serem exteriores. Como já constado nos Resultados, apenas um espaço teve aspetos positivos sobre os seus acessos, todos os outros espaços tinham falta de transportes, ou até mesmo inexistência dos mesmos. Para além destes motivos, algumas participantes revelaram que escolheram ir de carro, porque se sentiam mais seguras. Na palestra TEDxUCL Women da Dra. Ellie Cosgrave (2019) é mencionada a necessidade de melhorar o serviço de transportes público para os seus utilizadores frequentes e novos. Isto tem relação com o que se entende sobre os transportes, principalmente durante a noite, em que existem muitos poucos transportes, principalmente para as zonas balneares e outras zonas que não estão incluídas no centro da cidade. Durante o dia, existe o mesmo problema, mas as participantes não se sentiram inseguras.

Na entrevista, as participantes foram questionadas sobre ‘O que acha que pode ser melhorado?’, em que se obteve bastantes sugestões para os espaços de lazer. As sugestões referiam os equipamentos, como modificar a disposição do espaço, iluminação, reciclagem e lixo e outros – casas-de-banho, alterar o pavimento e acrescentar mesas de merendas. As sugestões sobre a segurança variaram sobre patrulhas de polícia ou seguranças. Como sugestões para aumentar a frequência de pessoas os espaços de lazer, algumas participantes, durante a entrevista, falaram sobre a criação de novas atividades, como

um espaço para os cães, promover eventos e inserir espaços, como bares. Como Ro (2021) argumenta, ter vendedores de rua, pessoas locais no espaço, outros pedestres e donos de loja em espaços exteriores pode aumentar o sentimento de segurança.

O fator Tarefa incluí a regularidade das participantes no local, em que apenas uma das dez participantes não é regular no espaço visitou. Algumas das outras participantes visitaram locais que são próximos das suas casas ou perto do seu emprego, outros motivos foram porque são espaços de rotina. Pode-se afirmar pelo menos nove destas jovens mulheres têm um sentimento de familiaridade. Com as declarações de que estes espaços são próximos de casa ou do trabalho, pode-se relacionar com afirmação de que as mulheres realizam percursos de pequenas distâncias (TU Wien, 2021).

Os motivos das participantes para visitarem o espaço durante o dia ou noite variam pelo gosto do local, tirar fotografias, comer algo, socializar com amigos ou familiares, pela realização das tarefas do Auto Registo ou para passear/caminhar. A partir de Almahmood et al. (2017) é constatado que a atividade de caminhar ou passear traz benefícios de saúde e sociais, que possibilitam relações sociais e urbanas. As características destes espaços de lazer e de infraestruturas são criticadas devido ao planeamento para o utilizador padrão, que desconsidera aspetos culturais, religiosos, de género e classe.

A tarefa realizada no decorrer do dia, sabe-se que sete participantes foram sozinhas, sem demonstrarem qualquer tipo de constrangimentos. As restantes três foram acompanhadas por amigos e namorados. Muitas delas afirmaram que se sentiam seguras, calmas e pacíficas, como também se sentiram bem. Para além destas emoções e sentimentos, também se sentiram confiantes, relaxadas ou tranquilas, ansia e stress devido às preocupações do seu quotidiano. As preocupações basearam-se na multidão de pessoas e na confusão. Por causa da familiaridade do espaço sentiram-se seguras. Mesmo assim, uma das participantes utiliza algo como um mecanismo de defesa, que se baseia em estar acompanhada pelas cadelas, que permite que os desconhecidos se mantenham afastados. Com os relatos das participantes sobre os problemas que encontraram, principalmente durante a noite que afetaram as suas experiências, consegue-se relacionar este pensamento. Esta experiência só pode ser alterada, quando o espaço deixar de ser pensado no padrão masculino universal (Almahmood et al., 2017).

Durante o dia o que se pode compreender é que a sensação de segurança é bastante maior e diferente do que durante a noite, como Carolina Criado Perez (2019) explica, que a constatação de vários investigadores, incluindo Clare Madge afirmam que o medo nos parques públicos é maior durante a noite e explica o desuso dos mesmos, sendo mulher ou homem. A segurança, na tarefa no decorrer da noite, não foi tão positiva, por variados motivos, como por ser noite. Apenas por este motivo, muitas das participantes sentiram-se nervosas, com medo e inseguras. Duas participantes mencionaram que os espaços de lazer que visitaram não são convidativos ou apelativos. Outro motivo negativo que referiram foi os outros utilizadores, que estão nos espaços bêbados ou a fumar. A sensação de segurança foi afetada pela falta de polícia, seguranças e por experiências negativas anteriores. Um aspeto positivo que mencionaram da sua experiência foi por estarem acompanhadas por familiares ou amigos, que mais tarde percebeu-se que esta escolha foi uma tática para se sentirem mais seguras. Com a afirmação da Dra. Ellie Cosgrave (2019), os assédios sexuais e discriminação que as mulheres sofrem, consegue-se perceber que as cidades não são planeadas e desenhadas para elas. A maioria das participantes mencio-

nou que se fossem sozinhas fazer a visita não iriam, porque seria desconfortável, por medo e pela falta de segurança. Os problemas que falaram foram sobre os elementos do espaço foi a falta de visibilidade - como arbustos no caminho, curvas apertadas e falta de luz –, sobre os transportes públicos – falta de segurança do transporte ao local –, estes elementos que sexualizam o conforto. Então, muitas acabam por evitar estes espaços sozinhas, devido ao medo, por falta de conforto, sentimento de exclusão e por ser indesejável (Hudson & Rönnblom, 2008). Outro problema é insegurança dos espaços terem poucas pessoas, onde caso algo acontecesse ninguém iria ver. Como Scraton e Watson (1998) argumentam, estes medos intervêm sobre a experiência e a interpretação de segurança nos espaços de lazer públicos. O uso e o acesso dos espaços, como os passeios das ruas, os transportes públicos e outros estão relacionados, pois estão condicionados por regras e tradições de género. Isto permite, como consequência, que as mulheres tenham um tipo de comportamento, para evitar problemas conflituosos de género (Almahmood et al., 2017). Este motivo pode-se reparar em alguns comportamentos/táticas das participantes mencionados anteriormente, porque transmitem segurança e acabam por evitar os problemas referidos. Isto faz com que as mulheres se afastem destes ambientes (Almahmood et al., 2017), caso se encontrem propícias a estes conflitos, como deixarem de ir para os espaços, como muitas participantes mencionaram caso fossem sozinhas.

4.3.2. Estratégias e implicações do Design

Como se pode ver nos censos realizados em Portugal em 2021 (INE, 2021), Vila Nova de Gaia tem mais mulheres do que homens a viver na cidade, sendo 160.008 e 144.141 respetivamente. Esta afirmação vai ao encontro de Hudson e Rönnblom (2008), que explicam que na Europa Ocidental vivem mais mulheres nas cidades, mesmo que estas tenham sido planeadas e desenhadas de homens para homens. O direito ao próprio corpo é algo fundamental que se deve possibilitar, como cidadania igual para mulheres e homens, isto ajuda a uma democracia funcional. Daí, quando existe uma relação de poder que não é igual para todos os indivíduos tem de ser combatida (Hudson & Rönnblom, 2008). Como forma de exclusão existentes são as definições atuais clássicas de cidadania, isto acaba por ter consequências para as mulheres e vários grupos, como crianças, imigrantes e minorias étnicas e raciais, homossexuais e algumas vezes, os idosos (Fenster, 2005).

Os Resultados que se obtiveram nesta investigação não é algo inesperado. Muitas das situações aqui discutidas, é algo que acontece normalmente no dia-a-dia de muitas mulheres. Pode-se relacionar com o controlo que os homens brancos exercem sobre a vida de outros integrantes da sociedade, como as mulheres e outros (S. Bardzell & Bardzell, 2011).

Através das experiências das participantes deste estudo, sabe-se que as experiências não foram boas, principalmente à noite. Existem muitas melhorias a ser concretizadas nos espaços públicos de lazer. O problema é que estas soluções não conseguem responder em formas clássicas do design, como por exemplo personas. A tomada de decisões sobre os espaços públicos vai influenciar o futuro das próximas gerações e uma equipa diversa de design pode ajudar na inclusão de pessoas na sociedade (Cosgrave & TEDx Talks, 2019). A participação nestas decisões e a relevância de género relaciona-se com as oportunidades/possibilidades para as mulheres e homens (Fenster, 2005). A análise anterior veio a

confirmar que o design pode ter bastantes implicações positivas nas experiências emocionais e físicas de mulheres jovens nos espaços de lazer, como por exemplo os parques públicos. Uma estratégia referida anteriormente é incluir as participantes no processo de design, como por exemplo co-design ou design participativo.

4.3.3. Reflexões sobre o estudo

As dez participantes do estudo realizaram todas as tarefas do Auto Registo, como também compareceram à entrevista, via on-line ou pessoalmente. As respostas da sonda cultural, em alguns casos, não atenderam da melhor forma o que se queria retirar sobre a experiência no espaço de lazer, mas com a entrevista a complementar o método anterior, ajudou bastante.

A entrega do Auto Registo foi um bocado demorada, porque por vezes foi necessária insistência por parte da investigadora para obter os resultados. Na primeira tarefa, onde se pediu por quatro fotografias, de diferentes momentos, algumas participantes não fotografaram 'Ida para o local'. Com a entrevista, conseguiu-se perguntar como se deslocaram, caso não apresentassem esta fotografia. A sonda cultural, apesar de parecer ter poucos dados relevantes para a investigação, foi um bom método, para mais tarde na entrevista conseguir-se explorar as experiências, através das fotografias e dos tópicos/texto que as participantes escreveram.

As grandes vantagens da sonda cultural foi permitir a falta de constrangimentos na concretização das tarefas para as participantes, através das fotografias e da última tarefa, também permitiu a que na entrevista houvesse forma de relembrar os acontecimentos da experiência e fosse mais fácil das participantes falarem sobre o assunto. Então, seguindo a filosofia de Mattelmäki (2005), para maior partido da sonda cultural pode-se complementar com outro método, como a entrevista. Com a pandemia a decorrer, o método das sondas culturais, como a possibilidade de realizar a entrevista on-line foi uma vantagem, porque se consegue recolher os dados, apesar da distância.

5. Design em Ação

Os resultados obtidos traduzem uma realidade bem conhecida das mulheres em geral. No entanto, este caráter familiar do problema vem a evidenciar uma necessidade contínua de mudança de atitudes, da desmontagem de preconceitos e estereótipos, que abranja toda a sociedade. Aqui, importa considerar a sociedade como um todo, incluindo a consciencialização das próprias mulheres. A partir de algumas referências existentes – nomeadamente nas áreas do Design Ativista e do Design Crítico –, este capítulo tem como objetivo ilustrar algumas ideias de intervenções de Design que poderiam vir a ser realizadas com o intuito de consciencializar a sociedade para este tipo de problema, e assim vir a melhorar a experiência das mulheres jovens nos espaços de lazer.

5.1. Proposta conceptual 1: Aplicação de telemóvel sobre os espaços de lazer

No mercado, existem algumas aplicações que utilizam o design centrado no utilizador. A aplicação de telemóvel Recycle! tem o intuito de ajudar as pessoas a reciclar os resíduos que utilizam em casa. Esta aplicação é atrativa e bastante direta, que permite os utilizadores encontrarem a localização de contentores de reciclagem de todos os tipos, um calendário que avisa sobre o lixo que deve ser depositado no dia e um guia que ajuda a esclarecer questões sobre a reciclagem. Basicamente, através do GPS do telemóvel e da localização dos contentores consegue direcionar para aqueles que se encontram mais perto da localização do utilizador e através do calendário e regras próprias do local e da empresa que recolhe o lixo (apiumhub, sem data). A Figura 14, Figura 15, Figura 16 e a Figura 17 apresentam a aplicação do Recycle! e esclarece como esta funciona (App Store, sem data).

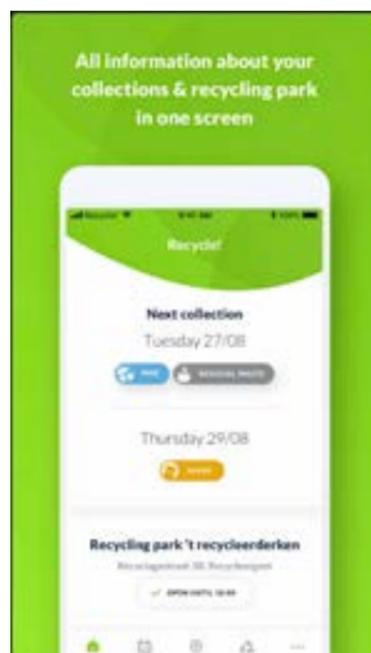


Figura 14. Imagem da aplicação Recycle!.
Fonte: App Store, Recycle!.



Figura 15. Imagem da aplicação Recycle! Fonte: App Store, Recycle!.

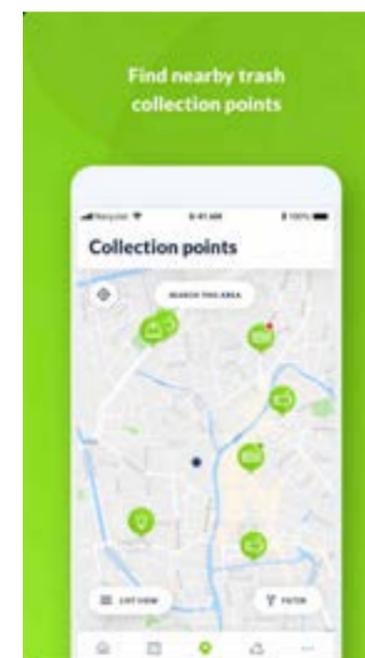


Figura 16. Imagem da aplicação Recycle!.
Fonte: App Store, Recycle!.

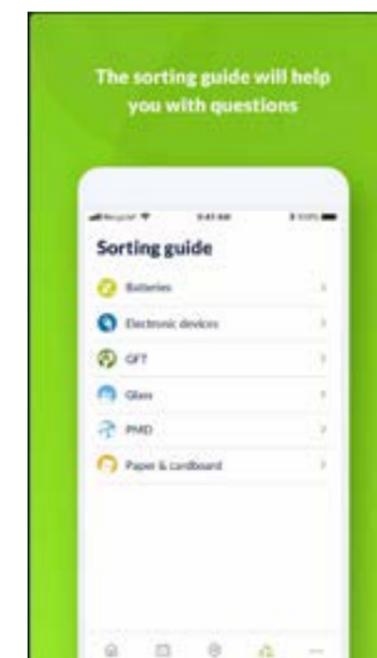


Figura 17. Imagem da aplicação Recycle!.
Fonte: App Store, Recycle!.

Seguindo o exemplo da aplicação Recycle!, a ideia conceptual pensada é um serviço aplicativo para o telemóvel sobre os espaços públicos de lazer de uma cidade. Esta aplicação pretende melhorar as experiências dos utilizadores num espaço de lazer, como parques, jardins, entre outros, que se inserem numa cidade. O público-alvo é utilizadores de espaços de lazer públicos.

Após a análise dos resultados, pode-se perceber que são necessárias algumas mudanças nos espaços de lazer, através do design centrado no utilizador. Por isso, esta aplicação teria várias características:

- Localização dos espaços de lazer públicos na cidade e as respetivas avaliações por estrelas de outros utilizadores da aplicação.
- Pesquisa por tipos de espaços.
- Pesquisa por filtros – zona da cidade; atividades, como cafés, eventos, espaços infantis, espaços para animais, entre outros, e os respetivos horários; frequência de outros utilizadores; entre outras.
- Exposição de problemas que os restantes utilizadores da aplicação.
- Sugestões dos outros utilizadores da aplicação sobre melhorias.

Mais tarde, todos os dados seriam partilhados com o governo local, para que conjuntamente com uma equipa de designers conseguissem desenhar soluções que correspondessem às necessidades e desejos das pessoas que utilizam os espaços de lazer. Para além disto, poderiam ser adicionadas mais funções, de acordo com os interesses e desejos dos utilizadores. Na Figura 18 e na Figura 19 pode-se ver layouts pensados para a aplicação.



Figura 18. Ideia Conceptual 1 – Aplicação de telemóvel (1).



Figura 19. Ideia Conceptual – Aplicação de telemóvel (2).

5.2. Proposta conceptual 2: Folheto irónico de instruções do uso de espaços de lazer para mulheres

Esta ideia concepcional pretende ser um artefacto de protesto, em que se pretende fazer um folheto informativo de como as mulheres devem utilizar os espaços de lazer, de acordo com os que já existem na cidade. Este tem como objetivo expor instruções absurdas para as mulheres, para criar uma reflexão para uma mudança no design destes espaços, durante o dia e durante a noite. Isto pode permitir uma reflexão crítica e talvez uma perspectiva de empatia pelas mulheres para se demonstrar o tipo de experiências que estas passam no seu quotidiano. Assim, de acordo com Dandavate (2019), teria de se responder às três questões mencionadas anteriormente. O motivo seria melhorar as experiências das mulheres nos espaços de lazer, a causa seria o que se constatou nos Resultados e na Revisão da literatura, onde se percebeu que os espaços de lazer não foram desenhados para as mulheres e o que se pode fazer é tentar criar empatia, de maneira a que se façam mudanças através de um folheto de instruções absurdas.

Existem alguns exemplos de instruções absurdas, que alguns produtos apresentam. Estas instruções são muito óbvias, que nem precisam de serem instruções de uso, daí serem absurdas. Isto pode-se ver em alguns produtos, como na Figura 20, Figura 21, Figura 22 e a Figura 23 (Buzz Feed, 2013; Moises, 2015).

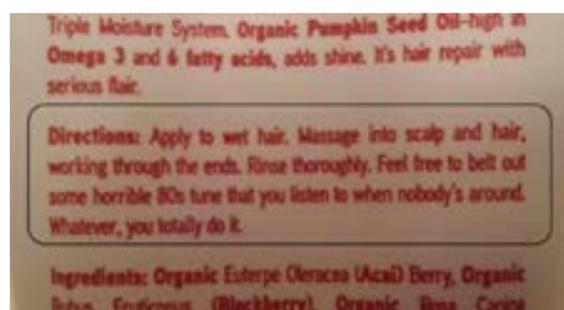


Figura 20. Instruções absurdas. Fonte: Elite Readers, Reddit.



Figura 21. Instruções absurdas. Fonte: Elite Readers, Reddit.



Figura 22. Instruções absurdas. Fonte: Elite Readers, Reddit.



Figura 23. Instruções absurdas. Fonte: Buzz Feed, jayberent, via instagram.

Na Figura 24 pode-se ver um exemplo de local onde a ideia conceptual 2 pode ser distribuída.



Figura 24. Ideia Conceptual 2 - Folheto Irónico.

5.3. Proposta conceptual 3: Posters de provocação e protesto

Alguns posters foram divulgados com o intuito de suscitar uma reflexão sobre acontecimentos no mundo. Estas ajudaram a uma mudança de pensamento, sobre alguns assuntos. A Figura 24 é considerada um símbolo de solidariedade, utilizada a primeira vez como o logótipo de Industrial Workers of the World. Na guerra civil espanhola foi popularizada para as pessoas oprimidas, como um símbolo de união e solidariedade. A Figura 25 foi desenhada por Emory Douglas. Esta tornou-se mais do que apenas ativismo e tornou-se um símbolo da luta dos afroamericanos. A Figura 26 foi desenhada por Deva Pardue, após a eleição do ex-Presidente dos EUA em 2016, para demonstrar que os problemas de género, étnicas e da sexualidade estão interligados (Stevenson, 2020).



Figura 25. The raised fist. Fonte: Shillington.

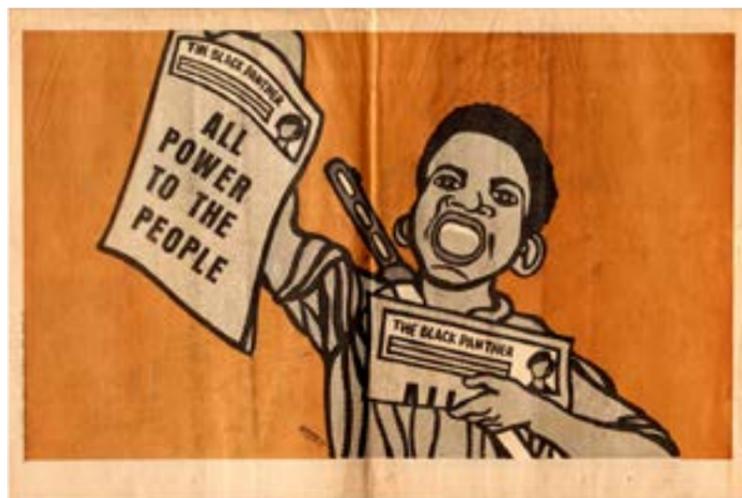


Figura 26. The Black Panther Party Poster. Fonte: Shillington.



Figura 27. For all Womankind. Fonte: Shillington.

A proposta aqui descrita de posters comparam as experiências de mulheres durante o dia e durante a noite. O objetivo é provocar uma reflexão crítica sobre como as mulheres experienciam os espaços de lazer. Estes posters seriam expostos nos vários espaços para que todos os utilizadores possam ver, de maneira a compararem as suas experiências e criar empatia com a situação das mulheres. Na Figura 28, Figura 29, Figura 30 e Figura 31 podemos ver alguns posters que retratam situações de dia e de noite, comparando as experiências.



Figura 28. Ideia conceptual 3 - Poster 1.



Figura 29. Ideia conceptual 3 - Poster 2.



Figura 30. Ideia conceptual 3 - Poster 3.



Figura 31. Ideia conceptual 3 - Poster 4.

5.4. Proposta conceptual 4: Storyboard de design crítico

Um exemplo que se pode apresentar de um storyboard é a Figura 32, de Chelsea Hotetter, para Austin Center for Design. Este é sobre um homem que vive sozinho em depressão, que se sente sozinho e sem esperança, que acaba por ser ajudado pelos seus amigos a se sentir melhor.



Figura 32. Storyboard. Fonte: Chelsea Hostetter, Austin Center for Design.

Esta proposta representa um storyboard que é design crítico, em forma de Ficção, onde se pretende desafiar suposições do futuro sobre as experiências da mulher. A ideia será realizada sobre a questão 'E se, no futuro, o design dos espaços de lazer incorporasse as experiências das mulheres?'. Na Figura 32 pode-se ver uma fase do processo do storyboard que se ambiciona.



Figura 33. Ideia Conceptual 4 - Storyboard.

5.5. Discussão

Este capítulo resultou em quatro ideias conceptuais, baseadas nas experiências das participantes e os dados que forneceram anteriormente. O objetivo deste capítulo é explorar os resultados obtidos no capítulo anterior com empatia.

Segundo o Trabalho de campo, percebeu-se nos resultados que as experiências das participantes estão bastante relacionadas com o espaço físico e as suas emoções. Daí ser um bocado difícil chegar a algumas soluções para melhorar estas experiências. O que também se reparou foi no facto de algumas situações que as participantes mencionaram de problemas, acabam por ser normalizadas pelas próprias. Aqui explorou-se quatro propostas concepcionais, que utilizam o design centrado no utilizador, o design ativista e o design crítico.

As ideias conceptuais utilizam o design centrado no utilizador, o design crítico e o design ativista. Estes três processos permitem os designers conseguirem desenvolver empatia pelas mulheres, como também permite a outros indivíduos, organizações e governos locais. Isto confirma-se para o design centrado no utilizador, quando Gladkiy (Gladkiy, 2021) afirma que existem valores neste design, como a empatia, o otimismo e outros. No design crítico tem metodologias que tem o intuito de favorecer a ética, com alternativas de design (J. Bardzell & Bardzell, 2013). O design ativista vai permitir mudanças sociais, que consciencializam valores e crenças (Markussen, 2013).

6. Considerações Finais

Neste capítulo apresentam-se as conclusões gerais da investigação, percebe-se se os objetivos foram cumpridos, quais foram as limitações no decorrer do estudo e recomendações para os trabalhos futuros.

6.1. Conclusões

A revisão de literatura demonstrou a necessidade de manter um olhar feminista sobre tudo o que nos rodeia. Este movimento de direitos humanos pode ajudar na evolução de vários campos de estudo, como a medicina, a economia, o design, entre outros. Com a literatura estudada, percebemos que muitas atividades diárias das mulheres são impactadas negativamente devido a deficiências de investigação e nos processos de design e métodos utilizados para elaborar produtos e serviços. Este capítulo aborda aspetos de como a cidade é experienciada pelas mulheres considerando vários fatores, como a segurança, transportes e equipamentos incorporados. A literatura revelou que é urgente mudar esta realidade das mulheres, porque isto não as afeta só a elas, mas a todos os que integram a sociedade, incluindo governos nacionais e locais.

O capítulo de revisão de literatura direcionou o trabalho de campo, que teve o objetivo de perceber as experiências de mulheres jovens nos espaços de lazer, de dia e à noite, na cidade de Vila Nova de Gaia. Os métodos que se demonstraram mais efetivos e que foram utilizados foram a Sonda Cultural e a entrevista. A Sonda Cultural foi um método bastante preciso, porque ajudou a relembrar a experiência de cada participante, que mais tarde foi explorada na entrevista, e permitiu uma melhor compreensão de tudo o que foi recolhido da sonda e o que faltou. A entrevista também foi um bom método complementar, porque ajudou a perceber melhor a experiência das participantes, complementando os resultados das sondas culturais. Esta investigação permitiu revelar elementos físicos dos espaços de lazer escolhidos que potenciavam a melhoria ou ao contrário, poderiam prejudicar a experiência das participantes, como também se percebeu como é que estes elementos e fatores pessoais tinham impacto nessa experiência.

No trabalho de campo, verificou-se que existem alguns problemas que estão assumidos como normais por algumas participantes, ou seja, para algumas o que se passa em certos momentos não é considerado um problema, por é algo que já é intrínseco à sua condição de mulher. Por isso, isto também seria positivo para estudar e tentar perceber melhor em que parte o design pode ajudar a mudar esta situação.

Com os capítulos de literatura e do trabalho de campo, percebeu-se melhor os contextos e as necessidades das mulheres num espaço de lazer mas, mesmo assim sabe-se que seria necessário mais tempo e uma amostra maior para que os resultados fossem mais significativos.

Com os resultados, o que se percebeu não foi novidade, ou seja, a maioria do que se afirmou não foi algo pioneiro. O problema é que a maioria daquilo que foi mencionado é normalizado pelos utilizadores. O problema não se encontra nos objetos, mas sim no status quo. As ideias conceptuais apresentadas pretendem responder à questão 'Onde e como pode o design atuar?', por isso é que as propostas são envolvidas em três processos que intentam isto. Estas ideias têm o intuito de gerar empatia em relação à experiência das mulheres. Assim, os processos utilizados são o design centrado no utilizador, que foca

em todas as necessidades e desejos do utilizador, o design crítico, que provoca o status quo e que pensa sobre os problemas do futuro, a partir de decisões do presente, e o design ativista que remete designers e organizações, como governos locais a refletir sobre o que acontece no dia-a-dia de alguns grupos que pertencem à sociedade. Estes processos ambicionam inclusividade e a empatia.

6.2. Cumprimento de Objetivos

Esta investigação teve como objetivo geral estudar experiências das mulheres jovens no contexto urbano, através de uma lente feminista, para perspetivar intervenções de design mais inclusivas e sensíveis. Procedem os objetivos específicos e reflete-se sobre o seu cumprimento na dissertação, para se perceber a contribuição para a literatura.

1. Compreender as nuances da experiência diurna e noturna por mulheres jovens, em contextos urbanos portugueses.

A revisão de literatura permitiu a compreensão das diferenças que existem do dia e da noite, nas experiências das mulheres em espaços de lazer, como se pode ver em A cidade . Como consequência, foi implementado a Sonda Cultural, onde se conseguiu perceber mais diferenças nestes dois momentos, para além das que já tinham sido mencionadas na literatura, como se pode verificar nos Resultados.

2. Categorizar os fatores dos espaços de lazer, que influenciam a experiência das mulheres.

Este objetivo foi cumprido nos Resultados, onde se percebe os fatores pessoais das participantes e o ambiente, em que são mencionadas várias características dos espaços. Na Revisão da literatura também se percebe como a sociedade patriarcal continua a afetar as experiências das mulheres, no seu dia-a-dia, o impacto positivo que o movimento feminista teve em todos os fatores da vida das mulheres e, onde e quando ainda se encontram desigualdades que afetam as mulheres.

3. Explorar a aplicação de conceitos informados pelo design crítico e ativista em propostas concetuais de intervenção, visando mudanças de mentalidades e geração de empatia.

O último objetivo desta pesquisa era mudar certo tipo de mentalidades, com a geração de empatia, através de ideias concecionais com o uso de design crítico e ativista. Isto foi demonstrado em Design em ação, onde se explicam quatro ideias que têm o objetivo de criar empatia sobre as experiências das mulheres e paralelamente, tentar mudar mentalidades.

6.3. Limitações

No geral, esta investigação foi eficiente e teve uma contribuição positiva para os pontos abordados. A pandemia implicou bastantes limitações no estudo, como a interação com as participantes, sendo na apresentação da dissertação, como foi implementado a sonda cultural e a entrevista. Mesmo assim, foi tudo concretizado de acordo com o estipulado, apenas com algumas dificuldades que foram ultrapassadas no momento. No futuro, a investigação pode-se realizar com uma amostra maior, em que se engloba mulheres de outras idades, ou até mesmo outros grupos que sofrem de preconceito.

6.4. Recomendações para trabalho futuro

Anteriormente, foram descritos os vários benefícios que esta investigação teve na área do design, mesmo assim existem várias hipóteses de continuação e vantagens que o design oferece no contexto social. Assim, a Figura 34 demonstra, mais uma vez, o modelo do Design Centrado no Utilizador, em que a verde estão destacadas as etapas que não foram abordadas na dissertação e que podem desenvolver novas oportunidades de trabalhos sobre a experiência das mulheres.

Na **fase 4**, as propostas conceptuais poderiam ser produzidas e testadas, como outro tipo de produtos e serviços, que melhorassem as experiências das mulheres, ou seja, outros produtos e serviços que respondessem às necessidades que as mulheres encontram no seu dia-a-dia numa cidade.

Na **fase 5**, com a produção de produtos e serviços que tenham as devidas características, estes teriam de ser testados e sempre com o feedback dos utilizadores, para que em todas as etapas se percebesse o que necessitava de ser alterado, até se ter uma resposta positiva.

Na **fase 6**, dá-se por completo o processo de design centrado no utilizador, com os produtos ou serviços a responder a todas as necessidades do público-alvo, com o objetivo de melhorar a experiência da mulher nos espaços de lazer da cidade.

Como já foi referido anteriormente, as fases 2 e 3 poderiam ser repetidas, com mulheres de outras idades, outros grupos excluídos no processo atual de design, em espaços da cidade diferentes, para se comparar todos os dados obtidos.

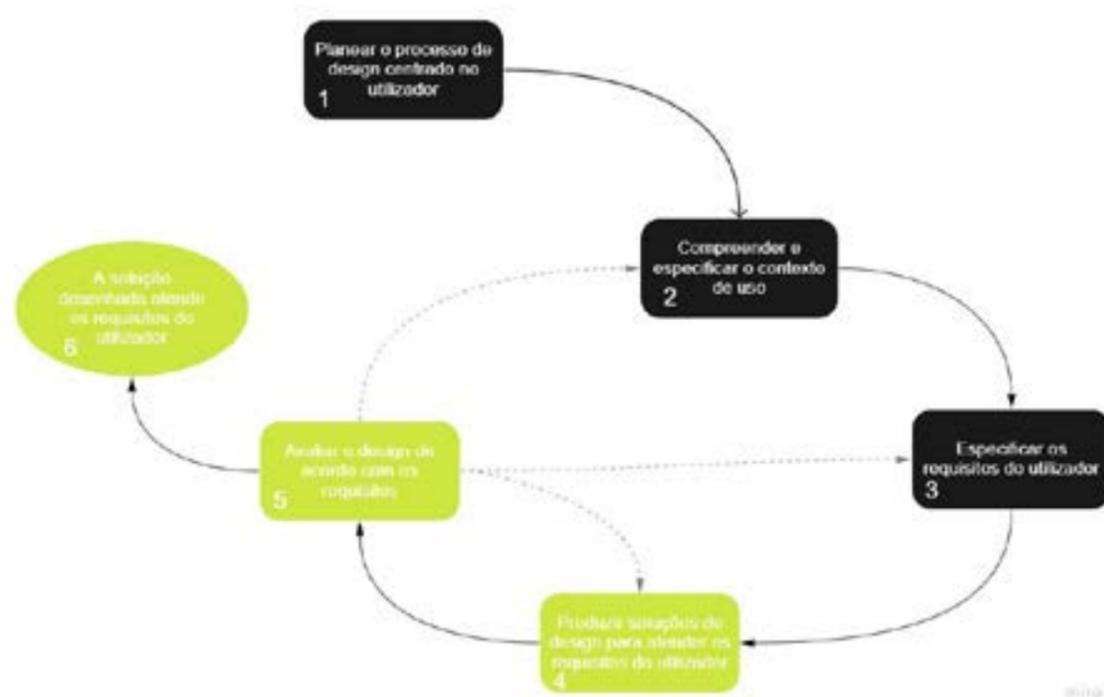


Figura 34. Modelo do Design centrado no utilizador, com sugestões para trabalhos futuros destacados a verde. (adaptação da autora)

REFERÊNCIAS

- Adobe XD Ideas. (2019). User Centered Design Principles & Methods. Ideas. <https://xd.adobe.com/ideas/principles/human-computer-interaction/user-centered-design/>
- AFP. (2021). Pandemia retrocede na Europa, mas feminicídios aumentam—ISTOÉ Independente. <https://istoe.com.br/pandemia-retrocede-na-europa-mas-feminicidios-aumentam/>
- Agência Lusa. (2019). Violência sexual é «pandemia» e levou 136 mulheres a pedir ajuda em Centro de Crise. Observador. <https://observador.pt/2019/10/31/violencia-sexual-e-pandemia-e-levou-136-mulheres-a-pedir-ajuda-em-centro-de-crise/>
- Almahmood, M., Scharnhorst, E., Carstensen, T. A., Jørgensen, G., & Schulze, O. (2017). Mapping the gendered city: Investigating the socio-cultural influence on the practice of walking and the meaning of walkscapes among young Saudi adults in Riyadh. *Journal of Urban Design*, 22(2), 229–248. <https://doi.org/10.1080/13574809.2016.1273742>
- Almeida, T., Comber, R., & Balaam, M. (2016). HCI and Intimate Care as an Agenda for Change in Women's Health. *Proceedings of the 2016 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 2599–2611. <https://doi.org/10.1145/2858036.2858187>
- apiumhub. (sem data). Top 8 innovative recycling apps that make a difference. Obtido 28 de Dezembro de 2021, de <https://apiumhub.com/tech-blog-barcelona/innovative-recycling-apps/>
- App Store. (sem data). *Recycle!* App Store. Obtido 28 de Dezembro de 2021, de <https://apps.apple.com/be/app/recycle/id730904895>
- Balaam, M., Comber, R., Jenkins, E., Sutton, S., & Garbett, A. (2015). FeedFinder: A location-mapping mobile application for breastfeeding women. *Proceedings of the 33rd Annual ACM Conference on Human Factors in Computing Systems*, 1709–1718. <https://doi.org/10.1145/2702123.2702328>
- Bardzell, J., & Bardzell, S. (2013). What is “Critical” about Critical Design?
- Bardzell, J., Bardzell, S., Lazar, A., & Su, N. M. (2019). (Re-)Framing Menopause Experiences for HCI and Design. *Proceedings of the 2019 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 1–13. <https://doi.org/10.1145/3290605.3300345>
- Bardzell, S. (2010). CHI Conference: We are HCI: conference proceedings, Atlanta, Ga, USA, April 10-15, 2010 (E. D. Mynatt, S. E. Hudson, G. Fitzpatrick, Association for Computing Machinery, & SIGCHI (Group : U.S.), Eds.). Association for Computing Machinery.
- Bardzell, S., & Bardzell, J. (Eds.). (2011). *Towards a Feminist HCI Methodology: Social Science, Feminism, and HCI*.
- Barker, C. (2004). *The SAGE Dictionary of Cultural Studies*. SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781446221280>
- Batista, E. C., Matos, L. A. L. de, & Nascimento, A. B. (2017). A Entrevista Como Técnica de Investigação na Pesquisa Qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, 11(3), 23–38. <file:///C:/Users/Utilizador/Documents/Mestrado/TESE/Metodologias/Aentrevistacomotcnica%20de%20investigaonapesquisaqualitativa.pdf>
- BBC News Brasil. (2021). Sarah Everard, a mulher que desapareceu em Londres e cuja morte choca o Reino Unido. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56396704>
- Blumberg, C. (2020, Dezembro 13). Design activism: Does it do enough? Medium. <https://uxdesign.cc/design-activism-does-it-do-enough-40532e49d4ef>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Buzz Feed. (2013). 12 Most Ridiculous Instructions. BuzzFeed. <https://www.buzzfeed.com/ownersmanual/12-most-ridiculous-instructions>
- Canvas Editorial. (2021). Storyboarding: Storytelling visualised in UX | by Canvs Editorial | UX Collective. <https://uxdesign.cc/storyboarding-the-art-of-storytelling-in-ux-2dc8fa1cfcec>
- Cerchiaro, I., Ayrosa, E. A. T., & Zouain, D. M. (2009). A aplicação de abordagens feministas na pesquisa em administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 7, 649–664. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000400009>
- Cosgrave, E. & TEDx Talks. (2019, Abril 1). The Feminist City | Dr. Ellie Cosgrave | TEDxUCLWomen. <https://www.youtube.com/watch?v=rNkB7afesco>
- Cosme Pinto, S. (2021, Novembro 21). Violência contra as mulheres: A pandemia que continuamos a negar. *Jornal Expresso*. https://expresso.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2021-11-25-Violencia-contra-as-mulheres-a-pandemia-que-continuamos-a-negar-53ab60d0

Dam, R. F., & Siang, T. Y. (sem data). Affinity Diagrams – Learn How to Cluster and Bundle Ideas and Facts. The Interaction Design Foundation. Obtido 18 de Setembro de 2020, de <https://www.interaction-design.org/literature/article/affinity-diagrams-learn-how-to-cluster-and-bundle-ideas-and-facts>

Dandavate, U. (2019, Setembro 16). Design Activism. SonicRim: Stories from the Edge. <https://medium.com/sonicrim-stories-from-the-edge/design-activism-496db463e5ee>

Design Activism. (sem data). 1. What is Design Activism? – Design Activism. Obtido 22 de Dezembro de 2021, de <https://designactivism.be.uw.edu/framework/chapter-1/>

Dicionário Online Priberam de Português. (sem data). Feminismo. Obtido 14 de Dezembro de 2021, de <https://dicionario.priberam.org/feminismo>

Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2020.pdf. (sem data). Obtido 11 de Dezembro de 2021, de https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2020.pdf

Fenster, T. (2005). The Right to the Gendered City: Different Formations of Belonging in Everyday Life. *Journal of Gender Studies*, 14(3), 217–231. <https://doi.org/10.1080/09589230500264109>

Gladkiy, S. (2021, Dezembro 2). User-Centered Design: Process and Benefits. Medium. <https://uxplanet.org/user-centered-design-process-and-benefits-fd9e431eb5a9>

Global Media Group. (2018, Setembro 20). Quase metade dos jovens de Gaia considera legítimo controlar a pessoa com quem namora. TSF Rádio Notícias. <https://www.tsf.pt/lusa/quase-metade-dos-jovens-de-gaia-considera-legitimo-controlar-a-pessoa-com-quem-namora-9879479.html>

Gonsler, I. (sem data). Critical Design Critical Futures—Beyond Design Thinking: Obtido 21 de Dezembro de 2021, de <http://www.cd-cf.org/articles/beyond-design-thinking/>

History Editors. (2019). Feminism's Long History. HISTORY. <https://www.history.com/topics/womens-history/feminism-womens-history>

Hudson, C., & Rönnblom, M. (2008). THE WOMAN-MADE CITY FEMINIST UTOPIA OR PRACTICAL POSSIBILITY? Em *Utopies féministes et expérimentations urbaines* (pp. 73–87). Presses universitaires de Rennes.

IDEO, & Bill & Melinda Gates Foundation. (2011a). Human-centered design toolkit: An open-source toolkit to inspire new solutions in the developing world (2.a ed.). IDEO.

IDEO, & Bill & Melinda Gates Foundation. (2011b). Human-centered design toolkit: An open-source toolkit to inspire new solutions in the developing world (2.a ed.). IDEO.

INE. (2021). Plataforma de divulgação dos Censos 2021 – Resultados Preliminares. https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html

ISO 9241-210. (2019). ISO 9241-210:2019, Ergonomics of human-system interaction—Part 210: Human-centred design for interactive systems. <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:9241:-210:ed-2:v1:en>

Kornbluh, M. (2015). Combatting Challenges to Establishing Trustworthiness in Qualitative Research. *Qualitative Research in Psychology*, 12(4), 397–414. <https://doi.org/10.1080/14780887.2015.1021941>

Krause, R. (2018). Storyboards Help Visualize UX Ideas. Nielsen Norman Group. <https://www.nngroup.com/articles/storyboards-visualize-ideas/>

Lefkowitz, M. R., & Fant, M. B. (Eds.). (2016). *Women's life in Greece and Rome: A source book in translation* (Fourth edition). Johns Hopkins University Press.

Livy, De Sélincourt, A., Ogilvie, R. M., & Oakley, S. P. (2002). *The early history of Rome: Books I-V of The history of Rome from its foundations*. Penguin Books.

Machado, E. (2021). Entenda as diferenças entre feminismo e femismo. *Diferença*. <https://www.diferenca.com/feminismo-e-femismo/>

Maestrovirtuale. (sem data). Paradigma sociocrítico em pesquisa: História, características. Obtido 29 de Dezembro de 2021, de <https://maestrovirtuale.com/paradigma-sociocritico-em-pesquisa-historia-caracteristicas/>

Maguire, M. (2001). Methods to support human-centred design. *International Journal of Human-Computer Studies*, 55(4), 587–634. <https://doi.org/10.1006/ijhc.2001.0503>

Markussen, T. (2013). The Disruptive Aesthetics of Design Activism: Enacting Design Between Art and Politics. 29(1), 38–50.

Mattelmäki, T. (2005). Applying Probes – From Inspirational Notes to Collaborative Insights. *CoDesign*, 1(2), 83–102. <https://doi.org/10.1080/15719880500135821>

Mattelmäki, T., University of Art and Design Helsinki. (2008). Design probes. University of Art and Design Helsinki.

Moises, A. (2015, Julho 10). 19 Outrageous Instructions That Are Just Too Funny. Elite Readers. <https://www.elitereaders.com/19-ridiculous-instructions/>

MoMA. (sem data). Critical Design. The Museum of Modern Art. Obtido 21 de Dezembro de 2021, de <https://www.moma.org/collection/terms/critical-design>

Moya, I. (2019, Julho 8). Machismo: Você entende mesmo o que significa? Politize! <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>

Observador. (2021). Inglaterra e País de Gales registam maior número de violações de sempre. Observador. <https://observador.pt/2021/11/05/inglaterra-e-pais-de-gales-registam-maior-numero-de-violacoes-de-sempre/>

Pain, R. (2001). Gender, Race, Age and Fear in the City. *Urban Studies*, 38(5–6), 899–913. <https://doi.org/10.1080/00420980120046590>

Perez, C. C. (2019). *Invisible women: Exposing data bias in a world designed for men*. Penguin Rando House: Chatto & Windus.

Rampton, M. (2015, Outubro 25). Four Waves of Feminism. Pacific University. <https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism>

Ro, C. (2021). How to design safer cities for women. <https://www.bbc.com/worklife/article/20210409-how-to-design-safer-cities-for-women>

Ruggieri, L. (2019, Outubro 21). Critical design will make our lives better. Maize. <https://www.maize.io/magazine/critical-design/>

Santos, A. dos. (2018). O R G A N I Z A Ç Ã O Seleção do Método de Pesquisa GUIA PARA PÓS-GRADUANDOS EM DESIGN E ÁREAS AFINS.

Scraton, S., & Watson, B. (1998). Gendered cities: Women and public leisure space in the 'postmodern city'. *Leisure Studies*, 17(2), 123–137. <https://doi.org/10.1080/026143698375196>

Sharma, K. (2016, Novembro 1). Why Feminism is Important in Design. Medium. <https://medium.com/dodesign-iit-guwahati/why-feminism-is-important-in-design-867971b93b52>

SIC Notícias. (2021, Março 8). Pandemia aumentou casos de violência doméstica e desigualdades para as mulheres—SIC Notícias. <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2021-03-08-Pandemia-aumentou-casos-de-violencia-domestica-e-desigualdades-para-as-mulheres>

Solar Condes de Resende. (sem data). Breve síntese histórica do Município de Gaia.

Spacey, J. (2018). 4 Types of Critical Design. Simplicable. <https://simplicable.com/new/critical-design>

Stevenson, O. (2020, Agosto 24). 11 Amazing Designs for Activism, Protest and Cultural Change. Shillington Design Blog. <https://www.shillingtoneducation.com/blog/activism-design/>

Terra, E. (2020). Femtech: Soluções Digitais voltadas para Mulheres | GoBacklog. <https://gobacklog.com/blog/femtech/>

The Interaction Design Foundation. (sem data). What is User Centered Design? The Interaction Design Foundation. Obtido 20 de Dezembro de 2021, de <https://www.interaction-design.org/literature/topics/user-centered-design>

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349–357. <https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>

Toribio Leão, J. (2019). O Design Gráfico como Ferramenta na Divulgação do Movimento Feminista.

TU Wien. (2019a, Outubro 31). Humans & Computers. <https://www.youtube.com/watch?v=vrWx91RdmGo>

TU Wien. (2019b, Outubro 31). Robots in our society. <https://www.youtube.com/watch?v=bfXr29VAuwU>

TU Wien. (2021, Janeiro 15). Mobility for all. <https://www.youtube.com/watch?v=oMlfoI5-14M>

Webb, C. & TEDx Talks. (2019, Maio 4). Designing the feminist internet | Charlotte Webb | TEDxBarcelonaWomen. <https://www.youtube.com/watch?v=ulzBi0EgcHI>

Anexo A
Folheto Informativo, versão portuguesa



Universidade do Minho

Mestrado de Design de Produto e Serviços

A importância do Feminismo como ferramenta no Design de Produto e Serviços

Folheto Informativo



Francisca Guimarães

Ola, eu sou a Francisca e sou aluna do Mestrado de Design de Produto e Serviços, da Universidade do Minho. Estou a realizar uma dissertação sobre a importância do Feminismo como ferramenta no Design de Produto e Serviços, sob orientação da Dra. Alison Burrows e da Dra. Paula Trigueiros.

Para tal, estou interessada em compreender as experiências das mulheres nativas e não-nativas na cidade de Vila Nova de Gaia. Isto ajudará a promover boas práticas para informar um Design de Produto e Serviços mais inclusivo. No final do projeto, todas as participantes irão receber os resultados.

-  VILA NOVA DE GAIA
-  ESPAÇOS DE LAZER
-  EXPERIÊNCIAS DE MULHERES

Objetivos

- O principal objetivo desta investigação é estudar as experiências e vivências das mulheres no contexto urbano aplicando uma lente feminista, de forma a identificar oportunidades para um design mais inclusivo e sensível às suas necessidades. Para alcançar este objetivo importante, queremos:
 - Explorar diferentes experiências das mulheres em contexto urbano, contemplando situações de rotina ou esporádicas.
 - Identificar os fatores que promovem uma experiência positiva nas mulheres através da vivência do ambiente urbano.
 - Identificar produtos e serviços em que se observem os fatores anteriores.
 - Promover boas-práticas para informar um Design de Produtos e Serviços mais inclusivo da público-alvo.

Acerca do Projeto

Com a evolução dos tempos, surgiram várias questões que necessitam urgentemente de uma resposta, entre elas as desigualdades de género e como combatê-las. O Design de Produto e Serviços é uma importante ferramenta de resposta a estas necessidades identificadas nas sociedades atuais. Este estudo pretende entender as experiências sobre segurança pública, transportes e equipamentos públicos de mulheres nativas e não-nativas, na cidade de Vila Nova de Gaia.



Para se obter uma melhor compreensão das necessidades das mulheres, pretendemos ouvir as perceções de mulheres adultas, com idade entre os 20 e os 30 anos e a sua experiência com os serviços e produtos que a cidade fornece. Pretendo assim demonstrar que o feminismo é uma mais-valia quando é ferramenta no processo de criação orientado no Design de Produto e Serviços.



Proteção de dados e os seus direitos neste estudo

Todos os dados recolhidos serão usados apenas para fins de investigação, com a finalidade de servir como base para esta tese no âmbito do mestrado. Somente eu (investigadora principal) poderei identificá-la. Os resultados serão sempre tratados de forma anónima, os dados recolhidos serão sujeitos a um processo de pseudonimização por forma a não tornar identificáveis as participantes enquanto estiver a decorrer o tratamento de dados, sendo no final do estudo a anonimização totalmente garantida. Caso queira acesso, atualização ou retificação dos seus dados pessoais, por favor faça um contacto direto por telefone (+351 914 919 357) ou mediante pedido escrito por email (franciscamanuelguimaraes@gmail.com).

Após ler esta informação, cabe a você decidir se quer ou não participar. Se aceitar, será solicitado que preencha um formulário de consentimento e assine. No entanto, você pode mudar de ideia a qualquer momento, antes ou durante a investigação, basta pedir para sair do estudo sem precisar dar nenhum motivo.

O que fazer se decidir participar?

- 1º Enviar um e-mail ou mensagem para os contactos com a sua resposta.
- 2º Ler e assinar o consentimento.
- 3º Receber as tarefas da Sonda Cultural.



Em que consiste a participação no projeto?

A participação neste projeto é dividida em duas partes. Este projeto será realizado através de tarefas autónomas e uma entrevista presencial ou online, com todos os cuidados necessários contra o vírus Covid-19. É condição essencial à participação neste projeto que tenha um telemóvel com câmara capaz de fazer, no mínimo, fotografias.

Primeira parte - Auto-registo das suas experiências na cidade

Esta primeira parte será feita autonomamente por si, caso decida participar neste estudo. Ser-lhe-á pedido que registe (pequenos) vídeos e/ou de fotografias num local de entre os exemplos em baixo, em dois momentos distintos - durante o dia e à noite (o mesmo local de preferência). Estas fotografias/vídeos serão diferenciados por quatro etapas:

1. ida para o local,
2. chegada ao local,
3. durante o encontro/visita,
4. saída do local.

Exemplos de Locais:

- Zona das praias (Salgueiros, Miramar, Francelos)
- Avenida da República
- Santo Ovídeo
- Jardim do Mar / Serra do Pilar
- Seca do Bacalhau
- Cais de Gaia
- Alfurada
- Parque da Lavandeira / Outros parques
- Azenha de Oliveira da Douro, de Avintes

Estes locais são sítios agradáveis para passear com os amigos ou sozinho. Fica à sua escolha fazer estas tarefas quando for tomar um café ou passear com amigos ou sozinho.

O propósito das fotografias/vídeos é para registar as suas experiências num espaço de lazer público numa primeira instância. Estas fotografias/vídeos poderão ajudar na entrevista (segunda parte do estudo) a desencadear memórias e estimular a conversa sobre esta experiência.

Se quiser partilhar algo mais é bem-vinda. Nada do que fizer estará errada. Peça que enviem as fotografias ou vídeos assim que terminarem a tarefa. Podem enviar por email, franciscamanuelguimaraes@gmail.com ou pelo WhatsApp, +351 914 919 357.



Segunda parte - Entrevista

A Entrevista será marcada após ter completado a primeira parte deste estudo sempre dentro da sua disponibilidade. Se se sentir confortável, a entrevista será feita em pessoa, com todas as precauções. Caso contrário, poderá ser feita por Zoom ou Skype.





Universidade do Minho
Faculdade de Engenharia

Master of Product Design and Services

The importance of feminism as tool in Product and Service Design

Participant Information



Francisca Guimarães

Hi, I'm Francisca and I am a Master's student in Product and Service Design, at Universidade do Minho. I am doing my dissertation on the importance of Feminism as a tool in Product and Service Design, supervised by Dr Alison Burrows and Dr Paula Trigueiros.

I am interested in understanding the experiences of native and non-native women in the city of Vila Nova de Gaia. This will help establish good practices to inform more inclusive Product and Service Design. At the end of the project, all participants will receive the results.



VILA NOVA DE GAIA



LEISURE SPACES



WOMEN'S EXPERIENCES

Objectives

- The main objective of this research is to study the experiences of women in the urban context applying a feminist lens, in order to identify opportunities for a more inclusive design that is sensitive to their needs. To achieve this important objective, we would like to: Explore different experiences of women in an urban context, contemplating routine as well as sporadic situations.
- Identify the factors that promote a positive experience for women through their lived experience of the urban environment.
- Identify products and services in which the above factors are observed.
- Promote best practices to inform a Product and Service Design that is more inclusive of this target audience.

About the Project

Over time, several questions have emerged that need to be answered urgently, including gender inequalities and how to end them. Product and Service Design is an important tool in responding to these needs identified in today's society. This study aims to understand the experiences of native and non-native women regarding public safety, transport and public equipment in the city.



To gain a better understanding of women's needs, we would like to hear the perspectives of adult women aged between 20 and 30 years old regarding their experience with the services and products that the city provides. I thus intend to demonstrate feminism as an asset when it is used as a tool for Product and Service Design.



Data protection and your rights as a participant in this study

All data collected will be used for research purposes only, to be used in the scope of this Master's project and thesis. Only I (Principal Investigator) will be able to identify you. The results will always be treated anonymously, the collected data will be subject to a pseudonymization process so as not to make the participants identifiable while data processing is taking place, and at the end of the study the anonymization is fully guaranteed. If you wish to access, update, or rectify your personal data, please contact me directly by phone (+351 914 919 357) or by email (franciscamanuelguimaraes@gmail.com).

After reading this information, it is up to you to decide whether or not you want to participate. If you accept, you will be asked to complete and sign a consent form. However, you can change your mind at any time, before or during the research, without giving any reason, by simply asking to withdraw from the study.

What to do if you decide to participate?

- 1st Send an email or message to the contacts with your reply.
- 2nd Read and sign the consent.
- 3rd Receive the tasks of Self-Recording.



What does participation in the project consist of?

Participation in the project consists of two parts. This project will involve autonomous tasks and a follow-up face-to-face or online interview with all the necessary precautions against the Covid-19 virus. To participate, it is essential that you have access to a mobile phone with a camera, which can at least take photographs.

First part - Self-recording your experiences of the city

This first part will be carried out autonomously by yourself, should you decide to participate. You will be asked to make videos and/or take photographs in a place chosen from the examples below, at two different times - during the day and at night. These photographs/videos will comprise four stages:

1. going to the location,
2. arrival at the location,
3. during your visit,
4. leaving the location.

Examples of Locations:

- Beach area (Salgueiros, Miramar, Francelas)
- Avenida da Republica
- Santo Ovideu
- Jardim do Morro / Serra do Pilar
- Seca do Bacalhau
- Cais de Gaia
- Afurada
- Park of Lavandeira / other parks
- Areinho de Oliveira do Douro, de Avintes

These places are nice to visit with friends or alone. All participants can do these tasks when they go for a coffee or a walk, alone or with company. It is your choice.

In the first instance, the aim of these photos/videos is to record your experiences in a public space of leisure. These photos/videos will also help during the interview (second part of the study) to prompt memories and conversation about this experience. If you would like to share anything else, please do. Nothing you do will be wrong! Please send the photos or videos as soon as you finish the task. You can send them by email (franciscamanuelguimaraes@gmail.com) or by WhatsApp: +351 914 919 357.



Second part - Interview

The interview will be scheduled after you have completed the first part of the study, ideally at a time that suits you. If you feel comfortable, the interview will be in person, with all the necessary precautions. Otherwise, it can be done via Zoom or Skype.



Anexo C
Sonda Cultural, versão portuguesa

Auto-Registo



Esta atividade de auto-registo tem como objetivo compreender as experiências de mulheres na cidade de Vila Nova de Gaia. Para esta atividade é-lhe solicitado que escolha um local em Vila Nova de Gaia e tire pequenas vídeos e/ou fotografias do local (em duas alturas distintas do dia) e registre pequenas frases acerca da sua experiência. Não existem respostas certas ou erradas. Tudo é interessante para a investigação.

Posteriormente será realizada uma entrevista, para falar sobre esta atividade de auto-registo e explorar as suas memórias sobre estas visitas, para uma melhor compreensão das suas experiências da cidade.

Após completar estas tarefas, fique atenta que será contactada para a segunda e última parte desta investigação - a entrevista. A entrevista será agendada com base na sua disponibilidade e pela preferência de ser realizada em pessoa ou digitalmente, através do Zoom ou Skype.

Contactos:

+351 914 919 357



franciscamanuelguimaraes@gmail.com



Brinde

Participe e ajude esta investigação! Ao ajudar irá receber uma pequena lembrança, como agradecimento pela sua participação!

Instruções para o Auto-Registo

Todas as tarefas desta fase são feitas autonomamente por si. Precisa de um telemóvel que dê, no mínimo, para tirar fotografias. Se tiver alguma questão sobre a sua participação ou sobre as instruções, não hesite em perguntar!

Antes de começar, por favor consulte o mapa no verso e **selecione um dos locais assinalados** para visitar duas vezes - uma vez durante o dia e outra vez durante a noite.

1ª Durante cada uma das visitas, registre pequenos vídeos e/ou fotografias que captem e comuniquem a sua experiência. Aqui deve registar pelo menos quatro etapas:

1. Ida para o local;
2. Chegada ao local;
3. Durante o encontro/visita;
4. Saída do local.

2ª Existem pequenos retângulos onde é-lhe solicitado que escreva sobre a sua visita - por exemplo, o que está a fazer, as preocupações do seu encontro no local - como também as suas emoções e sentimentos durante a visita. Estes retângulos encontram-se na outra folha.

3ª Envie os vídeos e/ou fotografias para o e-mail fornecido ou para o WhatsApp pelo número dado. Por favor, tire uma foto nítida dos retângulos onde escreveu a segunda instrução, para enviar juntamente com as fotografias e vídeos.

4ª Se quiser partilhar algo mais, é bem-vindal



- Exemplos de Locais:**
- Zona das praias (Salgueiros, Miraflores, Francescos)
 - Avenida da República
 - Santo Ovídio
 - Jardim do Morro / Serra do Pilar
 - Sede do Bacalhau
 - Cais de Gaia
 - Alameda
 - Parque da Lavandeira / Outros parques
 - Arelhão de Oliveira do Douro, de Avista

Mapa de Vila Nova de Gaia

Durante o dia:

Durante a noite:

História de Vila Nova de Gaia

A cidade de Vila Nova de Gaia encontra-se na margem sul do Rio Douro, tendo do outro lado do rio as cidades do Porto e Gondomar. Desde o seu início, no século XIII, que não sofre alterações de área, ocupando quase sempre o mesmo espaço físico, sendo este município o maior do Grande Porto (NUT III).

No século XX, o município de Vila Nova de Gaia alterou profundamente a sua área urbana com a Avenida da República, mudando o centro nevrálgico para a cota alta, onde foi construída a Câmara Municipal. Este edifício foi desenhado em 1916, pelo arquiteto gaiano Oliveira Ferreira.

Nos dias de hoje, a cidade de Vila Nova de Gaia é conhecida pelas empresas de vinhos do Porto e do Douro, indústria automóvel, vidreira e de componentes eletrónicos. Também é conhecida pelos seus artistas músicos, pintores, escultores e arquitetos e pelas suas atividades turísticas que recebem por ano milhares de visitantes.

Obrigada por participar nesta investigação! Quando terminar, irá receber os resultados!

Francisca Guimarães, Professora Allison Burrows and Professora Paula Trigueiros.

Anexo D
Sonda Cultural, versão inglesa

Cultural Sonda

This document contains instructions for participating in the Cultural Sonda, to understand the experiences of native and non-native women in the city of Vila Nova de Gaia.

The participation is divided into two parts, this being the first one and later the second one, the interview.

Cultural Sonda is characterized by two autonomous tasks – short videos and/or photographs of the place and by short sentences. These tasks help the interviewee to trigger memories about these visits for a better understanding of the participants' experiences. You need a cell phone that can take pictures, at the very least. If you have any questions about your participation or the instructions please don't hesitate to ask!

Gift
Participate and help this investigation! By helping, you will receive writing material for your collaboration in Cultural Sonda and a small souvenir, as a thank you for your participation!

Instructions for the Cultural Probe

1st Record small videos and/or photographs in one of the locations on the map, at two different times – day and night. This map is on the back of the sheet.

2nd These videos and/or photographs are differentiated by four steps:

1. Go to the location;
2. Arrival at the location;
3. During the meeting/visit;
4. Departure from the site.

3rd There are small rectangles to write about your visit, such as what you are doing, the concerns of your meeting there, as well as your emotions and feelings during the visit. These rectangles are also found on the back of the sheet.

4th Send the videos and photos to the email provided and to WhatsApp by the given number. Please take a clear photo of the rectangles in which you wrote your sentences, requested in the third point, to send along with the photos and videos.

5th If you want to share something else, you are welcome!

After submitting these assignments, be aware that you will be contacted for the second and final part, the interview. The interview will be scheduled based on your availability and on your preference to be carried out in person or digitally, via Zoom or Skype.

Contacts:
+351 914 919 357
franciscamanuelguimaraes@gmail.com



- Examples of Locations:
- Beach area (Salgueiros, Miraflo, Francelos)
 - Avenida da República
 - Santo Ovídio
 - Jardim da Moura / Serra do Pilar
 - Serra do Bacalhau
 - Cais de Gaia
 - Alameda
 - Park of Lavandaria / other parks
 - Arealho de Oliveira do Douro, de Avintes

Vila Nova de Gaia Map

During the day:

During the night:

History of Vila Nova de Gaia

The city of Vila Nova de Gaia is located on the south bank of the Douro River, with the cities of Porto and Gondomar on the other side of the river. Since its beginning, in the 13th century, it has not changed in area, occupying almost always the same physical space, and this municipality is the largest in Greater Porto (NUT III).

In the 20th century, the municipality of Vila Nova de Gaia profoundly changed its urban area with Avenida da República, moving the nerve center to the upper level, where the City Council was built. This building was designed in 1916, by the Galense architect Oliveira Ferreira.

Nowadays, the city of Vila Nova de Gaia is known for its Port and Douro wine companies, the automobile, glass and electronic components industries. It is also known for its artists, musicians, painters, sculptors and architects and for its tourist activities that receive thousands of visitors each year.

Thank you for participating in this investigation! When it's over, you will receive the results!

Francisca Guimarães, Professor Allison Burrows and Professor Paula Trigueiros.



Universidade do Minho

2021.

Mestrado de Design de Produto e Serviços

Telefone: +351 253 510 500

Junho,

Investigadora: Francisca Manuel do Nascimento Guimarães
+351 914 919 357, franciscamanuelguimaraes@gmail.com

Orientadora: Alison Burrows | **Coorientadora:** Paula Trigueiros

Consentimento Informado

A importância do Feminismo como ferramenta no
Design de Produto e Serviços

A participação é voluntária.

A participação neste estudo é voluntária e a decisão de não participar não terá nenhum prejuízo. Pode, em qualquer altura durante o projeto, recusar participar, sem qualquer tipo de consequências.

Assinale com uma cruz se concorda com afirmações abaixo.

Li e compreendi a folha de informações sobre o estudo. Considerei as informações e esclareci dúvidas, sendo estas respondidas satisfatoriamente.

A minha participação é voluntária e estou livre para suspender a minha participação a qualquer momento, sem motivos.

Posso interromper a sonda cultural e a/as entrevistas a qualquer momento, caso não deseje continuar. Sei que todas as gravações serão apagadas e as informações recolhidas não serão incluídas no estudo, a menos que eu permita a utilização do conteúdo. Estou ciente de que posso não responder a qualquer pergunta que não queira.

Permito que as minhas informações pessoais recolhidas no projeto sejam armazenadas com segurança. Entendo que apenas as investigadoras deste projeto terão acesso a elas.

Permito que as entrevistas sejam gravadas, para serem analisadas pelas investigadoras mencionadas. Entendo que todas as informações que possam ser recolhidas na sonda cultural e nas entrevistas podem ser usadas em futuras publicações ou apresentações da equipa de pesquisa, excluindo informações pessoais.

Anexo F Consentimento Informado

Eu desejo que meus dados sejam tratados de forma anônima.

Eu concedo permissão para ser identificada por cargo profissional.

Eu concedo permissão para ser identificada por nome e cargo profissional.

Anexo H
Guião da entrevista, versão portuguesa.

Data: _____

Nome do participante:

Assinatura:

Introdução

Olá, espero que tudo tenha corrido bem desde a última vez que falamos. Queria agradecer, desde já, pela sua participação nesta investigação!

Esta investigação tem como objetivo questionar mulheres, entre os 20 e os 30 anos de idade, sobre as suas experiências cidadinas. Estas experiências estão divididas em três tópicos – segurança, transportes e equipamentos públicos. O objetivo deste projeto é promover boas-práticas de inclusão pelo Design de Produto e Serviços, relativamente ao público-alvo.

A entrevista é a segunda tarefa desta investigação e serve para consolidar as informações que se retiraram do Auto Registo, e também para explorar o significado que atribui às suas experiências. A entrevista está dividida em 4 partes; se preferir não responder a alguma questão, podemos passar à frente sem problema. Quero lembrar que esta conversa será gravada em áudio, para a poder transcrever. Mesmo assim, a sua identidade será mantida em anonimato posteriormente.

Questões da Entrevista

Questões Gerais (1ª parte):

- Pode falar sobre o exemplo de local que escolheu?
 - Porque escolheu este local?
 - Pode descrever o local? Como se encontrava o estado de conservação? (Caso conheça o local, falar sobre detalhes que conheça)

Questões sobre a experiência de dia e noite (2ª e 3ª parte):

De acordo com a sua experiência no local de dia/noite:

- O que fez quando foi visitar o local (de dia/noite)?
- Foi lá de propósito para concretizar o Auto Registo?
- Quanto tempo durou a sua visita (de dia/noite)?
- Foi acompanhada ou sozinha? Acha que a sua experiência seria diferente, caso fosse sozinha/acompanhada?
(de dia/noite)
- Recordando a sua experiência neste local, o que pode dizer que foi particularmente positivo sobre o local?
(de dia/noite)

- E o que foi particularmente negativo?
(de dia/noite)

Questões sobre o Auto Registo:

- A partir das suas fotografias/vídeos, o que a fez tirar estas fotos? Porque este detalhe? (Apresentar fotos e falar sobre algo que salte à vista/seja interessante)
 - Com a fotografia/vídeo que apresentou sobre a sua deslocação ao local, porque escolheu esse transporte?
 - Reparei que não fotografou/filmou sobre a forma de deslocação ao local. Porquê? (Caso não apresentem uma fotografia/vídeo do transporte)
 - Como foi a sua viagem?
 - Sobre retângulos que preencheu no Auto Registo, pode explicar o porquê das suas emoções/sentimentos? Estes devem-se ao local ou a outros fatores, que a fizeram sentir assim?

Questões finais (4ª parte):

- Acha que ser mulher tem alguma influência na sua experiência?
 - Lembra-se de alguma coisa em concreto? O quê?
- Pode especular o que podia ser diferente, em relação à sua experiência no local?
 - O que pode ser melhorado?
 - Qual acha que pode ser o papel do Design?
- Algo mais que queira partilhar sobre o estudo, o Auto Registo?

A entrevista acabou. Obrigada mais uma vez pela sua participação!

Anexo I
Guião da entrevista, versão inglesa.

Introduction

Hi, I hope everything has gone well since we last spoke. I would like to thank you for your participation in this investigation!

This investigation aims to question women between 20 and 30 years of age about their city experiences. These experiences are divided into three topics – public safety, transport and public equipment. The result of this project is to promote good practices of inclusion through Product and Service Design, in relation to the target audience.

The interview is the second task of this investigation and serves to consolidate the information that has been removed from the Self-Registration, and also to explore the meaning you give to your experiences. The interview is divided into 4 parts and, if you have a question that you prefer not to answer, we can skip ahead with no problem. I want to remind you that this conversation will be recorded in audio, to transcribe the interview. Even so, your identity will be kept anonymous later.

Interview Questions

General Questions (1st part):

- Can you talk about the example location you chose?
- Why did you choose this location?
- Can you describe the location? How was the state of conservation? (If you know the place, talk about details you know)

Questions about the day and night experience (2nd and 3rd part):

According to your experience at location about the day/night :

- What did you do when you went to visit the place? Was it just there to complete the Auto Registration?
- Were you accompanied or alone? How was your experience? Do you think it would be different if you were alone/accompanied?
- How long was your visit?
- Based on your experience at this location, what can you say that was particularly positive about the location?
- And what was particularly negative?

Self Registration Questions:

- From your photos/videos, what made you take these photos? Why this detail? (Display photos and talk about something that stands out/is interesting)
- With the photo/video you presented about your trip to the place, why did you choose this transport?
- I noticed that you didn't photograph/filmed on the way to travel to the place. Why? (If they do not have a photograph/video of the transport)
- How was your trip?
- About rectangles you filled in the AutoRegistration, can you explain why your emotions/feelings? Are these due to location or other factors that made you feel this way?

Final questions (4th part):

- Do you think being a woman has any influence on your experience?
- Do you remember anything in particular? Which?
- Can you speculate what could be different, in relation to your experience on the spot?
- What can be improved?
- What do you think the role of Design can be?
- Anything else you want to share about the study, the Auto Registration?

The interview is over. Thanks again for your participation!

Anexo J
Resultados das atividades do Auto Registo

FOTOGRAFIAS

Alda

Durante o dia:



"De manhã fui passear as cadelas, é rotina... ao longo do passeio senti-me no parque um bocado cansada e já preocupada com o que tenho de fazer ao longo do dia e preocupações futuras."

Durante a noite:



"A noite fui passear as cadelas (rotina) e por não ter ninguém senti-me mais relaxada, calma e em paz pelo silêncio da noite."

Bruna:

Durante o dia:



"Senti preocupação pela quantidade de pessoas à minhavolta, mas segura na mesma por poder escolher onde estive."

Durante a noite:



"Calma, porque estava pouca gente, mas nervosa por ser noite. A iluminação ajudou a relaxar."

Cátia:
Durante o dia:



"Durante a tarde, sem nada para fazer, decidi dar uma volta até à praia, tendo parado em frente à praia de valadares (foto 1). Após um sightseeing, decidi ir para a Praia da Aguda, o meu local de eleição, tanto para relaxar, como para me divertir. Ao chegar (foto 2), falei com uns amigos que depois vieram ter comigo para bebermos um copo. Enquanto estava à espera deles, estive sentada no muro (foto 3), a apreciar a vista e os pensamentos fluíam. Num momento de relaxamento, fui pensando na minha vida, no que poderia melhorar para chegar aos meus objetivos e, enquanto isso, disfrutar o caminho. Quando eles chegaram, passamos um bom bocado, a conversar sobre tudo e nada. Assim passamos um bom fim de tarde (foto 4)."

Durante a noite:

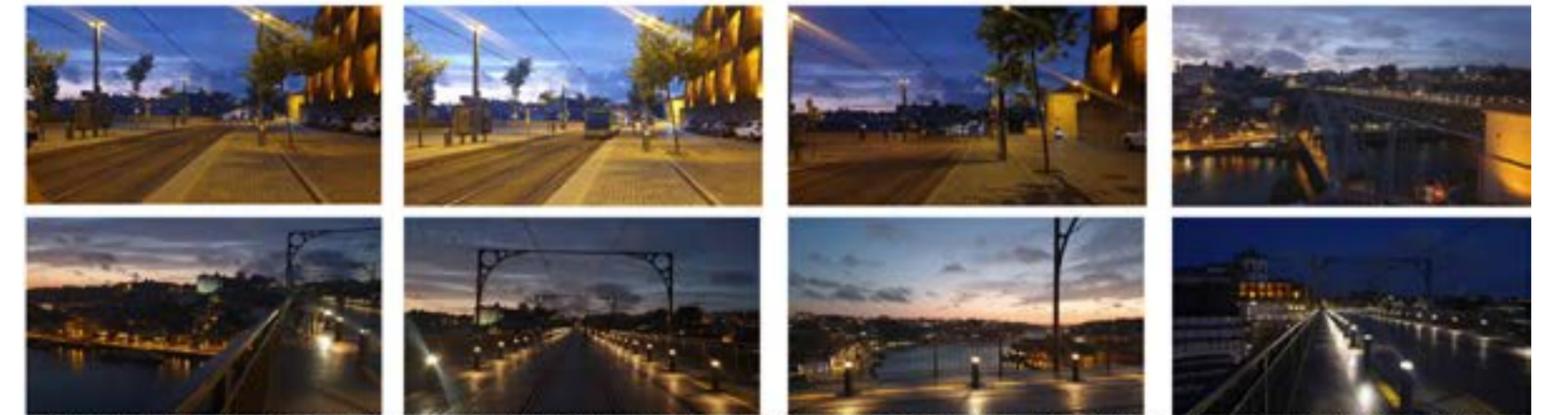


"Ao início da noite, estava com familiares e amigos, tendo sido decidido ir tomar café ao Senhor da Pedra (foto 1). Mas depois, como sempre, referi que podíamos ir ao meu local de eleição - Praia da Aguda. Lá fomos e, quando chegamos, fomos ao Ela's - bar em frente à praia -, petiscar e beber um copo (foto 2). Após isso, lá fui sozinha para o muro (foto 3), como sempre faço, e ao apreciar a vista, pensei na minha vida e nas minhas preocupações, naquele momento, a maior preocupação era o facto de estar a chegar a época especial de exames. Depois de algum tempo de convivência, lá decidimos ir embora. Para descontrair, na viagem para casa, vínhamos a apreciar Offspring (vídeo 1) sem preocupações nenhuma, com o ar condicionado no máximo, naquela noite fria de verão."

Daniela:
Durante o dia:



Durante a noite:



"When I took the pictures, because I had a bad experience last week in Porto, I was feeling the bridge everytime at in the morning it was fine for me because it was always people. So I was feeling safe, I was feeling like everything is fine because people was surrounding me and it was always crowd so it was fine. And in the night no one was there and not a lot of people was there like every three or two people everytime in the bridge. So everytime I was crossing the bridge I was feeling scared because I had a bad experience in this bridge. So yes, last time that I was in the bridge I decided it not to crossed it, because I was afraid for boys or for people because when you're alone you can shout but no one is going to hear you and the bridge is long so you can not feel safe or someone is gonna come or save you if something happen. So yes, that's it! I was scared, I was not feeling safe. I was feeling discriminated because I am a girl and I have had this experience in the bridge..."

Emília:
Durante o dia:



Durante o dia:
Este espaço fica próximo do meu local de trabalho e gosto de ir lá com minhas aulas de dança para ajudar - no o zelador e a dançarinas. A minha única preocupação aqui é a segurança dos alunos e a falta de iluminação e com logo a noite. O espaço precisa ser a este espaço e mais horas de segurança disponíveis.

Durante a noite:

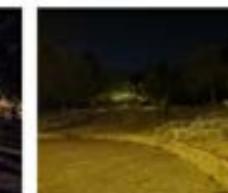
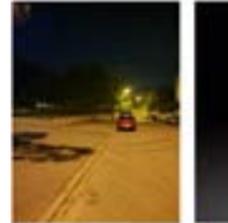


Durante a noite:
Depois de sair do trabalho, como não tenho a certeza, fui com o meu marido e a minha mãe e a minha irmã por lá a dançar. Durante a noite não me sinto de segurança. Gosto de ir lá com as dançarinas, mas não tenho a certeza de não ter de me preocupar com a segurança. Este é um local que gosto de ir lá depois do trabalho para estar com as minhas amigas.

Fipa:
Durante o dia:



Durante a noite:



Durante o dia:

1. É um local onde costumo ir para passear ou encontrar-me com amigos.
2. Fui com um amigo meu e estivemos algum tempo a conversar durante uma caminhada e antes de irmos embora estivemos sentados na escadaria.
3. O local onde nos sentamos tem várias entradas para a Serra de Canelas, as quais são bastante visíveis durante o dia.
4. Durante o dia há bastante gente a passear cães, fazer circuitos de manutenção/deporto ou a visitar o local por lazer.
5. Não senti nenhuma preocupação em particular. Durante o dia o espaço é calmo, bem iluminado e frequentado por algumas pessoas. Não teria problema em frequentar o espaço sozinha.

Durante a noite:

1. Voltei ao sítio com o mesmo amigo da visita durante o dia.
2. Voltámos a fazer uma pequena caminhada mas o tempo de visita já foi mais curto porque o espaço não é muito convidativo durante a noite.
3. O local encontra vários sítios com pouca iluminação onde se torna impossível ver a extensão do percurso, o que traz algum sentimento de insegurança que não incentiva a visita do espaço durante a noite.
4. Durante este período não existiu muita gente a circular pelo espaço, presumo que seja maioritariamente pessoal dos prédios a passear os animais de estimação.
5. Apesar de não ter sentido nenhuma preocupação em particular, sei que não seria por estar acompanhada. Não frequentaria o espaço sozinha durante a noite.

Góia:

Durante o dia:



"O passeio foi agradável, tive a companhia de uma das minhas melhores amigas que já não via há uns meses e fui a um sítio que raramente visito, a Seca do Bacalhau. Pessoalmente eu adoro a zona da praia para caminhar e para estar com as pessoas a conversar, principalmente se estiver bom tempo como foi o caso."

Durante a noite:



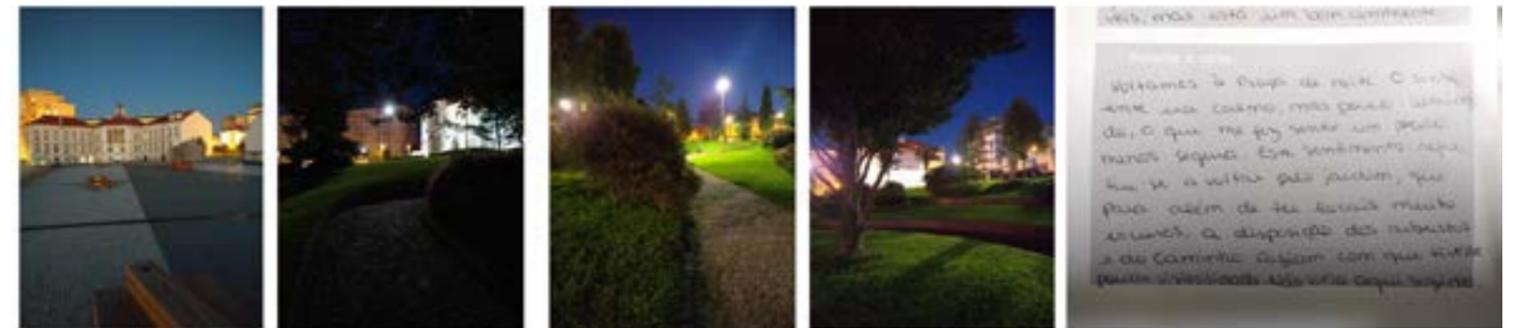
"Voltei ao mesmo sítio por coincidência, desta vez na companhia dos meus pais. Se gosto da praia de dia, gosto ainda mais de noite. Uma sexta-feira à noite implica muito mais movimento e que normalmente é uma coisa má para mim, mas apesar disso conseguimos na mesma ter um passeio pela marginal muito simpático. Para mim foi um momento de relaxamento."

Helena:

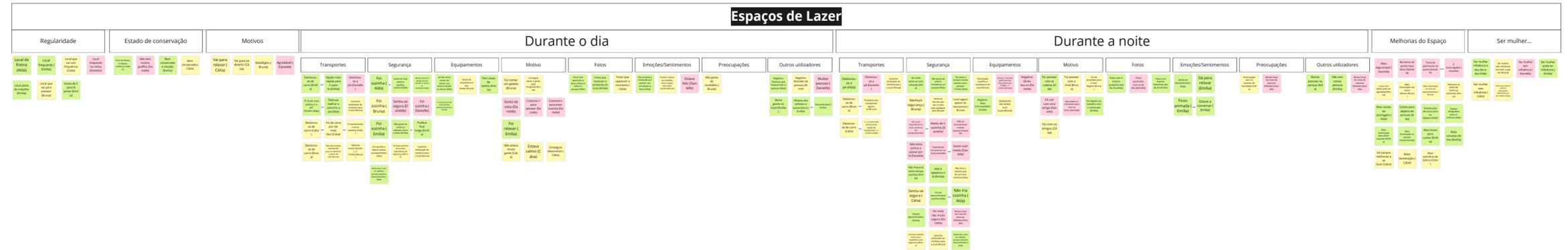
Durante o dia:



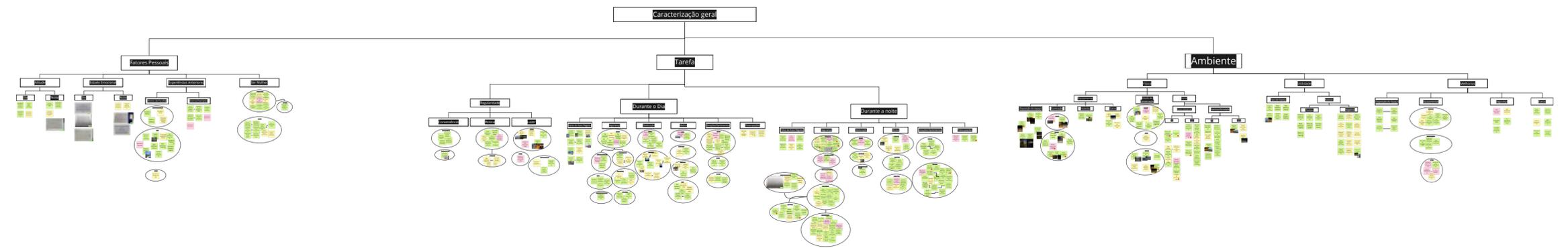
Durante a noite:

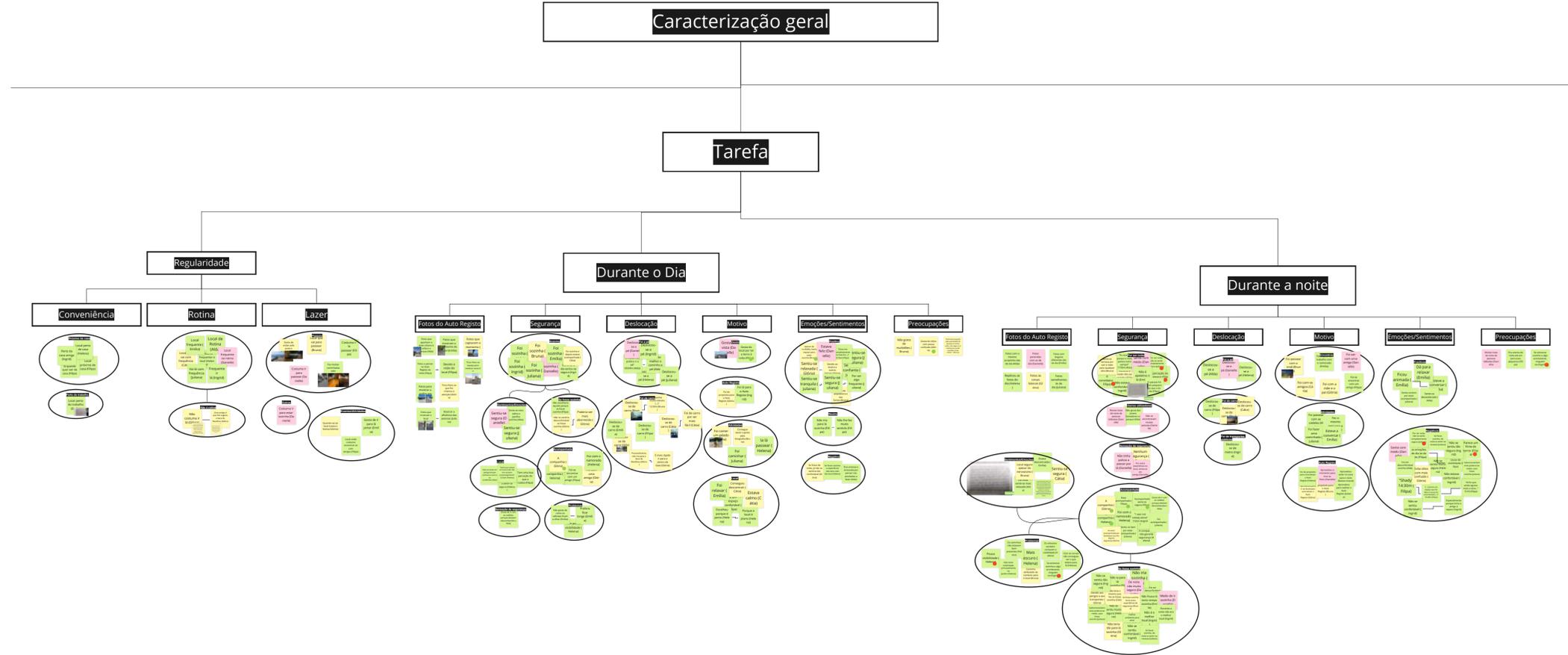
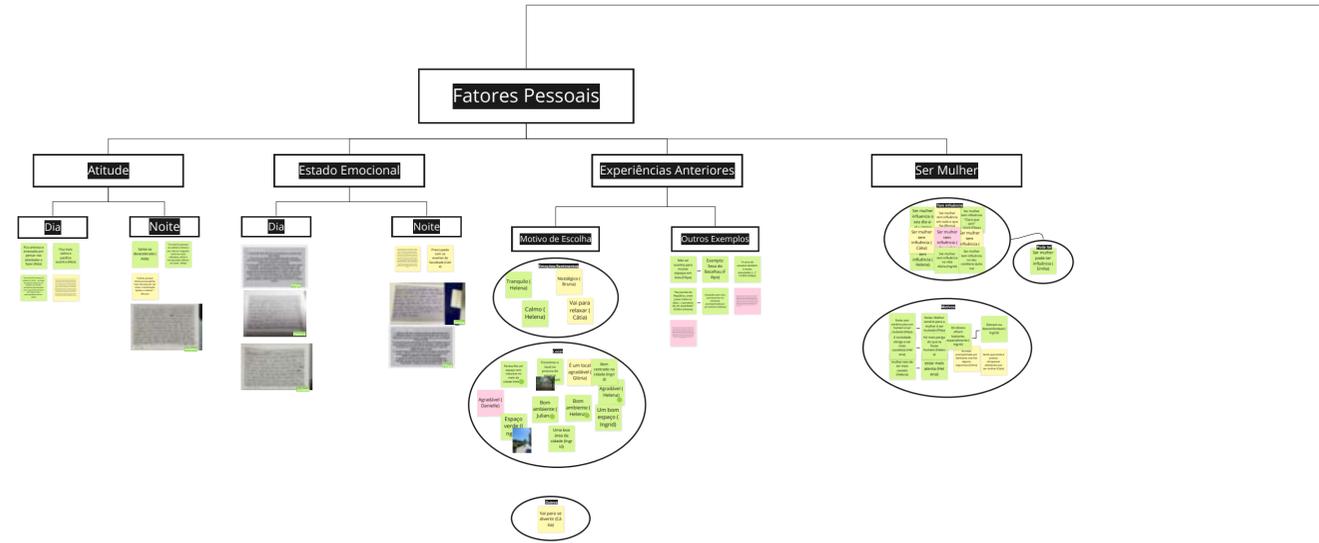


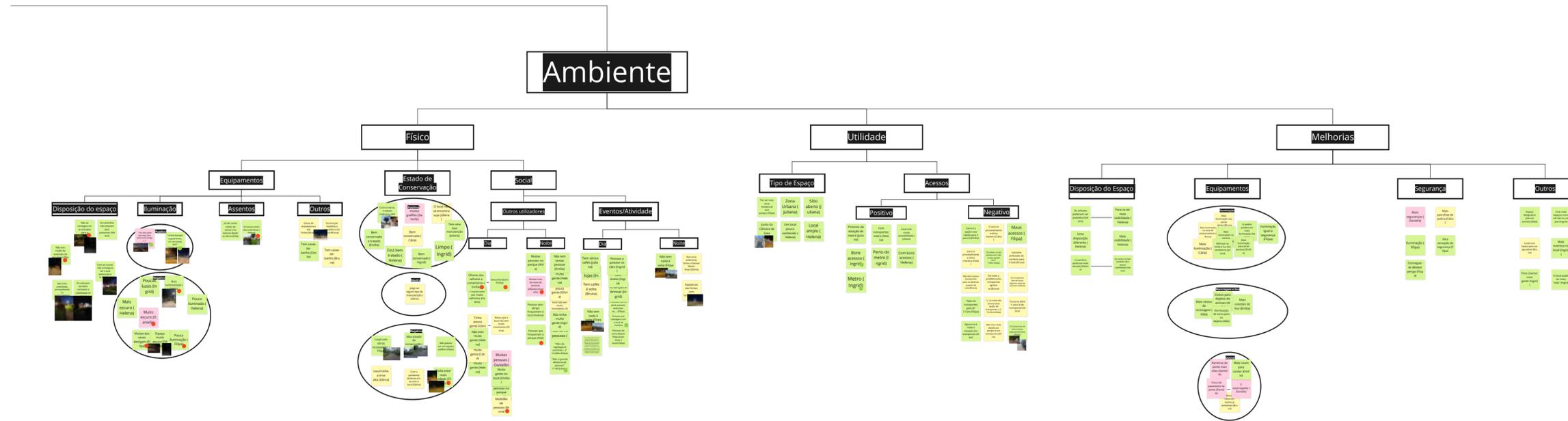
Anexo K
Diagrama de Afinidades, versão 1.

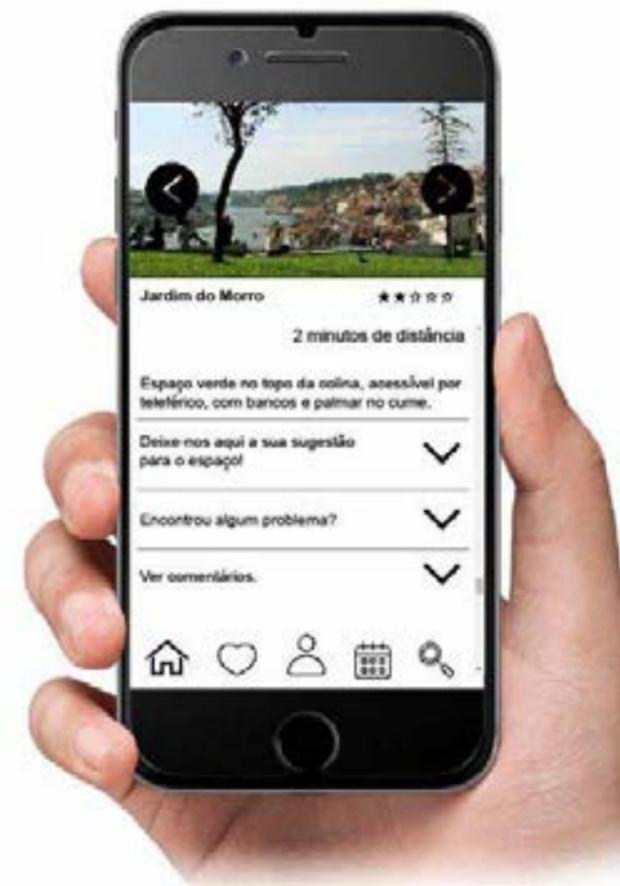


Anexo L
Diagrama de Afinidades, versão final.











**Protecção contra tudo,
até de noite!**



É de dia, nada acontece!

